

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO INTEGRADA DE TERRITÓRIO

LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO, AMBIENTE E SAÚDE - LEAS

João Batista Rodrigues da Silva Filho

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AMBIENTE DE RESIDENTES  
FIXOS E DE NÃO RESIDENTES PRATICANTES DE MOTOCICLISMO  
OFF-ROAD E DO MOUNTAIN BIKE, NA ÁREA DE PROTEÇÃO  
AMBIENTAL DO PICO DA IBITURUNA**

Governador Valadares

Abril de 2014

JOÃO BATISTA RODRIGUES DA SILVA FILHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AMBIENTE DE RESIDENTES  
FIXOS E DE NÃO RESIDENTES PRATICANTES DE MOTOCICLISMO  
OFF-ROAD E DO MOUNTAIN BIKE, NA ÁREA DE PROTEÇÃO  
AMBIENTAL DO PICO DA IBITURUNA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada de Território, do Programa de Pós-graduação em Gestão Integrada de Território da UNIVALE.

Orientadora: Dra. Maria Cecília P. Diniz

Governador Valadares

Abril de 2014

JOÃO BATISTA RODRIGUES DA SILVA FILHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AMBIENTE DE RESIDENTES FIXOS E DE  
NÃO RESIDENTES PRATICANTES DE MOTOCICLISMO OFF-ROAD E DO  
MOUNTAIN BIKE, NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO PICO DA  
IBITURUNA**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestre em Gestão  
Integrada de Território, do Programa de Pós-  
graduação em Gestão Integrada de Território  
da UNIVALE.

Orientadora: Dra. Maria Cecília P. Diniz

Governador Valadares, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria de Oliveira Cintra  
Universidade Federal de São João Del Rei

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suely Maria Rodrigues  
Universidade Vale do Rio Doce

Aos meus pais, João Batista (in memoriam) e Maria Noeme. Fraternalmente, eternamente.

À esposa e companheira Dilza, aos nossos filhos Daniel e Isabela, e ao nosso neto Arthur que chegou ao final da última curva, minha gratidão. Minhas inúmeras ausências estão aqui justificadas. Muito ainda caminharemos juntos! Que a vida, em sua infinita generosidade, conceda-me tempo o suficiente para retribuir todo bem que me fazem. Amo vocês!

### **Agradeço também!**

À Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Cecília P. Diniz “Cecília”. Quantas idas e vindas. Dores, incertezas, medos, angústias, alegrias, descobertas. Pessoas não se encontram por acaso, tudo está escrito. Sua cumplicidade e simplicidade no ato de ensinar fizeram com que eu me sentisse a vontade para sempre buscar o horizonte para além da próxima curva. Como disse o poeta Fernando Pessoa:

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

Meu respeito, admiração e gratidão!

Aos residentes fixos na região do Pico da Ibituruna, moradores da Comunidade da Microrregião do Córrego do Brejaúba. Em especial, nas pessoas de D. Ângela, Ailton, Sr. Dario e Abelardo.

Aos praticantes de Mountain Bike, aqui representados pelo pessoal da Ibituruna Bike – Odair, Edneia, Marjorie Saulo (Major), pela acolhida e inúmeros cafezinhos na espera dos ciclistas para as entrevistas. E pelo pessoal da Bike Trilha nas pessoas de André Bretas e Fábio Dupim (Fabão), pelo apoio e convocação dos ciclistas para as entrevista, além do bom papo aos sábados pela manhã.

Aos praticantes de Motociclismo Off/Road. Milinho da Transa Motos pelas dicas e orientações sobre os pontos de reunião dos motociclistas, além da atenção dispensada e interesse pelo estudo aqui proposto. E a todos aqueles que desligaram o motor para atender ao pedido da entrevista.

Ao pessoal do Escritório do IEF/Regional Rio Doce/Governador Valadares pela disponibilidade das informações sobre a área de abrangência deste estudo, em especial a Adele Meire Rodrigues Rena (Técnica Ambiental – IEF, Gestora da Unidade de Conservação Estadual Pico da Ibituruna) e os Monitores Ambientais Rafael e Adonias, residentes fixos na região do Pico da Ibituruna.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce pelo apoio e sensibilidade às questões envolvidas nesse estudo, abrindo oportunidades para o debate, possibilitando a aproximação da área da

Educação Física da UNIVALE com o Mestrado em Gestão Integrada do Território. Cada um de vocês territorializou um determinado espaço em mim.

Aos colegas de mestrado, pelas tessituras e redes. Vejo vocês pelo caminho.

Aos autores, com os quais me relacionei à distância e no silêncio da leitura solitária no decorrer desse estudo, o meu muito obrigado pela partilha do conhecimento. Já não somos mais tão estranhos uns aos outros.

Aos amigos, Juzivaldo “Valderez de La Portera”, Edson “Edinho” e Maurício “Mau”, a quem sempre confio a ponta da corda, pelos inúmeros momentos nos quais compartilhamos saberes. Continuaremos a aprender juntos, seja na trilha, na rocha ou nas águas do Rio Doce.

Aos professores, amigos, Destter e Dangelo, pela paciência nas inúmeras vezes em que eu “puxava” a conversa para o lado das discussões sobre Território e suas interfaces com as questões envolvendo os Esportes na Natureza e o Lazer Ecológico. O escafandro de vocês deve ter ficado cheio!

Aos alunos do Curso de Educação de Física da Universidade Vale do Rio Doce, pelas oportunidades de troca de conhecimento na disciplina Esportes na Natureza e Lazer Ecológico, bem como nos seminários e mesas redondas promovidos nos últimos dois anos.

Tio João Joca e Tia Eni, a alegria de vocês por minhas conquistas são o combustível para entrar em outra nova trilha. Um beijo grande do seu sobrinho/filho.

Às Professoras Dra. Ana Maria de Oliveira Cintra e Dra. Suely Rodrigues por aceitarem o convite para minha Banca de Dissertação.

À Profa. MS. Waleska Armond pela troca incondicional de opiniões e informações acerca da área das Ciências Biológicas que trata das questões ambientais. Valeu Waleska, aprendo sempre muito com você.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida de Sá Xavier. Como eu lhe disse Airam, a primeira orientadora a gente jamais se esquece. O objeto de estudo, há que se reconhecer, foi você quem provocou para que eu chegasse nele. Relevante foi o dia em que você me apresentou I Fu Tuan e as discussões sobre a Topofilia. Não tenho dúvidas que mesmo a distância física nos separando tão precocemente, continuamos a compartilhar comportamento afetivo em relação a natureza.

Aos irmãos desencarnados pela intuição e presença. A fé inabalável é construída dia após dia e não há que se sentir desamparado – o grande arquiteto é luz, força e amparo, sempre!

À Alta Montanha Cerro Aconcágua, fonte de inspirações e estímulo para novos desafios. Em 2014 nos conheceremos mais de perto!

No final desta trilha encontrei o Prof<sup>o</sup> Haruf Spindola Salmen. Cada conceito sobre território aqui tratado, e suas relações com o objeto de estudo proposto, tem sua parcela de contribuição. As conceituações e definições não foram construídas por meros exemplos. Mais que isso, deu-nos a capacidade de ler, compreender, refletir e construir os conceitos a partir dos conhecimentos passados naquelas manhãs de sábado e na aula de campo pelo Vale do Rio Urupuca.

## **Agradecimento Especial**

Ao Prof. Kássio Vinícius Castro Gomes (in memoriam), que cumprindo sua jornada terrena partiu em direção a outro azimute, pela significativa contribuição às práticas corporais de aventura em ambientes naturais, levando-as para além do senso comum na região de Governador Valadares.



Isto sabemos.  
Todas as coisas estão ligadas  
como o sangue  
que une uma família....

Tudo o que acontece com a Terra,  
acontece com os filhos e filhas da Terra.  
O homem não tece a teia da vida;  
ele é apenas um fio.  
Tudo o que faz à teia,  
ele faz a si mesmo.

TED PERRY, inspirado no Chefe Seattle.

## RESUMO

O tempo e o espaço dão conta de expor que a região do Pico da Ibituruna vem passando por processo contínuo de uso desordenado do ambiente. As práticas do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike podem estar contribuindo de alguma maneira para a descaracterização do ambiente natural na referida região, considerando que territorializam o ambiente natural usufruindo dos recursos naturais existentes. Os residentes compõem um território já estabelecido, produzindo e reproduzindo territorialidades carregadas de sentimento de pertencimento ao lugar. **Objetivo:** Identificar as representações sociais do ambiente de residentes e de não residentes, estes praticantes do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike no Pico da Ibituruna. **Metodologia:** Optamos pelo referencial teórico das representações sociais, com enfoque qualiquantitativo, identificado como Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. Foram entrevistados grupos distintos: praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro, de Mountain Bike e Residentes Fixos. **Resultados:** Foi constatado que os sujeitos entrevistados não têm clareza em relação às principais diferenças entre os conceitos de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos naturais e recursos ambientais. As relações que os sujeitos entrevistados estabelecem com o meio ambiente no Pico da Ibituruna sinalizam ser o ambiente um mero pano de fundo para a concretização de suas práticas corporais. O caráter funcional é marcado por relações de puro e simples consumo dos recursos naturais. Foi possível observar uma postura frente ao ambiente que sugere traços de distanciamento entre homem e natureza. **Conclusão:** Consideramos que através do DSC foi possível desvelar intencionalidades que permeiam tais práticas corporais na natureza em relação à apropriação e uso dos recursos naturais disponíveis na região de abrangência deste estudo. **Palavra-Chave:** Representação social. Práticas corporais. Ambiente.

## ABSTRACT

The time and space can expose that the Ibituruna's Pike region comes through a continuous process of appropriation and disorderly environment use. The Motorcycling Off Road/Endurance and Mountain Bike practice can contribute somehow for this natural environment mischaracterization in the related region, considering the natural resources uses for realization of his corporal practices. The dwellers compound an already established territory, producing and reproducing territorialities, loaded of local belonging feelings, born and raised in the region, occupying and exercising social practices conquered over time. The reported nature corporal practices practitioners, uses the dwellers territory to realization of their sports, breaking territorial boundaries, territorializing, appropriating the space without the owners aware their presence. **Objective:** To analyze the social representation of the environment of residents and Motorcycling Off Road/Endurance and Mountain Bike practitioners non-residents in the Ibituruna's Pike to identify the functionality and territorialities symbolism. **Methodology:** We opted for the social representation's theoretical methodological framework, with qualitative approach, called Collective Subject Discourse (CSD). Different groups were interviewed: Motorcycling Off Road/Endurance and Mountain Bike practitioners and fixed residents. **Results:** It was observed that among the practitioners, the natural environment is just a simple stage for the sports and leisure role. For the dwellers the natural environment is a subsistence place. For the both spacing traces between human-nature relations were realized. **Conclusion:** through CSD we could unveil intentionalities that underlying these nature bodily practices in the appropriation and available natural resources use in this study region.

**Keyword:** Social representation. Bodily practices. Environment.

## LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1: Fotografia da vista do Pico da Ibituruna na BR 116, na Serra do Onça.	21
FIGURA 2: Fotografia Rampa de Voo - Pico da Ibituruna.	22
FIGURA 3: Fotografia Rampa de Voo lateral - Pico da Ibituruna.	23
FIGURA 4: Fotografia do conjunto de antenas, receptores de sinal de satélite e imagem da Santa no cume do Pico da Ibituruna.	24
FIGURA 5: Fotografia do conjunto de antenas, receptores de sinal de satélite e imagem da Santa no cume do Pico da Ibituruna.	25
FIGURA 6: Fotografia de construção na encosta norte do Pico da Ibituruna.	25
FIGURA 7: Fotografia da vista panorâmica do Pico da Ibituruna.	28
FIGURA 8: Mapa dos biomas de Minas Gerais.	29
FIGURA 9: Fotografia de nascente na encosta leste do Pico da Ibituruna.	30
FIGURA 10: Carta imagem da Unidade de Conservação do Pico da Ibituruna.	68
FIGURA 11: Localização da Matinha, espaço utilizado para a prática de Boulder.	73
FIGURA 12: Localização Trilha Beneton, Trilha da Farofa e Trilha do Macuco.	74
FIGURA 13: Localização Trilha do Village do Sol, Trilha Nova América, Comunidade do Córrego do Brejaúba/ Campo Escola de Escalada em Rocha, Quintal do Adonias.	75
FIGURA 14: Localização Trilha da Embratel.	76
FIGURA 15: Localização da estrada de acesso à Comunidade do Córrego do Brejaúba, que faz ligação com a trilha Nova América. Utilizada para a prática do Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike.	77

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1: Sítios Arqueológicos e situação atual em relação à prática dos Esportes na Natureza	47
QUADRO 2: Grupo de ciclistas, trilhas e caminhos.	85

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AC – Ancoragem

AIDS - Acquired Immune Deficiency Syndrome

APA – Área de Proteção Ambiental

APE – Área de Preservação Ambiental

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

GPS – Global Position System

HIV - Human Immunodeficiency Virus

IAD – Instrumentos de Análise do Discurso

IC – Ideia Central

IEF – Instituto Estadual de Florestas

MG – Minas Gerais

QLQT – QualiQuantSoft

RNAV – Area Navigation

RS's – Representações Sociais

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRS's – Teoria das Representações Sociais

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

WP – Way Points

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	20
<b>CAPÍTULO 1</b>	27
1– AONDE IR: PICO DA IBITURUNA	28
<b>1.1- Pico da Ibituruna</b>	29
<b>CAPÍTULO 2</b>	32
2– O PROBLEMA DA PESQUISA: ESPORTES NA NATUREZA E SUAS CONEXÕES E DESCONEXÕES COM O AMBIENTE	33
<b>2.1- Cenário</b>	33
<b>2.2– O ambiente natural enquanto território para as práticas esportivas: desafios teóricos e conceituais</b>	36
<b>2.3– Educação Física e os Esportes na Natureza: longo caminho a percorrer</b>	41
<b>2.4- Práticas corporais em ambientes naturais: uma construção permeada por desencontros</b>	45
<b>2.5– Contextualização histórica à luz de Vanreusel: esportes e natureza na zona do conflito ambiental</b>	49
<b>CAPÍTULO 3</b>	54
3- ESTABELECEENDO O AZIMUTE	55
<b>3.1- Pesquisa Qualitativa</b>	55
<b>3.2- Teoria das Representações Sociais: uma breve revisão de conceitos</b>	56
3.2.1- O Discurso do Sujeito Coletivo: muitos atores, um discurso coletivo	63
<b>3.3- A escolha do Azimute: Aspectos metodológicos do estudo</b>	67
3.3.1- Way Points	67
3.3.1.1- Local do Estudo	68
3.3.1.2- População do Estudo	69
3.3.2- Plano de Coleta e Análise de Dados	71
3.3.2.1- Identificações e Mapeamentos	71
3.3.2.2- Entrevistas	78

3.3.2.3- Tratamento dos Dados	79
3.3.2.4- Considerações Éticas	79
<b>CAPITULO 4</b>	81
<b>4- O PERCURSO: RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	82
<b>4.1- Do espaço ao lugar: utilização do território e disseminação das “Próteses Humanas”</b>	82
<b>4.2- Perfil dos Entrevistados</b>	84
4.2.1- Territorialidades e a prática corporal do Mountain Bike	84
4.2.2- Territorialidades e a prática corporal do motociclismo Off-Road/Enduro	86
4.2.3- Territorialidades e os Residentes Fixos	87
<b>4.3- As Ideias Centrais e as Ancoragens em relação ao problema</b>	89
4.3.1- Questão 1: Tem sido muito discutida questões relativas ao Meio Ambiente. Para você, o que é Meio Ambiente?	89
4.3.2- Questão 2: Quais questões você julga mais importantes para a discussão sobre esse tema?	91
4.3.3- Questão 3: Que relações você estabelece com o Meio Ambiente no Pico da Ibituruna em suas práticas?	95
4.3.4- Questão 4: Como você vê a maneira com a qual as pessoas, que frequentam o Pico da Ibituruna, se relacionam com ele?	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	106
<b>FIM DA TRILHA: HORA DE CHEGAR EM CASA, RECORDAR, PARTILHAR LIÇÕES APRENDIDAS NA CAMINHADA E SE PREPARAR PARA A PRÓXIMA EMPREITADA</b>	107
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	110
<b>ANEXOS</b>	117
Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação no projeto de Pesquisa	118
Anexo 2- Roteiro de Entrevista	120
Anexo 3- Aprovação Comitê de Ética	121



**APRESENTAÇÃO**

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.*

*Fernando Pessoa*

Iniciei o curso superior de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa em 1982. Em virtude de minha profissionalização como triatleta, e por força de patrocinadores, me transferi para a Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF onde me graduei em 1987. Minha experiência na docência se deu antes mesmo da conclusão do ensino superior, trabalhando na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais/APAE em Viçosa (1984) e em escolas de Juiz de Fora (1985 a 1988). A partir de 1988 tive a oportunidade de trabalhar em escolas públicas e privadas nos estados do Amazonas, Pará, Bahia, Goiás, Ceará e Minas Gerais, ministrando aulas de Educação Física em todos os segmentos, além de atuar como coordenador e diretor de escola. Em 2002, ano de meu ingresso no ensino superior pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, concluí a especialização em Metodologia do Ensino Superior nesta mesma instituição, na qual atuo até os dias atuais como docente. Hoje acumulo também a função de coordenador do curso de Educação Física - Licenciatura e Bacharelado, além de coordenar dois projetos de extensão e participar de Colegiado, Conselhos e Câmaras.

Quando iniciei o Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território, pela Universidade Vale do Rio Doce, percebi que o quadro de regularidade não seria uma constante no processo de realização do estudo proposto considerando, a princípio, que as investigações que desenvolveríamos tinham como protagonistas seres humanos, os quais circulam por territórios comuns. Esta circulação é marcada por territorialidades pessoais que podem expor muitas trilhas no percurso do lugar a ser estudado trazendo a reboque descontinuidades, inquietações e surpresas ao longo do mesmo.

Muitos foram os fatores que intervêm na escolha de um tema para estudo, estes por sua vez articulam-se de acordo com a trajetória pessoal do pesquisador e em relação a um contexto mais amplo determinado por tempo e espaço histórico. A temática ora proposta apresentava-se para mim de dupla forma, não só a escolhi, mas também fui por ela escolhido, numa dinâmica farta em construções e desconstruções contínuas durante os anos de vivência no ensino superior.

Neste espaço de tempo tive a oportunidade de me aproximar e conhecer sobre a temática dos esportes na natureza através de estudo e pela convivência com o Prof. Kássio Vinícius

Castro Gomes que disseminou e desenvolveu práticas corporais em ambientes naturais na região de Governador Valadares para além do senso comum. Ao Kássio (in memoriam), meu respeito e consideração!

A dissertação que ora apresento reflete, como não poderia deixar de ser, minha trajetória de vida. Recordo-me de um dos grandes momentos que vivi com meu pai, farmacêutico e professor universitário, quando eu estava ingressando no curso superior de Educação Física na Universidade Federal de Viçosa. Em um daqueles almoços de domingo quando o filho que estudava fora vinha visitar a família ele me perguntou: então, você está estudando Educação Física em curso de Licenciatura, você será um professor? Naquela época, motivado pelas lembranças da recente ditadura militar da qual fomos vítimas – recordando as perseguições pelas quais aquele professor havia sofrido, bem como os constantes processos de desvalorização da categoria, respondi-lhe de pronto: *Deus me livre, disso eu não quero sofrer, eu vou ser é treinador de alguma equipe, escola jamais!* Segue a vida...

Aqui estou há 27 anos atuando profissionalmente como professor de Educação Física, 12 deles dedicados exclusivamente ao ensino superior.

No transcorrer de minha história de vida venho construindo uma trajetória profissional que sempre esteve relacionada ao esporte, e a partir de um determinado momento à Educação Física. Mais tarde, conheci as atividades físicas praticadas na natureza, período a partir do qual pude vivenciar o *trekking*<sup>1</sup>, o *hiking*<sup>2</sup> e a escalada em rocha<sup>3</sup>.

Embora sendo hoje um profissional da área de Educação Física, minha carreira teve início no transcorrer de minha juventude junto ao esporte amador como praticante da modalidade de atletismo, mais tarde como atleta universitário e posteriormente com atleta profissional na modalidade do *triathlon*<sup>4</sup>. Práticas essas que contribuíram sobremaneira para minha formação profissional e pessoal, considerando as experiências vivenciadas.

---

<sup>1</sup> *Trekking*: caminhada realizada por caminhos e trilhas, com graus de dificuldades variados e que exige logística de suporte para pelo menos um pernoite.

<sup>2</sup> *Hiking*: caminhada realizada por caminhos e trilhas, com graus de dificuldades de moderado para fácil, na qual o retorno ao ponto inicial se dá no mesmo dia sem pernoite no trajeto.

<sup>3</sup> Escalada em Rocha: prática corporal de ascensão em rochas que envolve risco, demandando conhecimento e técnica específicos.

<sup>4</sup> Triathlon: modalidade esportiva que envolve as práticas corporais da natação, ciclismo e corrida. Nessa ordem o praticante tem distâncias a cumprir em uma prova, não podendo dispensar nenhuma delas.

O material apresentado aqui é o resultado final do percurso de uma investigação científica, que a mim se apresentou como um processo regular e contínuo onde, desde o início de sua empreitada, antevi, às vezes com rígida precisão, o delineamento final desta pesquisa.

De uma forma ou outra, o caminho para a descoberta é sempre instigante, levando-nos ao fascínio, embora este se apresente muitas vezes árduo, penoso e solitário.

Creio que os transtornos e as inúmeras reconduções do caminho percorrido até aqui serviram a mim como fator de enriquecimento pessoal e intelectual, contribuindo sobremaneira para reflexões sobre questões que se apresentaram como objeto de inquietação neste estudo.

Chegou o momento de compartilhar!



O Pico da Ibituruna<sup>5</sup>, atração turística conhecida de Governador Valadares, está localizado na região Leste do Estado de Minas Gerais, com altitude máxima de 1.123 metros do nível do mar e 990 metros do nível do Rio Doce - manancial aquífero que corta a cidade. A região do Pico da Ibituruna é considerada Área de Proteção Ambiental (APA) desde 1992.

Nesta ainda podem ser encontrados remanescentes da Mata Atlântica, mananciais de água cristalina, fauna e flora diversificadas, apesar de todo um processo descontrolado de utilização dos bens naturais. Pimenta (2009), mostra que deste local foram catalogados mais de 240 espécies de plantas e vários animais, alguns, como a jaguatirica e o gato-do-mato, hoje ameaçados de extinção.

Por sua grandiosidade, o Pico da Ibituruna tornou-se um marco de referência para os que chegam à região podendo ser avistado a distância, considerando condições atmosféricas em dia sem nebulosidade. As paisagens que se descortinam do ponto mais alto da elevação topográfica também são fatores que despertam o fascínio dos frequentadores, bem como dos residentes locais (Figura 1).

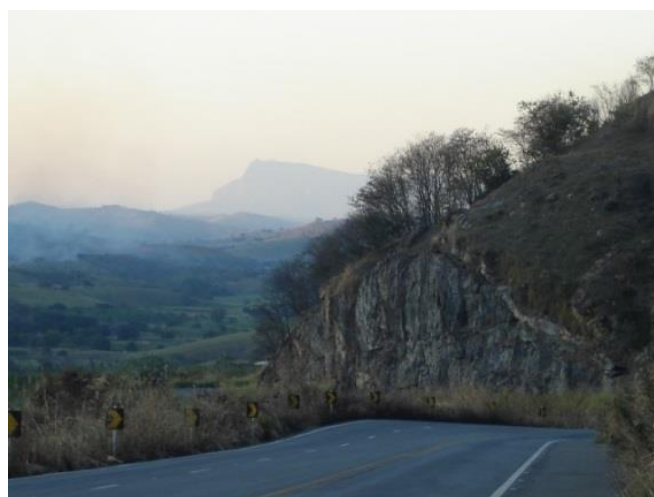


Figura 1: Fotografia da vista do Pico da Ibituruna na BR 116, na Serra do Onça. A 50 km de Governador Valadares. Fonte: Acervo Pessoal de SILVA FILHO, JBR – 24/02/2013.

Como atrativos para o público que almeja a prática dos esportes na natureza e do lazer ecológico observa-se a existência de potencial para a prática do *Mountain Bike*<sup>6</sup> e do Motociclismo

---

<sup>5</sup> Ibituruna em tupi-guarani significa Serra Negra ou Pedra Negra. Foi tombado como patrimônio paisagístico pela Constituição Estadual (1989, art.84), e desde 2003, o chamado “Complexo Monumentos do Ibituruna”, que compreende, além do Pico, a Santa e a Capela/pedestal, é tombado pelo município de Governador Valadares (Dossiê de Tombamento enviado para pontuação no ICMS – Patrimônio Cultural - IEPHA/MG, Exercício 2008).

<sup>6</sup> Mountain Bike: prática corporal com bicicleta utilizando-se de trilhas e caminhos em ambiente natural;

*Off-Road/ Enduro*<sup>7</sup>, além do *Trekking* e do *Hiking* e da Escalada em Rocha. Para a prática da Escalada em Rocha já existem Vias Grampeadas<sup>8</sup>, sendo as mais procuradas as localizadas na Comunidade do Brejaúba, onde há um Campo Escola de Escalada, implantado pelo curso de Educação Física da Universidade Vale do Rio Doce em 2003.

Para essas modalidades não há no município de Governador Valadares uma Política Pública de Esporte e Lazer estabelecida. Eventos esportivos envolvendo-as ocorrem por iniciativa particular sem um planejamento municipal nessa direção, o que pode nos levar a entender que utilizam o ambiente natural de maneira desordenada deixando o mesmo à própria sorte.

O potencial para a prática dos Esportes na Natureza e do Lazer Ecológico não se restringe ao ambiente terra, há também a possibilidade de praticá-los no ambiente ar, neste caso o Vôo Livre. De acordo com informações disponíveis no site da Associação Brasileira de Vôo Livre – ABVL (2011), [...] *Governador Valadares, em Minas Gerais, é mundialmente conhecida por suas térmicas abundantes, vôo em todas as direções, facilidade de resgate e receptividade de sua gente aos voadores*. No cume do Pico da Ibituruna existem atualmente duas plataformas construídas em madeira, e parte da encosta que foi gramada, que servem como rampas destinadas à decolagem para vôos em Asa Delta e Parapente (Figuras 2 e 3).

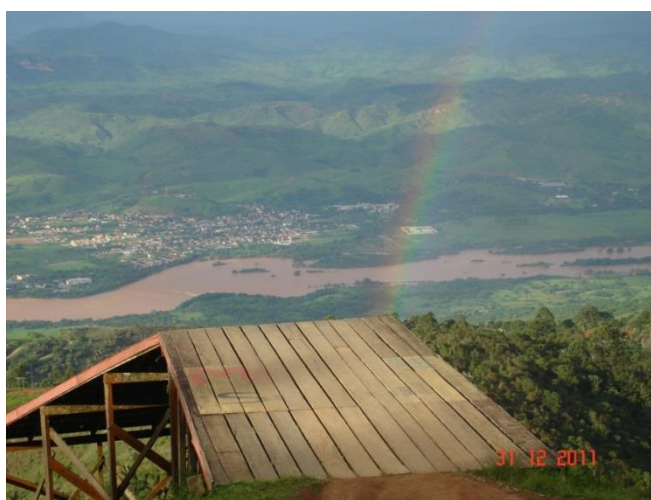


Figura 2 - Fotografia Rampa de Voo - Pico da Ibituruna. Acervo Pessoal de SILVA FILHO, JBR – 31/12/2011

<sup>7</sup> Motociclismo Off-Road: modalidade de esporte onde se utiliza uma motocicleta para percorrer trilhas e caminhos vencendo os obstáculos naturais;

<sup>8</sup> Vias Grampeadas: caminhos em vertical nas rochas que servem como proteção fixa para a segurança dos escaladores para a prática da Escalada em Rocha.



Figura 3 - Fotografia Rampa de Voo lateral - Pico da Ibituruna. Acervo Pessoal de SILVA FILHO – 31/12/2011

Neste lugar são realizados campeonatos internacionais, nacionais e regionais de vôo livre, que atraem o público ao cume da montanha, além dos olhares daqueles que, da cidade, contemplam os referidos vôos.

No ponto mais alto do pico, na face frontal à cidade, está localizada a imagem de Nossa Senhora das Graças, a “Santa” como é identificada pelos cidadãos valadarenses, sendo este um dos dez maiores monumentos feito em concreto do Brasil (Inventário da Oferta Turística – SEBRAE – [www.descubraminas.com.br](http://www.descubraminas.com.br), acessado em 28/10/2011). Há também um número significativo de antenas que servem de suporte para receptores de sinais de satélite - em torno de 40 antenas e aproximadamente 310 receptores (Figuras 4 e 5), além de residências construídas na encosta a nordeste do referido maciço (Figura 6).

Estes são sinais visíveis da descaracterização do ambiente natural, localizados no cume do Pico da Ibituruna, o que permite associar às “próteses humanas”, conforme expostos por Santos (1998).

Neste sentido o referido autor diz que: *[...] no começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses (Santos, 1998, p. 39).*

Desta forma, transformando o espaço em lugar por meio de suas ações e técnicas cotidianas, o homem cria uma configuração territorial que passa a ser, cada vez mais, o resultado de sua



produção histórica no espaço e que esta tende a uma negação da natureza natural, acarretando assim na substituição desta por uma natureza inteiramente humanizada, transformada.

Os sinais de descaracterização do ambiente natural no Pico da Ibituruna não se restringem apenas ao cume da montanha. Estes podem ser observados através das marcas deixadas no solo, decorrentes da presença humana.

Nas poucas áreas de mata atlântica observam-se sinais que acusam a presença do homem, seja pela utilização da mesma como área consorciada para pastagem ou em trilhas decorrentes da prática de atividades esportivas na natureza, das quais se destacam duas delas por serem consideradas de maior incidência: rastros deixados pela prática do Motociclismo Off-Road e *Mountain Bike*, objetos deste estudo.

O tempo e o espaço dão conta de expor que a região do Pico da Ibituruna, com sua beleza natural exuberante capaz de encantar visitantes e valadarenses, vem passando por processo contínuo de apropriação e uso desordenado do ambiente, no qual as práticas esportivas podem contribuir de alguma maneira para a descaracterização deste ambiente natural. Já nas propriedades rurais, onde se manifesta principalmente as atividades agropecuárias, plantio de hortaliças e cultura de subsistência, o que chama a atenção é o grande número de barragens que represam a água, alterando significativamente seu fluxo, contribuindo para a alteração dos ecossistemas existentes.



Figura 4 - Fotografia do conjunto de antenas, receptores de sinal de satélite e imagem da Santa no cume do Pico da Ibituruna. Acervo Pessoal de SILVA FILHO, JBR – 31/12/2011

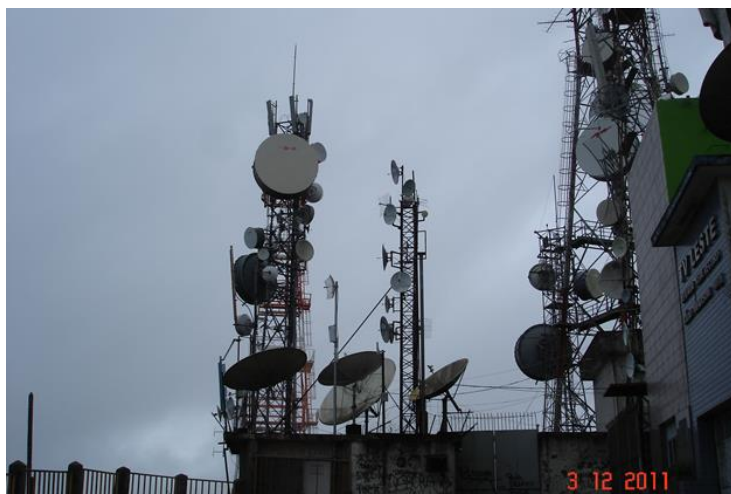


Figura 5 - Fotografia do conjunto de antenas, receptores de sinal de satélite e imagem da Santa no cume do Pico da Ibituruna. Acervo Pessoal de SILVA FILHO, JBR – 31/12/2011



Figura 6 - Fotografia de construção na encosta norte do Pico da Ibituruna. Acervo Pessoal de SILVA FILHO, JBR – 11/03/2012

Os residentes compõem um território já estabelecido, produzindo e reproduzindo territorialidades, carregadas de sentimento de pertencimento ao lugar, já que muitos são nascidos e criados na região, ocupando e exercendo práticas sociais estruturadas ao longo do tempo.

Os praticantes das referidas práticas corporais na natureza utilizam, também, o território dos residentes para efetivação de seus esportes e como forma de lazer, rompendo fronteiras territoriais, territorializando e em muitas das vezes se apropriando do espaço sem que os proprietários tenham conhecimento prévio da sua presença.

Essas questões relacionadas à apropriação e dominação do território instigam a busca sobre os sentidos que tem o ambiente para aqueles que o utilizam. Isto é relevante por permitir identificar as intencionalidades com que se apropriam do ambiente natural para satisfazer suas necessidades

esportivas, de lazer e laborais, para então entender se estas relações estabelecidas com o ambiente são topofílicas, expressando um sentido de afetividade em relação ao mesmo.

No sentido da Topofilia, proposto por Tuan (1980), qual seria o resultado das experiências esportivas vivenciadas num espaço concebido, sobretudo para este fim, ao ar livre e em contato com elementos naturais e recursos paisagísticos, em relação ao ambiente? Há um reconhecimento do ambiente natural como tal ou este é concebido como palco/pano de fundo onde se concretizam as necessidades e expectativas dos praticantes do Motociclismo *Off-Road* e do *Mountain Bike*?

Pode-se ainda identificar elementos que contribuam para uma análise comparativa da concepção de ambiente entre os residentes fixos e os praticantes das referidas modalidades de esportes, que poderão trazer à luz contribuições para a integração dos sujeitos considerando aspectos históricos e socioculturais.

Enfim, a proposta é investigar o território descrito na APA do Pico da Ibituruna, com o sentido de compreender as maneiras pelas quais as pessoas lidam com o espaço em sua totalidade. Para tal nosso objetivo geral é identificar as representações sociais de ambiente de residentes fixos e de não residentes, estes praticantes do Motociclismo *Off-Road* e do *Mountain Bike* na APA do Pico da Ibituruna. Para cumprir com este objetivo, propusemos os seguintes específicos:

- Identificar as áreas de propriedade particular e com moradores fixos na APA do Pico da Ibituruna;
- Identificar e mapear as áreas utilizadas pelos praticantes do Motociclismo *Off-Road* e do *Mountain Bike*;
- Conhecer e comparar as representações sociais sobre ambiente que permeiam os residentes fixos e os não residentes praticantes do Motociclismo *Off-Road* e do *Mountain Bike* na APA do Pico da Ibituruna.



## 1 – AONDE IR: PICO DA IBITURUNA

*“Passa uma borboleta por diante de mim  
E pela primeira vez no Universo eu reparo  
Que as borboletas não têm cor nem movimento,  
Assim como as flores não têm perfume nem cor.  
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,  
No movimento da borboleta o movimento é que se move,  
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.  
A borboleta é apenas borboleta  
E a flor é apenas flor.”*

*Alberto Caeiro, in "O Guardador de Rebanhos"  
Heterónimo de Fernando Pessoa.*



Figura 7: Fotografia da vista panorâmica do Pico da Ibituruna. Acervo pessoal de Érika Miranda, gentilmente cedida.

### 1.1- Pico da Ibituruna

De acordo com o Instituto Estadual de Floresta – IEF (2012). (Fig. 2), o Pico da Ibituruna é uma área de preservação permanente, com domínio de Mata Atlântica, com Floresta Estacional Semi decídua Montana e Sub-montana, localizada na região Sudeste do Brasil, no estado de Minas Gerais, na região do Médio Rio Doce, no Maciço da Ibituruna, perímetro urbano do Município de Governador Valadares-MG, à sudeste da cidade, na margem direita do Rio Doce.

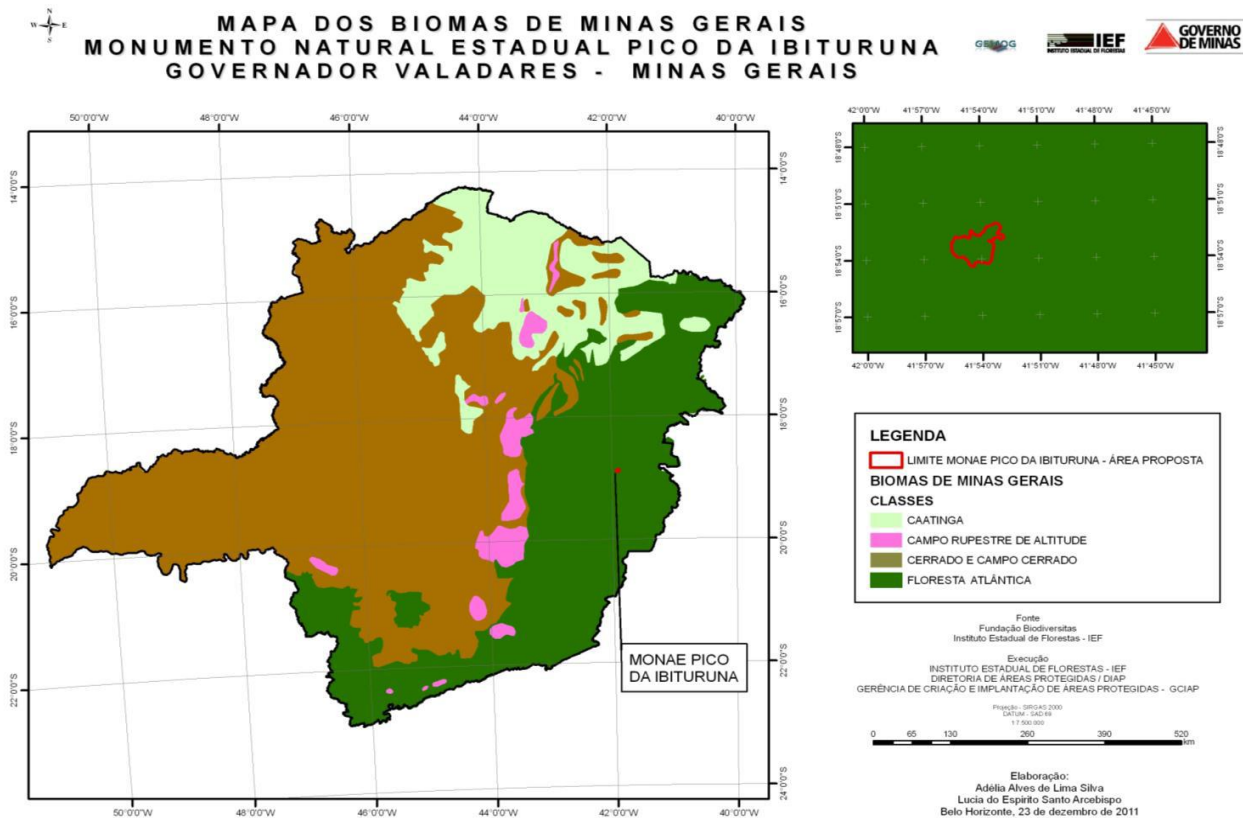


Figura 8: Mapa dos biomas de Minas Gerais. Fonte: Documentos Institucionais Instituto Estadual de Florestas – IEF/MG, 2012

Na área de influência da APA do Pico da Ibituruna ainda podem ser encontrados remanescentes da Mata Atlântica, mananciais de água cristalina (Fig 9), fauna e flora bem diversificadas, apesar do visível processo desordenado de ocupação e uso dos bens naturais.

Pimenta (2009) registra que neste local foram catalogados mais de 240 espécies de plantas e vários animais tais como a paca e a capivara, além da jaguatirica e o gato-do-mato hoje ameaçados de extinção.

De acordo com levantamentos feitos pelo IEF, em Relatório Técnico (2012) para subsidiar documentação destinada à elevação da APA do Pico da Ibituruna à condição de Monumento Natural Estadual Pico da Ibituruna, a Mastofauna<sup>9</sup> do local é composta por 16 espécies em 13 famílias de mamíferos de grande porte: veado, cachorro do mato, jaguatirica, gato do mato, irara, quati, mão pelada, cuica, gambá, macaco prego, capivara, esquilo, tatu, entre outros. Sua Avifauna<sup>10</sup> registra a ocorrência de 69 espécies pertencentes a 13 ordens e 26 famílias.



Figura 9 - Fotografia de nascente na encosta leste do Pico da Ibituruna. Acervo Pessoal de SILVA FILHO, JBR – 24/02/2013

Neste Relatório Técnico o IEF sinaliza a fragilidade do referido ambiente ponderando que [...] a área tem predominância de espécies pioneiras e secundárias iniciais, porém encontra-se em “estágio de regeneração predominante” decorrentes dos inúmeros eventos de incêndios florestais na região, afirmando haver vulnerabilidade natural alta e prioridade para conservação alta e muito alta (Relatório Técnico APA do Pico da Ibituruna, 2012).

No referido Relatório Técnico faz-se também referências às atividades esportivas que buscam o ambiente natural para sua consecução, dentre elas o Mountain Bike e o Motociclismo Enduro/Off-Road, para as quais aponta a “necessidade de ordenamento e planejamento para não tornar a atividade insustentável e potencial degradadora dos recursos naturais” (Relatório Técnico APA do Pico da Ibituruna, 2012).

Com o objetivo de aguçar nossas reflexões quanto à transformação do espaço em lugar, buscando compreender como se dá a ocupação do território da APA do Pico da Ibituruna no sentido

---

<sup>9</sup> Mastofauna: compreende os mamíferos de pequeno, médio e grande porte.

<sup>10</sup> Avifauna: compreende as aves de pequeno, médio e grande porte.

dos seus ordenamentos, vale ressaltar que ainda não foi realizado um Plano de Manejo para a APA do Pico da Ibituruna, apesar de sua constituição datar de 1983 como consta no Decreto 22662, de 14/01/1983 que cria a Área de Preservação Especial – APE, em ementa que define como [...] *proteção especial, para preservação de mananciais e do patrimônio histórico paisagístico, área de terreno situada no Pico do Ibituruna, no município de Governador Valadares* (Assembleia de Minas – Legislação Mineira, Decreto 22662, de 14/01/1983).





## 2 – O PROBLEMA DA PESQUISA: ESPORTES NA NATUREZA E SUAS CONEXÕES E DESCONEXÕES COM O AMBIENTE

Novas possibilidades de práticas corporais esportivizadas pelo homem surgem, a cada dia, como frutos da racionalização do tempo e do espaço, bem como da modernidade imposta pelo consumismo.

Como ressonâncias da criatividade e da necessidade vital de mudança inerente aos seres humanos, dentre outras possibilidades, é possível notar, especialmente, uma significativa demanda no que se refere a atividades esportivas em contato com a natureza, conduzindo-nos a inúmeros questionamentos quanto ao significado de tais práticas, bem como suas inúmeras repercussões na vida humana e nos ambientes naturais.

Nessa perspectiva, a partir do “diálogo” com alguns autores de diferentes áreas do conhecimento, os quais tem se dedicado de maneira direta ou indireta à temática eleita, este capítulo tem como objetivo apontar pistas, na tentativa de melhor compreender o movimento esportivo de aproximação ao ambiente natural, bem como seus elementos constitutivos e suas repercussões na sociedade em geral, dadas as múltiplas territorialidades observadas na região priorizada para o estudo.

Nossa hipótese é de que essas múltiplas territorialidades observadas na área de inserção deste estudo, além de incorporarem uma dimensão estritamente política em seu bojo, dizem respeito também, como afirma Haesbaert (2005, p. 3), [...] *às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”*.

Portanto, consideramos serem pertinentes as reflexões e discussões acerca dos esportes na natureza, buscando compreender através da literatura específica como estes são construídos pelos seres humanos; como o praticante se relaciona com o ambiente natural durante suas práticas esportivas, para então encontrarmos respostas no que tange às conexões e desconexões entre práticas esportivas em ambientes naturais e o ambiente natural.

### **2.1- Cenário Esportivo em Ambientes Naturais**

No Brasil, a territorialização de ambientes naturais para as práticas de atividades de aventura na natureza tem apresentado crescimento significativo, práticas essas divulgadas por operadoras de ecoturismo e turismo de aventura.

Essas atividades comumente têm sido identificadas com esportes de aventura, sendo classificados como terrestres, aquáticos e aéreos dependendo do local da sua prática. Estes são praticados em ambientes naturais e utilizam os obstáculos naturais para sua prática, também conhecidos como outdoor<sup>11</sup>. Entre os ditos esportes outdoor podemos citar o hiking, o trekking, a escalada, as corridas de aventura, o surf, o rafting, o montanhismo, o motociclismo Off-Road, entre outros.

Dados do Ministério do Turismo apontam para um crescimento na ordem de 7,6% no período de 2004 a 2010 (<http://www.dadosfatos.turismo.gov.br>). Ações mercadológicas implementadas pelo Ministério do Turismo tem contribuído de maneira substancial para que tal fato se concretize, como por exemplo, a criação do Programa Aventura Segura que atua na estruturação, qualificação, certificação e fortalecimento do turismo de aventura e ecoturismo no país desde 2006.

Segundo o Ministério do Turismo, o turismo de lazer é o preferido do visitante estrangeiro. Dados de 2011 apontam que:

O segmento de sol e praia é o preferido para 60,2% dos entrevistados. Natureza, ecoturismo e aventura aparecem em segundo lugar, com 26,9%. O lazer foi apontado como a principal motivação de viagem para 46,1% dos turistas estrangeiros que visitaram o Brasil em 2010. Outros 23,3% viajaram a negócios ou para participar de feiras e convenções. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 13/10/2011).

Concomitante aos fatos e dados acima descritos, muito se tem falado sobre as práticas corporais de aventura realizadas em ambientes naturais (VANREUSEL, 1999; MARINHO, 2000; ALMEIDA, 2005; BAGGIO, 2007; MARION e WIMPEY, 2007), denominados em sua maioria como esportes de aventura, esportes na natureza ou eco esportes.

Dada a intensidade com que as informações sobre os mesmos são veiculadas pelas várias mídias (revistas, canais abertos e fechados de televisão), pode-se dizer que há um bombardeio delas sendo disponibilizados para a população em geral.

Essas informações apresentam características mercadológicas, tratando muitas vezes o assunto de forma superficial, estimulando o consumo puro e simples dessas atividades bem como de toda uma indústria tecnológica destinada aos mesmos.

Em contrapartida, observa-se que a produção científica nessa direção ainda caminha a passos lentos não apresentando resultados significativos que possam contribuir para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Segundo Teixeira e Marinho (2001) a produção científica nesse sentido ainda se encontra tímida, muitas das vezes os estudos são desenvolvidos com pouca profundidade passando um

---

<sup>11</sup> Outdoor: em ambiente aberto.

sentido de prática pelo modismo atual, desconsiderando questões outras envolvidas na temática como, por exemplo, os impactos dessas práticas nos ambientes naturais; a fragilidade dos ambientes naturais utilizados para tais práticas; o não dimensionamento da carga suportável pelo ambiente em questão; a ausência de Plano de Manejo, dentre outras.

Cerca de três décadas essas práticas corporais que estimulam uma aproximação do homem com a natureza se tornaram mais evidentes, estabelecendo uma tendência na sociedade de buscar ambientes naturais para realizar tais práticas. Essa tendência, segundo Darido (2005), pode estar retratando uma nova dimensão do relacionamento homem-natureza (DARIDO, 2005, pg. 183).

Porém, o que se vê é uma exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza que, de acordo com Spink (2005), traduzem uma busca pelos riscos inerentes a essas práticas corporais em ambientes naturais.

É notória a expansão das atividades de aventura e a escolha por tais atividades, não somente pelo desejo de enfrentamento ao risco, pode também ser traduzido pelo desejo de aproximação maior e mais intensa com o meio natural, sendo este movido por inúmeros ideais.

De acordo com Teixeira (2005), os esportes de aventura oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer, em função de suas características que promovem, inclusive, a ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida.

Ainda, no sentido da expansão das práticas corporais em ambientes naturais, de acordo com Bruhns (1997, p.87), [...] *essa expansão pode ser consequência do afastamento do homem da natureza pela própria estrutura da sociedade capitalista em que vivemos hoje, onde muitos “preferem acumular riquezas ao invés de perder tempo (já que tempo é dinheiro) numa comunicação com a natureza”*.

No entanto, o crescimento dessas práticas trás a tona uma nova discussão: os esportes de aventura na natureza trazem como consequências a preservação ou a degradação do meio ambiente?

De acordo com Marinho (2001) essas atividades produzem:

(...) uma definição bastante reduzida da natureza. Esta, por sua vez, passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir as necessidades dos praticantes que procura satisfação e prazer. A natureza, levada, então, a um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. O conhecimento e a proteção ambiental, nesse contexto, parecem ser irrelevantes. (MARINHO, 2001, p. 144).

Nesse sentido, a natureza passa a ser um mero palco para a prática de tais atividades, nas quais o homem chega, consome o que lhe é necessário e conveniente para o momento e parte deixando apenas o rastro de sua presença.

Retornando a Marinho (2001, p.147), veremos que se por um lado, reportagens mostram que, nessa busca pelo risco, pela aventura, a natureza, algumas vezes, pode ser percebida como um mero cenário atrativo para a prática esportiva, por outro, atitudes de respeito e cuidado também surgem nas entrelinhas desse jogo de representação.

Mas, esse respeito e cuidado não surgem facilmente. De acordo com Figueiredo (2002, p. 96), [...] *é ingênuo pensar que apenas a prática de atividades junto à natureza, por si só, seja suficiente para a compreensão das questões ambientais mais profundas. Principalmente porque, muitos desses esportes podem estar reforçando a ideia de superioridade frente à natureza que tem o homem.*

Portanto, a ideia de que o contato com a natureza traz ao praticante dos esportes na natureza uma consciência ecológica no sentido de promover a melhoria da qualidade de vida e a preservação do meio ambiente é superficial, por que não dizer leviana e perigosa para o próprio ambiente natural.

Contudo, podemos inferir que se faz necessária intervenção no sentido de promover que tais práticas sejam realizadas de maneira a levar às reflexões mais profundas acerca das incursões do homem nos ambientes naturais. Assim nosso estudo se justifica.

## **2.2- O ambiente natural enquanto território para as práticas esportivas: desafios teóricos e conceituais.**

Território é conceituado por Raffestin (1999) como sendo o espaço no qual há a manifestação das relações humanas, seja ela para qual fim se deseja, estando presente nessas relações aquelas envolvendo o poder.

Em sua obra merecem destaque o caráter político do território, bem como o conceito de espaço geográfico, este último entendido pelo referido autor como sendo o substrato, um palco para as realizações humanas e que preexiste ao território.

Neste sentido, Raffestin (1993) afirma que:

[...] É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Raffestin (1993) trata com clareza essa questão da diferenciação entre espaço e território, ressaltando que a presença humana no espaço é o fator preponderante. Afirma que território é [...] *um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder* (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Portanto, território não é espaço, apesar de se apoiar nele para que se concretize como tal. Mas, não é o espaço e sim uma produção a partir do espaço, ou seja, território é construção envolvendo questões relacionadas ao tempo e ao espaço.

Faz-se necessário, portanto, enfatizar uma categoria essencial para a compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Poder e território, apesar da autonomia de cada um, vão ser enfocados conjuntamente para a consolidação do conceito de território. Assim, o poder é relacional, pois está intrínseco em todas as relações sociais.

Saquet (2007, p. 7) nos coloca que [...] *território é conteúdo, meio e processo das relações sociais (onde se fixam as identidades) e das relações de exterioridade (homem-natureza), paisagem na qual se desenvolve o tempo histórico e o tempo das simultaneidades.*

Em relação ao poder e as relações envolvidas na construção deste, vamos encontrar em Haesbaert (2005, p. 2) a afirmativa de que, [...] *território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.*

Vale ressaltar sobre o sentido de apropriação e de dominação aqui utilizados, sendo este à luz de Lefebvre (1986. apud. HAESBAERT, 2005, p. 2 - 4), que diz [...] *o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.*

De acordo Haesbaert (2005, p. 5), o uso do Território acentua conflitos, estes decorrentes das trocas ocorridas em seu interior. Neste sentido, podemos arguir, para o caso dos esportes praticados em ambientes naturais, como se dão as trocas ocorridas no território? Há disputa de poder no processo de territorialização? No processo de utilização do ambiente natural para concretização das práticas esportivas envolvendo o Motociclismo Off-Road e o Mountain Bike, quais relações são estabelecidas entre os praticantes e o meio ambiente? E mais, em relação à

territorialização das trilhas no Pico da Ibituruna para as referidas práticas esportivas, o que é preponderante em relação ao meio ambiente: dominação ou apropriação em relação ao lugar?

Tendo como pano de fundo a história do homem, no início a configuração territorial se resume ao conjunto das “coisas” naturais, ou seja, tudo aquilo que antecede à chegada do ser humano. À medida que a história da humanidade vai sendo produzida, temporal e espacialmente, por consequência, a configuração territorial também é produzida através das obras dos homens - hospitais, supermercados, edifícios, pontes, portos, aeroportos, parques, cidades, etc. – ao que Santos (1987) denomina “verdadeiras próteses”. Segundo o referido autor, a configuração territorial tem uma relação direta com a produção histórica do território e esta, por sua vez, tem suas relações ao distanciamento do homem da natureza natural. Neste sentido, Santos (2007), afirma que:

[...] A configuração territorial criada é cada vez mais o resultado de uma produção histórica, que por sua vez tende a uma negação do homem da natureza natural que é substituída pela natureza humanizada, produzida, e esta produção reflete as intenções do homem no espaço – no passado, no presente e no futuro (SANTOS, 1987, p. 62).

Neste estudo, com base na citação acima, quando problematizamos acerca das referidas práticas esportivas no ambiente natural do Pico da Ibituruna, o objetivo é investigar sobre como se dá a relação homem/ambiente natural durante a realização dessas práticas corporais, buscando identificar as intencionalidades para posteriormente, após análises, conhecer como se processam as territorializações dos espaços que envolvem as trilhas e caminhos utilizados pelos praticantes do Motociclismo Enduro/Off-Road e do Mountain Bike, e qual sentido tem o ambiente para estes.

Com bases nos referidos autores (RAFFESTIN, 1993; HAESBAERT, 2005; SAQUET, 2007; SANTOS, 1987), podemos tomar como tese inicial para nossas reflexões que o uso do território do Pico da Ibituruna, neste caso as trilhas e caminhos utilizados para as práticas do Motociclismo Enduro Off/Road e do Mountain Bike, de alguma forma influi direta ou indiretamente na configuração do território.

Diante disso, faz-se necessário avançar nas discussões para além do senso comum, uma vez que de acordo com Pickering e colaboradores (2009) para tais práticas consideradas um tanto quanto novas para a sociedade, a comunidade científica ainda não possui resultados capazes de corroborar com a tese de que estes esportes possam contribuir negativa e significativamente para a degradação ambiental onde são realizadas.

Porém, leviano seria considerar que tudo vai bem entre praticantes dos esportes na natureza e ambiente natural. Percebe-se uma fragilidade nessa relação, talvez justamente pela escassez de pesquisas nesse sentido e por serem práticas relativamente novas na sociedade.

Marion e Wimpey (2007), em publicação da International Mountain Bike Association (2007, p. 3-4), que trata dos impactos do Mountain Bike sobre o meio ambiente, afirmam ser esta uma prática nova e que, portanto, ainda não existem estudos científicos que estabeleçam uma relação direta entre Mountain Bike e degradação do ambiente.

Ainda em relação às práticas envolvendo o ciclismo no ambiente natural, vamos encontrar em Pickering e colaboradores (2009) um estudo onde fizeram uma comparação entre as práticas do Hiking, Mountain Bike e Horse Riding com o objetivo de identificar os impactos provocados por estes no solo e na vegetação das trilhas e caminhos por onde passam, a seguinte conclusão:

Impactos biofísicos decorrentes das práticas das caminhadas são mais pesquisados do que aqueles provocados pela prática da cavalgada com cavalo e o mountain bike. Há impactos em comum a todas as três atividades, embora as diferenças na severidade do impacto, com passeios a cavalo apresente maiores impactos por usuário do que caminhadas. Para mountain bike, é difícil avaliar os impactos relativos como há pouca pesquisa nessa direção, principalmente através de métodos experimentais quantitativos e estilos de pilotagem mais realistas. Há impactos da atividade específica que podem prejudicar o meio ambiente, mas é necessária mais investigação. Esperamos que este comentário ajude os gestores, pesquisadores, usuários e organizações de conservação, destacando o que é conhecido, mesmo considerando os resultados atuais das pesquisas nesse sentido, vale ressaltar que ainda há muito mais que precisamos descobrir. (PICKERING et al. 2009, p.7, Tradução nossa).

No caso específico da modalidade Mountain Bike, de acordo com os referidos autores do estudo citado acima, percebe-se ser difícil avaliar essa relação entre a prática da modalidade e os impactos ambientais provocados pela mesma, isso decorrente de questões envolvendo o estilo de pilotagem de cada um dos ciclistas, o que pode vir a ser um fator de aumento da complexidade para estudos futuros, uma vez que cada um dos praticantes utiliza as trilhas e caminhos a seu modo, neste caso para suprir suas necessidades físicas e de lazer.

Em relação ao motociclismo Enduro/Off-Road, Stokowski e LaPointe (2000) também afirmam ser esta uma prática relativamente nova, crescente nas três últimas décadas (séc. XX). Porém, estudos já identificaram que esta prática esportiva apresenta severas alterações ambientais nas trilhas acompanhadas por significativa erosão e compactação do solo reduzindo a qualidade das trilhas e que, portanto, [...] *requerem medidas de gestão avançadas para desenvolver e manter seguro a qualidade das trilhas* (STOKOWSKI e LAPOINTE, 2000, p. 20).



Retornando às questões envolvendo o Território e suas conceituações, podemos avançar um pouco mais em nossas reflexões sobre as relações existentes entre as práticas corporais esportivizadas pelo homem, e que utilizam do ambiente natural para suas concretizações, entendendo que estas, neste caso específico o Motociclismo Off-Road e o Mountain Bike, são formas de territorialização, e que podem, por meio das intencionalidades de seus praticantes, expressarem sentimentos e relações diversas em relação ao ambiente. Também, que há nessas práticas relações de poder que compõem as tessituras territoriais sendo dele inseparáveis uma vez que são emanadas desses grupos sociais.

Nesta direção, semelhante à forma de estabelecimento de relações entre Território e Poder propostas por Raffestin (1993), a ideia de Poder também é uma constante na discussão sobre território feita por Saquet (2004), que afirma:

O território é produzido espaço-temporalmente pelas relações de poder engendradas por um determinado grupo social. Dessa forma, pode ser temporário ou permanente e se efetiva em diferentes escalas, portanto, não apenas naquela convencionalmente conhecida como o “território nacional” sob a gestão do Estado-Nação. (SAQUET apud , BORDO, SILVA, NUNES, BARBOSA E MIRALHA (2004, p. 5).

Saquet (2004), faz um resgate das diferentes interpretações do conceito de território levando em consideração as três vertentes mencionadas por Haesbaert (jurídico-política, econômica e cultural), como sendo essenciais para se fazer as interligações necessárias.

No entanto, além dessas três vertentes (*econômicas, políticas e culturais*), Saquet (2004) também considera a vertente da natureza essencial para se fazer as interligações necessárias à compreensão do território, por considerar que está sempre presente dentro do território, afirmando que [...] *a Natureza está no território, é dele indissociável* (SAQUET, 2004, p. 6).

Neste sentido, faz-se emergente que o assunto Território, em uma perspectiva contemporânea, seja levado a cabo nas abordagens dos Esportes na Natureza dentro da área específica da Educação Física, uma vez que esta ao se apropriar das práticas corporais que levam o homem ao ambiente natural, e por consequência colocando-o em contato direto com a natureza, sejam capazes de conduzir ações efetivas em relação ao ambiente natural no sentido de proporcionar ao sujeito (seja ele um esportista ou turista) não somente o prazer do desafio da descoberta do desconhecido, mas, e principalmente, a um processo de educação ambiental capaz de fazê-lo compreender-se parte de todo um sistema de vida.

### 2.3- Educação Física e os Esportes na Natureza: longo caminho a percorrer.

Para Teixeira e Marinho (2010) a produção científica no Brasil, no que tange aos esportes e atividades de lazer que utilizam o ambiente natural para sua realização, reconhecidas como atividades de aventura, ainda apresenta-se de forma tímida, não havendo produção específica e substancial capaz de contribuir significativamente para o tema em questão.

Segundo Teixeira e Marinho (2010), [...] *embora tenha ocorrido um aumento significativo na constituição de grupos que pesquisem sobre o assunto, ainda, não há uma produção específica e substancial, capaz de consolidar as reflexões necessárias, sendo prementes novos estudos e intervenções que venham a contribuir para tal consolidação* (TEIXEIRA E MARINHO, 2010, p. 1 e 11).

Ainda neste sentido, Teixeira e Marinho (2010) concluem em suas reflexões que:

[...] pode-se afirmar que o número de grupos de pesquisa e estudos em atividades de aventura ainda é reduzido, se comparado ao número de grupos cadastrados no Diretório como um todo. Além disso, no contexto dos grupos existentes sobre atividades de aventura, há poucas linhas de pesquisa específicas sobre o tema. Portanto, embora a preocupação dos pesquisadores tenha se mostrado crescente no cenário atual, ainda faltam estudos capazes de solidificar as reflexões necessárias sobre as atividades de aventura, especialmente por meio da consolidação de linhas de pesquisa específicas sobre o assunto. (TEIXEIRA E MARINHO, 2010, p. 11).

No que tange às práticas corporais inseridas no campo dos esportes na natureza, dadas as circunstâncias apresentadas acima pelos referidos autores, além das questões de poder apresentadas por Raffestin (1993) e Saquet (2004) que em seu desenrolar no trato social envolvem apropriação e dominação, faz-se necessário também colocar foco nas questões envolvendo as dimensões tempo e espaço, ampliando assim as discussões tanto em extensão quanto em profundidade, para buscar compreender sobre as relações do homem com ambiente natural para a realização de suas práticas corporais, sejam estas no âmbito do lazer ou do esporte.

Desta forma, para início das reflexões sobre as questões da temporalidade envolvendo as relações do homem com o ambiente, mais especificamente aquelas envolvendo as práticas corporais em ambiente natural, entendemos ser relevante para o momento lançar mão do pensamento de Santos (1997), que chama à atenção para a questão do tempo no seguinte sentido:

[...] o tempo como sucessão, que é chamado tempo histórico, foi durante muito tempo considerado como uma base do estudo geográfico. Pode-se perguntar se é assim mesmo, se o estudo geográfico não é muito mais essa outra forma de ver o tempo da simultaneidade, pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja o mesmo para todos os homens. Pensamos que a simultaneidade dos diversos tempos sobre um pedaço da crosta da Terra é

que seja o domínio propriamente dito da Geografia. Poderíamos mesmo dizer, com certa ênfase, talvez com algum exagero, que o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto, já que é o tempo da vida de todos. (SANTOS, 1997, p.114).

As ideias expostas por Santos (1997) dizem respeito às coexistências, nas quais as simultaneidades possibilitam diferentes temporalidades e isso significa que os atores sociais se apropriam do espaço por meio de territorialidades igualmente diversas, caracterizando um processo social dinâmico e diversificado.

Desta forma, podemos afirmar que quais sejam as intencionalidades, bem como a intensidade com que as territorialidades ocorrem em um determinado espaço, há transformação do território apropriado ou dominado.

Destarte, vamos compreender que o território resulta, pois, de múltiplas determinações, inclusive temporais, que se desdobram em determinados lugares e geram inúmeras paisagens. Daí a complexidade dos estudos que se propõem a compreender o território e aqueles que dele uso fazem. Há movimento, dinamicidade e coexistência nas territorializações que irão compor as tessituras no território, dando-lhe forma e funcionalidade.

Neste sentido, de acordo com Santos (1997), *[...] as coexistências são as marcas historicamente gravadas na superfície terrestre por uma sociedade, sendo determinantes na dinâmica dos processos presentes e futuros e, por consequência disso, influem direta ou indiretamente no estabelecimento das territorializações pelo espaço a fora* (SANTOS, 1997, p. 115).

Portanto, fazendo uso das palavras de Santos (1997), subentendemos que, na realidade, *[...] não podemos priorizar um ou outro tempo se nosso objetivo é ter uma ideia ampla das ações humanas que resultam em um retalhamento da superfície do planeta para suprir as demandas sociais construídas pelo próprio homem* (SANTOS, 1997, p. 115-117).

Assim, quando lançamos o olhar para as práticas corporais que levam o homem ao contato e uso do ambiente natural, necessário também é buscarmos conhecer as intencionalidades com que se busca esse ambiente para então podermos compreender em profundidade e extensão esse uso, seus possíveis impactos frente às fragilidades dos ambientes naturais bem como do homem neste.

As territorializações nos ambientes naturais através das práticas corporais envolvendo os esportes na natureza, conforme afirmam Teixeira e Marinho (2010), necessitam vir à baila através de discussões que atinjam além do senso comum do consumo.

No contexto dos esportes na natureza e do lazer ecológico, comumente pode-se observar, principalmente nas propagandas de operadoras do dito turismo ecológico, que tais atividades proporcionam “uma oportunidade de reencontro do homem com a natureza”. Em breve pausa, apresentamos a seguir alguns exemplos dessa prática mercadológica:

“O JUMA AMAZON LODGE é um pequeno hotel planejado para ser totalmente integrado à Floresta Amazônica. Sua construção e operação respeita os limites do meio-ambiente, afinal, sem a floresta o hotel não existiria. O propósito do JUMA AMAZON HOTEL é oferecer uma experiência real e única na intocável Amazônia. Todos os passeios são organizados em pequenos grupos, possibilitando uma maior interação com a floresta. Os hóspedes também podem participar de diversas atividades ao redor do hotel.” (<http://www.jumalodge.com.br>. Acessado em 20/12/2012).

“A serra do Cipó oferece aos visitantes uma variedade de rios, cachoeiras, canyons e cavernas arqueológicas com inscrições rupestres. E um clima muito agradável durante todo o ano. Vem se tornando reduto favorito para os que tem predileção pela natureza e suas incontáveis belezas”. (<http://visiteaserradocipo.com.br/>. Acessado em 30/12/2012)

Por que reencontro? Não é o homem parte dessa natureza? Talvez aí resida uma das desconexões dos esportes na natureza com a própria natureza.

A modernidade trás em seu bojo ameaças e oportunidades, novas possibilidades de atuação do homem na sociedade e em relação à natureza ao seu redor.

Como frutos da racionalização do tempo e da configuração atual do trabalho e, também, como ressonâncias da criatividade e da necessidade vital de mudança inerente aos seres humanos, no campo da Educação Física surgem novas práticas corporais associadas ao esporte e ao lazer que utilizam do ambiente natural para se concretizarem. Nestas, é possível notar, especialmente, uma significativa demanda no que se refere às atividades que levam o ser humano a estabelecer um contato direto com o ambiente natural (MARINHO, 2000).

Enfim, são inúmeras as territorializações que estão sendo protagonizadas pelo ser humano no ambiente natural, do qual faz parte, mas que há tempos vem se distanciando dela.

Segundo Gonçalves (1998), a apropriação da natureza pelo homem se faz considerando, quase que apenas, o conceito de HOMEM, não havendo inicialmente uma consideração ao conceito de NATUREZA (GONÇALVES, 1998, p. 38). Ainda, o autor, quando tratando da oposição Homem *versus* Natureza, afirma que a ciência, a sociedade e a cultura contemporânea estão

carecendo é de outro conceito de natureza e, conseqüentemente, de homem, fazendo referência aos conceitos que aí estão, estes refletem o pensamento herdado do ocidente, afirmam que o homem é um ser social. Para demonstrar essa afirmativa *lança-se mão de exemplos dos casos de crianças que foram encontradas em situação de completo isolamento de uma sociedade-cultura* (GONÇALVES, 1998, p. 38 - 39), e que devido a isso apresentavam dificuldades de linguagem e até gestos e posturas dados como incompreensíveis, confirmando, portanto, a tese de que o homem só é HOMEM se vivendo socialmente, no ambiente de uma cultura.

Para Gonçalves (1998), essa forma de pensar o homem e sua posição em relação à natureza vem contribuir, sobremaneira, para seu distanciamento em relação a esta, uma vez que o distingue de maneira diferenciada, superior à natureza, porém contraditório ao fato de este ser um animal do reino natural com características próprias, mas que nem por isso cabe a ingênua determinação de valor fazendo-o mais importante que os demais animais que compõem o referido reino. Ainda, conforme Gonçalves (1998):

Dizer, portanto, que o homem é um ser social como se isso o distinguisse dos demais seres da natureza pode ser uma afirmação altissonante, mas que pouco faz avançar qualquer esforço de diferenciação entre o homem e a natureza, na medida em que os seres vivos, sobretudo os animais, já vivem socialmente. Isso não quer dizer que o homem não seja um animal social, mas que é social porque é animal e os animais vivem socialmente. Por outro lado, essa constatação não autoriza uma interpretação ingênua que reduziria o homem ao reino animal sem maiores reflexões. Assim como entre os animais há diferenças significativas, o homem tem também as suas especificidades. (GONÇALVES, 1998, p. 39 - 40).

Essas reflexões nos remetem a inúmeros questionamentos, principalmente quanto ao significado de tais práticas e suas repercussões na vida humana.

Neste estudo, voltaremos nosso olhar para os praticantes do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike e os residentes fixos no Pico da Ibituruna, buscando identificar, analisar e compreender com maior profundidade o significado de tais práticas e suas repercussões na natureza, não cabendo para o momento o estabelecimento de juízo de valor, seja de qual ordem for.

Desta maneira, buscando o “diálogo” com alguns autores de diferentes áreas do conhecimento, principalmente aquelas que tratam das questões que envolvem ambiente natural como espaço para as territorialidades humanas, este estudo busca investigar a prática de atividades físicas na região do Pico da Ibituruna, sejam elas de cunho esportivo ou de lazer, não no intuito de apontar caminhos, mas no sentido de uma melhor compreensão do movimento esportivo do Mountain Bike e do Motociclismo Off/Road, sua aproximação com o ambiente natural, bem como

seus elementos constitutivos nas representações dos praticantes, confrontadas com as representações dos residentes nas áreas onde estas práticas corporais são realizadas.

Nossa expectativa é de que os resultados possibilitem conhecer, com maior clareza, sobre a qualidade das relações estabelecidas entre homem e natureza, bem como suas repercussões na natureza, e por consequência na sociedade.

#### **2-4- Práticas corporais em ambientes naturais: uma construção permeada por desencontros**

Cotidianamente recebemos informações, através das mídias de massa, sobre os assuntos referentes à natureza, sendo possível afirmar que, em nenhum outro momento da história da humanidade fez-se tão necessário refletir sobre os relacionamentos estabelecidos entre homem/natureza. Isso considerando, principalmente, a intensa e atual aproximação humana ao meio natural no que se refere às mais variadas instâncias: econômica, esportiva, política, religiosa, cultural, de consumo, dentre outros.

Nessa direção, Viola e Leis (1995) deram contribuições significativas com seus estudos, através dos quais procuraram compreender questões envolvendo o movimento e a consciência ambientalista, em nível brasileiro e mundial. Naquela oportunidade perceberam que o movimento iniciado por minorias de cientistas e militantes ambientalistas - reunidos pela denúncia de agressões e defesa dos ecossistemas - ampliou-se, conquistou novos espaços ganhando a característica de multisetorialidade, situação na qual se encontra na atualidade.

Os referidos autores sinalizam ainda que o foco de atenção expandiu-se, incluindo questões variadas, tais como: ecologia política, questão demográfica, ética, relação entre desigualdade social e degradação ambiental, relações entre camada de ozônio e o processo de industrialização e busca efetiva de um novo modelo de desenvolvimento capaz de dar sustentabilidade aos recursos. Fatos que contribuíram sobremaneira para o surgimento de um novo movimento dotado de um projeto de mudança, cujo perfil era universalizante. A identidade que marcava esses setores se fundava no interesse pelo desenvolvimento sustentável.

Posto isso, podemos entender que se tratou de um movimento vigoroso, o qual foi capaz de provocar articulação entre diferentes setores sociais envolvendo agências governamentais, universidades, movimentos comunitários, Organizações Não Governamentais (ONG's), empresas e grupos empresariais.

Nesta direção, nossa intenção aqui é de detectar, no movimento esportivo em si, o qual se alastra por todo Brasil, aspectos mais amplos sobre a relação humana e a natureza, ora percebida como “pano de fundo” para a prática esportiva, ora vivida como parceira.

Para tanto, entendemos ser relevante um pouco da história das práticas corporais de aventura na natureza. Neste caso buscamos dialogar com Vanreusel (1999), que naquela oportunidade centrava suas atenções em compreender a busca do homem pelo esporte outdoor e o conceito de consciência ambiental.

Inicialmente o referido autor afirma que a busca pelo esporte outdoor e o conceito de consciência ambiental parecem ter se desenvolvidos completamente independentes um do outro com o passar do tempo. Os poucos pontos de contato que existiam, sugeriam uma figura idealizada do indivíduo praticando seu esporte em grandes ambientes outdoor, em uma harmonia quase que perfeita com ambiente natural que o cercava. Dessa maneira, [...] *os entusiastas de esportes ao ar livre podem, justificavelmente, ser descritos como a vanguarda do movimento ecológico: escoteiros (exploradores), aqueles que caminham e praticam canoeing<sup>12</sup> foram, antes de tudo, os herdeiros diretos da mitologia dos primeiros caçadores, bem como de suas técnicas utilizadas* (VANREUSEL, 1999, p.274).

Vanreusel (1995) ressalta que a democratização dos esportes ao ar livre originou o primeiro atrito visível entre a busca pelo esporte e a proteção ambiental. O aumento profundo neste tipo de atividade esportiva outdoor levou, inicialmente, a um número de conflitos em uma escala limitada e local.

Mas os conflitos locais entre os esportes recreacionais e a conservação da natureza, desde então, tem se estendido para quase todas as regiões que contêm características atrativas naturais. Consequentemente, o que foi antes tratado como um problema periférico tem agora se desenvolvido para um problema existencial quanto à busca pelos esportes e a aceitabilidade social dos esportes ao ar livre.

O uso do ambiente natural para a busca de esportes na natureza agora está sendo cada vez mais criticado, questionado, restringido e proibido. O conflito finalmente explodiu quando os ecologistas começaram a culpar os praticantes destes tipos de atividades por estarem criando um problema ambiental, enquanto a maioria destes entusiastas, que procurava por suas atividades,

---

<sup>12</sup> Canoeing: canoagem, prática corporal desenvolvida no ambiente água. Modalidade inserida no rol dos esportes olímpicos.

estava na verdade mal informada sobre os impactos ecológicos que estavam sendo causados por eles.

De fato, essa busca pela natureza, neste caso envolvendo as práticas corporais em ambientes naturais, não se deu harmoniosamente.

De um lado estavam os entusiastas, do outro se faziam presentes questões mercadológicas favoráveis ao consumo. O campo do turismo, diante de situação que se apresentava tão fértil à exploração, tratou de se organizar, embora pensando em si própria.

Nessa linha de raciocínio, Gomes (2010), vem contribuir com as discussões sobre a apropriação e dominação dos ambientes naturais pelas práticas corporais em ambientes naturais, discorrendo de maneira a chamar às responsabilidades entusiastas, turismólogos, profissionais de Educação Física e demais personagens envolvidos no contexto dessas práticas, afirmando que:

[...] A procura pelos paraísos naturais, provocada, principalmente, pelo turismo de massa, altamente depredatório, incrementado muitas vezes por atividades físicas e esportivas de aventura na natureza, causaram danos incalculáveis. Grande parte dos esportistas, turistas e grupos em busca de lazer passaram a ser alvo das críticas dos gestores das Unidades de Conservação – UC (áreas naturais protegidas), em função do impacto causado ao meio ambiente através de suas práticas. Com isso, todos os professores de Educação Física, turismólogos, agentes de viagem, esportistas e turistas passaram a ser mal vistos, inclusive aqueles possuidores de práticas sustentáveis. Frente a isso, vemos a necessidade de repensar o modelo de turismo, a oferta de produtos, os espaços e o código de conduta das pessoas que fazem uso das UC's (GOMES, 2010, p. 248).

Diante desse quadro pode-se perceber a emergência de um possível conflito entre esporte e natureza.

A partir das ideias de Vanreusel (1995), pode-se pensar que, atualmente, pelo fato dos entusiastas esportivos outdoor estarem cada vez mais se apresentando como amantes da natureza, contraditoriamente eles possam estar sendo, definitivamente, considerado pelos ambientalistas como uma ameaça ecológica, o que já é uma realidade em nosso país. Como exemplo, no Quadro 1, apresentamos alguns deles:

Local/Sítio	Município/Estado	Prática Corporal Proibida	Justificativa	Situação Atual	Fonte
Parque Estadual do Sumidouro/Gruta da Lapinha	Lagoa Santa/MG	Escalada e Acampamento	Inicialmente pela conduta e presença massiva de pessoas dentro da UC; posteriormente, pela falta de um Plano de Manejo.	Aberto a partir de 2011, em caráter experimental e com restrições de uso.	Associação Mineira de Escalada



Parque Estadual do Monge	Lapa/PR	Fechado para visitação	Argumentos geográficos e geológicos	Fechado para visitação	<a href="http://www.altamontanha.com.br">www.altamontanha.com.br</a>
Parque Estadual de Vila Velha	Vila Velha/PR	Escalada e Motociclismo Off/Road	Fragilidade do ecossistema	Aberto a visitação	<a href="http://www.mochileiros.com.br">www.mochileiros.com.br</a>
Parque Estadual Pedra Azul	Domingos Martins/ES	Caminhada acompanhada de Guia do Parque	Preservação do ambiente	Aberto a visitação com restrições	<a href="http://www.pedraazul.com.br">www.pedraazul.com.br</a>
Parque Municipal do Tabuleiro	Conceição do Mato Dentro/MG	Escalada, Motociclismo Off/Road, Acampamento	Falta de Plano de Manejo	Aberto a visitação	<a href="http://www.mochileiros.com.br">www.mochileiros.com.br</a>

Quadro 1 – Sítios Arqueológicos e situação atual em rela o   prática dos Esportes na Natureza

Como resultado de todo este processo, no qual já se observa a es de restri o e proibi o, Vanreusel (1995) chama-nos a aten o para o quanto a imagem do entusiasta de esportes ao ar livre tem se alterado.

A visão cultural daqueles que praticam atividades ao ar livre está longe de ser a de um aliado do meio natural que vive na e com a natureza comportando-se de acordo com princípios ecológicos. Ao contrário, os entusiastas de esportes outdoors estão sendo vistos agora, frequentemente, como destruidores e poluidores da natureza e, como seria de se esperar, aventureiros que simplesmente se unem às expedi es esportivas e esmagam as sutilezas e os refinamentos ecológicos.

Segundo Vago (2006), esta visão contraditória em rela o aos praticantes de esportes outdoors   permeada por um processo de mudança social e cultural, a qual tem se apoderado das atividades ao ar livre em dois diferentes níveis. No primeiro, o protótipo do entusiasta (ambientalmente amigável) destes esportes tem sido sucedido por outros grupos e tipos. O advento destes novos entusiastas não tem somente levado a uma multiplica o e diversifica o das atividades esportivas ao ar livre, mas, têm e, fundamentalmente, alterado todo o significado social das atividades esportivas na natureza.

Em segundo lugar, a redefini o social do conceito de natureza. São diferentes tipos de usuários dando diversos significados para a natureza, provocando uma mudança no conceito até então singular para um conceito plural.

  neste sentido que Vanreusel (1995) acredita que este processo dual de mudança social e cultural deveria servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma abordagem sócio-ecológica com rela o   busca do entusiasta pelas atividades outdoor.

Por esta razão, segundo o autor, [...] *a mudança na imagem do entusiasta de esportes ao ar livre de um amigo ecológico para um inimigo ecológico deveria ser mais bem discutida* (VANREUSEL, 1995, p. 11).

Contudo, pode-se perceber que os conflitos que ora se apresentam, colocando entusiastas e ambientalistas na linha de frente dos combates, perpassam por questões de ordem conceitual e epistemológica e que tem suas raízes na construção e constituição histórica das práticas corporais na natureza. Falta de conhecimento, distanciamento entre as partes envolvidas - exacerbado pela falta de diálogo, falta de planejamento para uso e ocupação de áreas naturais e indústria do consumo podem ser fatores contributivos para tal situação.

Nesse sentido, para Vanreusel (1995), a busca por práticas corporais de aventura em ambientes naturais e as concepções de consciência ecológica parecem ter sido desenvolvidas completamente independentes umas das outras ao longo da história. Para o autor, [...] *os poucos pontos de convergência existentes sugeriam a figura idealizada de indivíduos praticando suas atividades ambientes naturais, em uma harmonia quase que perfeita com a natureza* (VAREUSEL, 1995, p. 12).

## **2.5- Contextualização histórica à luz de Vanreusel: esportes e natureza na zona do conflito ambiental**

Apresentamos a seguir, quase que chegando ao fim da trilha percorrida até aqui, algumas considerações feitas por Vanreusel (1999) em relação ao movimento sociocultural envolvendo os esportes na natureza ao longo dos tempos.

Ressaltamos que essas considerações não se encontram em grau de menor importância dentro do contexto até aqui discutido, muito pelo contrário, as questões temporais e espaciais apresentadas a seguir têm por consequência ampliar o espectro de nossa visão acerca da problemática anteriormente apresentada, possibilitando sobremaneira o aprofundamento de nossas reflexões.

Vanreusel (1999), em linhas gerais, faz um destaque para três principais movimentos que representaram o esporte atrelado à natureza ao longo de três séculos, apresentados a seguir.

O primeiro movimento, ocorrido entre os séculos XVIII e XIX, foi determinado pelo aumento das ginásticas filantrópicas em locais abertos e áreas de exercício situadas em locais naturais como uma contraposição aos exercícios realizados em salões fechados.

O segundo tem sua contextualização no final do século XIX. Momento no qual a busca pela aptidão física fora caracterizada pelos exercícios ao ar livre com o intuito de disciplinar o corpo. O referido autor sinaliza que os escoteiros e guias são exemplos clássicos deste período, apresentando-se como frutos de um modelo educacional com suas raízes militaristas.

Século XX, entre os anos de 1960 a 1970 emerge o terceiro movimento, este fortemente manifestado pelo interesse na corrida. A troca do Cooper<sup>13</sup> solitário pelas maratonas<sup>14</sup> envolvendo grande número de participantes e a prática do Cross-Country<sup>15</sup> pode ser considerada como o principal protagonista de uma nova relação com o meio natural, uma vez que o apelo de época era desenvolver as referidas atividades em ambientes abertos.

Não existia naquela época nenhuma crítica ao fato de se buscar o ambiente aberto - o mais próximo possível do “natural” - para a realização de práticas corporais. Muito pelo contrário, as atividades ao ar livre floresceram, em face à sua reputação de “saudáveis” e acessíveis ao homem, como práticas altamente amigáveis em termos ambientais.

No entanto, poucos esforços foram feitos para se discutir os possíveis problemas ecológicos relacionados aos esportes ao ar livre e os desdobramentos decorrentes da proposta massificação dessas práticas.

Podemos dizer então que estava criada a zona de conflito entre esporte e natureza? Conforme sinaliza Vanreusel (1995), *Sim! [...] Com o passar do tempo foi exatamente a democratização dessas práticas a responsável pela origem do primeiro atrito visível entre a busca pelo lazer e pelo esporte e a proteção ambiental* (VANREUSEL, 1995, p. 9).

Porém, seria leviano imputar ao processo de democratização dessas práticas toda a responsabilidade pela origem do conflito em pauta. Nesse sentido, de acordo com Marinho (1999),

---

<sup>13</sup> Cooper: corrida de 12 minutos praticada em locais abertos proposta pelo médico norte-americano Kenneth Cooper.

<sup>14</sup> Maratona: corrida a pé, realizada em ambiente aberto, preferencialmente rua, com distância de 42 km 195m.

<sup>15</sup> Cross-Country: modalidade de corrida que utiliza ambientes naturais dando preferência aos caminhos e trilhas, variando, via de regra, nas distâncias entre 4,5 Km e 20 km.

*[...] talvez fosse mais sensato afirmar que a origem de tal conflito foi a falta de um projeto de desenvolvimento adequado e não necessariamente a suposta democratização, uma vez que as atividades realizadas em contato com a natureza, no contexto atual, muitas vezes, recebem o rótulo de práticas elitistas, haja vista que nem todos têm o mesmo acesso, salientando as desigualdades sociais existentes (MARINHO, 1995, p. 8).*

O aumento profundo neste tipo de atividade esportiva e de lazer ao ar livre levou, inicialmente, a um número de conflitos em uma escala limitada e local. Mas os conflitos locais entre os esportes recreacionais e a conservação da natureza, desde então, tem se estendido para quase todas as regiões que contêm características atrativas naturais, tais como parques e outros tipos de unidades de conservação.

Dessa forma, conseqüentemente, o que foi antes tratado como um problema periférico tem se desenvolvido, agora, em torno de um conflito existencial com relação à busca pelos esportes ao ar livre e a aceitabilidade social dos mesmos. A utilização do ambiente natural para a busca de atividades na natureza passa, então, a ser cada vez mais criticada e questionada.

É neste quadro que se pode perceber a emergência de um possível conflito entre o esporte e a natureza. Por um lado, a busca por atividades em contato com a natureza tem seus valores baseados na qualidade ecológica e, ao mesmo tempo, estas próprias práticas começam a contribuir para que se coloque em questionamento o conceito de qualidade ambiental e social.

Amparados em Marinho (1995) e Gonçalves (1998), podemos aqui afirmar que o conflito entre homem e natureza não se trata de um problema decorrente apenas de um processo de democratização dos ambientes naturais para a realização de suas práticas esportivas e de lazer.

Para compreender esse conflito, conforme afirma Gonçalves (1998), *[...] é preciso romper com o pensamento simplificador e excludente e afirmar a complexidade. Afinal, alguns só querem falar da rosa. Outros só destacam o espinho. É necessário que se elabore a visão que comporta tanto a rosa quanto o espinho: a visão da roseira (GONÇALVES, 1998, p 74).*

Seguindo essa linha de raciocínio, vamos nos ater aqui à questão do significado de natureza. Sendo coerentes com a forma através da qual tratamos o assunto no transcórre desse capítulo, podemos chegar à conclusão preliminar de que o significado da natureza foi alterado como consequência do número crescente de participantes, da diversidade das atividades e da transformação gradual nos valores vinculados aos aspectos dessas atividades esportivas.

Julgamos procedente pensar de tal maneira, preliminarmente, apoiados em Higgins (2000), quando tratando das representações da natureza, apresenta-nos que as alterações nas representações dessa resultam de uma mudança nos valores que sustentam a “democratização” das atividades na natureza, e que esses valores influenciam a imagem pública geral do que constitui a natureza.

Nessa direção, Vanreusel (1995) expõe sobre a visão contraditória do ser humano ao buscar uma aproximação com a natureza através das práticas corporais de aventura, chamando-nos à atenção para a alteração da imagem desses interessados nessas práticas, afirmando que a visão cultural deles está longe de ser a de um aliado do meio natural que vive na e com a natureza, comportando-se de acordo com princípios ecológicos de sustentabilidade. Metaforicamente, o autor se refere a esse tipo de atitude humana como sendo “indivíduo do tipo Bambi”<sup>16</sup>.

No entanto, o referido autor afirma que ao contrário disso, na maioria das vezes, os entusiastas de práticas corporais de aventura em ambientes naturais estão sendo vistos como destruidores, poluidores da natureza e aventureiros que simplesmente se unem às expedições esportivas, esmagando as sutilezas e os refinamentos ecológicos. Para esse tipo de indivíduo Vanreusel (1995) utiliza-se da metáfora “indivíduo do tipo Rambo”<sup>17</sup>.

Esta visão contraditória é permeada por um processo de mudanças sociais e culturais, o qual tem se apoderado de tais práticas ao ar livre em diferentes níveis. O advento destes novos praticantes não tem somente levado a uma multiplicação e a uma diversificação das atividades esportivas praticadas em ambientes naturais, mas, também e, fundamentalmente, alterado todo o significado social das atividades esportivas na natureza.

Outra consideração que julgamos relevante para o momento é que o significado de natureza tem sido socialmente redefinido e que essas redefinições incidem sobre o conceito de natureza de modo geral. De acordo com Marinho (1999) [...] *desde então, os diferentes tipos de usuários têm dado diversos significados para a natureza, a qual deixa de ter um conceito singular, único, e passa a ter um conceito plural* (MARINHO, 1999, 2001).

---

<sup>16</sup> Indivíduo do tipo Bambi: aquele que vive em total sintonia com o ambiente natural, que utiliza dos recursos disponíveis, porém se reconhece parte do mesmo e que, portanto, não o destrói.

<sup>17</sup> Indivíduo do tipo Rambo: fazendo alusão àquele que vai ao ambiente natural, satisfaz-se preenchendo suas necessidades e expectativas, sem ao menos se dar conta das nuances daquele ambiente, tratando com insignificância os impactos de sua presença.

Concluindo, porém não reduzindo o espaço para reflexões futuras, as atuais conexões existentes entre as práticas corporais de aventura em ambientes naturais e a natureza em si, sejam elas positivas ou negativas, são reflexos do comportamento e da complexidade das sociedades como um todo, cabendo então posturas integradoras no sentido de uma melhor compreensão das questões ora discutidas até aqui.

Neste contexto, em um esforço coletivo, esporte e lazer podem trazer contribuições significativas para o avanço de experiências significativas junto à natureza, possibilitando assim uma diminuição nas desconexões entre homem e natureza.



### 3- ESTABELECENDO O AZIMUTE

Azimute é um termo de origem árabe (as-sumut) que significa “caminho ou direção”. Nas atividades que requerem recursos de orientação geográfica durante o deslocamento (seja em terra, ar ou água) o azimute é uma direção indicada em graus, indo de 0 grau até 360 graus. Isso significa que é possível marcar a direção de um ponto de referência através dos graus e que com essa marcação a pessoa pode navegar entre um ponto e outro se souber o azimute do ponto de destino, bem como fazer uso dos recursos da orientação (UNESP, 2009, p.8).

Para o praticante de Trekking, que navega em um determinado espaço geográfico por orientação cartográfica, o estabelecimento de pontos entre a partida e o destino torna-se tão imprescindível quanto o conhecimento de técnicas de sobrevivência. Além desses conhecimentos relativos à navegação terrestre é importante, também, ter clareza sobre o tipo de ambiente por onde irá navegar, tais como disponibilidade de água, local para pernoites, tipo de fauna, flora e acidentes geográficos. Por analogia, assim entendemos ser o referencial metodológico em um estudo.

Neste capítulo trataremos sobre a Teoria das Representações Sociais – TR, tendo nestas o referencial para as discussões sobre o conhecimento construído a partir das relações humanas cotidianas, servindo como subsídio para compreendermos como os residentes fixos, os praticantes de Motociclismo Off-Road e os praticantes de Mountain Bike, no Pico da Ibituruna, territorializam o espaço transformando-o em lugar e que relações estes estabelecem com o ambiente natural.

#### 3.1 – Abordagem do Estudo/Pesquisa

Para Minayo (2007), o objeto das Ciências Sociais é histórico. Portanto, de acordo com Oliveira (2012), ao se utilizar dessas para se investigar e compreender um determinado fenômeno torna-se imprescindível levar-se em consideração a questão da temporalidade e do espaço vivido, ou seja, o contexto histórico e social de tal fenômeno.

Isso significa dizer, conforme afirma Minayo (2007), que:

Cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica têm alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações. Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo (MINAYO, 2007, p. 12).

A opção pela pesquisa qualitativa como pressuposto metodológico para esse estudo deu-se por esta responder a questões muito particulares acerca de um fenômeno estudado.



De acordo com Minayo (2007), nas Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2007, p. 21).

Portanto, neste estudo, considerando que o *universo da produção humana pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade* (MINAYO, 2007), e que esse universo complexo, muitas vezes constituído por relações de poder transitórias e marcado por re-territorializações constantes – o que faz com que dificilmente possa ser o mesmo traduzido apenas em números e indicadores quantitativos – entendemos que a presente dissertação, por características semelhantes a estas acima descritas, se encaixa na perspectiva da pesquisa qualitativa.

### **3.2 Teoria das Representações Sociais: uma breve revisão de conceitos**

O termo 'representações sociais' – RS's tem por função designar tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos. As RS's têm como objeto de estudo as ideias consensuais estruturadas no senso comum construído nas relações sociais em relação aos fenômenos decorrentes destas.

A Teoria das Representações Sociais- TR's surgiu da obra inaugural de Serge Moscovici intitulada *La psychanalyse: son image et son public*, publicada na França em 1961 e que tratava de estudar a representação social da psicanálise pela população parisiense no fim dos anos de 1950, a partir de uma perspectiva integradora<sup>18</sup> que se preocupava principalmente em compreender o processo de construção de teorias do senso comum por meio de teorias científicas.

A construção dessa teoria teve contribuições importantes oriundas das representações coletivas, desenvolvidas por Emile Durkheim (1898), sociólogo e professor na Faculdade de Letras de Bordeaux no período de 1887 a 1902, posteriormente auxiliar de Ferdinand Buisson na cadeira de Ciências da Educação na Sorbonne, sucedendo-o em 1906.

---

<sup>18</sup> Perspectiva integradora: Moscovici entende que as Representações Sociais não pertencem a um único campo de conhecimento; possuem suas raízes na sociologia, atravessam a psicanálise de Freud e se desenvolvem na psicologia social.

No entanto, segundo Duveen (2004, p. 11-14 na introdução do livro de Moscovici, 2004), para a construção conceitual das representações sociais Moscovici buscou o exercício do diálogo entre “velhas” teorias sociológicas e “novas” teorias da psicologia social. Em seu ensaio *“The Invention of Society”*, Moscovici (1988) contrapôs-se ao aforismo de Durkheim (1895) em relação à ilegitimidade das explicações psicológicas na Teoria Sociológica que formulava [...] *sempre que um fenômeno social é diretamente explicado por um fenômeno psicológico, podemos estar seguros que a explicação é falsa* (DURKHEIM, 1895, p. 129).

Porém, apesar das diferenças de pensamento, em um célebre diálogo com Ivana Marková (Moscovici, 2004, p. 340), ao ser questionado: Mas você já se referiu a Durkheim na La Psychanalyse. Está dizendo que ele não foi muito importante na teoria das representações sociais? O referido autor esclarece que [...] *Não diria que Durkheim não foi muito importante, mas eu li muito pouco dele, além de seu trabalho sobre representações individuais e coletivas. Naquele tempo, seu trabalho e o de sua escola não eram tão populares como são hoje* (MOSCOVICI, 2004, p. 340).

Moscovici (2004) confirma as contribuições de Durkheim para o desenvolvimento da teoria das representações sociais – TR’s, enfatizando que diante do ostracismo em que viviam Durkheim e Lévy-Bruhl, bem como de toda a escola que os acompanhava, dedicou leitura mais seria à obra dos pais das ideias sobre representações individuais e coletivas (Durkheim e Lévy-Bruhl), na década de 1980, quando escreveu *The Invention of Society*. Fato que, segundo o próprio Moscovici (2004), contribuiu significativamente para que ele compreendesse o que os referidos autores estavam querendo dizer (MOSCOVICI, 2004, p. 340-341).

A área do conhecimento Psicologia Social, segundo Horochovski (2004), compreende as representações como [...] *fenômeno, que possui mobilidade e circularidade, diferente da estaticidade presente em Durkheim que, no dizer de Moscovici, trabalha as representações de forma genérica, como um conceito que envolve a ciência, o mito, a religião, entre outros* (HOROCHOVSKI, 2004, p. 8).

Neste sentido podemos compreender com mais clareza a substituição da expressão “coletiva” por “social”. Não se trata de uma questão “sútil”, mas sim uma maneira de acentuar essa diferença.

De acordo com Horochovski (2004), a substituição por “social” permite que a Representação social [...] *deixe de ser um conceito que explica o conhecimento e crenças de um*

*grupo para se tornar um fenômeno que exige explicação e que produz conhecimento* (HOROCHOVSKI, 2004, p. 8-9).

Dessa forma vamos compreender que as representações são então uma maneira de interpretar e comunicar, mas também de produzir e elaborar conhecimentos. Daí consiste seu caráter peculiar, “sui generis”. Esse caráter sui generis fez com que Moscovici (1978), conceituasse-as como sendo [...] *conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aquelas e estas e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior.* (MOSCOVICI, 1978, p.50).

Para Moscovici (1978), as representações sociais objetivam transformar em conhecido o que até então é desconhecido no grupo; familiarizar o que é não familiar. Para Horochovski (2004) as RS's objetivam, além disso, tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo. Esse é o seu intuito (HOROCHOVSKI, 2004, p. 9).

A perspectiva de análise das RS's na visão de Moscovici é processual, de característica estrutural construtivista. Ou seja, trata-se de um processo transformador, o qual é determinado pela linguagem, imagem e ideias compartilhadas por um dado grupo de sujeitos.

Portanto, assim considerando, se a princípio a familiaridade evidencia-se é preciso parar e recuar para então buscar visualizar o aspecto desconhecido que a representação envolveu e familiarizou; compreender o que mais se tem além do que se apresenta.

Moscovici (1978) afirma que são dois os processos que geram representações sociais e, conseqüentemente, propiciam a familiarização do desconhecido. São eles: ancoragem e objetivação. O processo da ancoragem transfere o estranho para um referencial que possibilita sua interpretação e comparação, através de uma relação entre “categorias e rótulos”. Portanto, porém não estabelecendo aqui conceitos absolutos, pode-se dizer que ancorar é classificar, nomear, rotular e, obviamente, representar.

O processo da objetivação confecciona um cenário familiar ao que outrora era desconhecido. Segundo Moscovici (1985), este ocorre em duas fases. A primeira relaciona o conceito com a imagem. As palavras são incorporadas no [...] *núcleo figurativo, apresentando uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceptual de uma maneira visível* (MOSCOVICI, 1985,

p.22). Fato que, evidentemente, facilita a comunicação do que está sendo representado, uma vez que deixa de ser uma entidade abstrata e assume uma existência com caráter autônomo.

A segunda fase ocorre, para Moscovici (1985), quando os elementos do pensamento são transpostos para a realidade, não havendo mais separação entre a representação e o objeto representado. Nesse sentido, ancoragem e objetivação são fundamentais para a construção das representações sociais.

Indubitavelmente as contribuições de Moscovici para os estudos de representações são esclarecedoras. Elas possibilitam aos pesquisadores que fazem uso dessa metodologia analisar o pensamento do grupo para o qual se dá enfoque, bem como sua prática social. Talvez se faça dessa forma dada à perspectiva integradora proposta pelo referido autor, não permitindo que o estudo de um determinado fenômeno ocorra de maneira estática, contrapondo-se à própria dinâmica do mesmo; buscando em áreas correlatas a complementação dos conhecimentos científicos que irão possibilitar uma maior amplitude na análise e interpretação dos fenômenos.

Nessa linha moscovicianiana, outra autora que merece destaque para a compreensão das representações é Denise Jodelet. Suas contribuições teóricas acerca das RS's surgem a partir de um estudo sobre as representações sociais do HIV/AIDS. Jodelet (1991), com base em seus estudos afirma que, as representações sociais partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para o grupo. Visão essa que pode entrar em conflito com aquela de outros grupos e que serve de guia para a ação.

Pode-se perceber que tal afirmativa reforça a proposição enunciada por Moscovici de que as representações sociais são fenômenos complexos, sempre ativos dentro da vida social, dada a dinamicidade de suas dimensões, formas, processos e funcionamento.

Em tempo, a referida autora também reconhece a importância de Durkheim, identificando as representações como fundamentais no estudo do pensamento coletivo, mas defendendo a reelaboração feita por Moscovici (2003), que destaca a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, estes caracterizados por: intensidade e fluidez das trocas e comunicações, desenvolvimento da ciência, pluralidade e mobilidade social. Reafirma ainda que as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente partilhado e elaborado na dinâmica das relações sociais de um determinado grupo.

Aprofundando um pouco mais na questão da conceituação para as RS's, Jodelet (2002) apresenta-nos que as Representações Sociais são definidas como sendo uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Elas são equivalentes aos mitos e às crenças das sociedades, ou seja, ao senso comum.

Essa conceituação contribui para reafirmar a recomendação de Moscovici (1978) de que a Representação Social deve ser estudada buscando articular entre si elementos afetivos, mentais e sociais. Integrando-os - ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação - às relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual eles vão intervir. Seu caráter é dinâmico, seu status proporciona uma produção de comportamentos, estes estabelecendo relações com o meio, reagindo a um dado estímulo exterior.

Seguindo por essa linha de raciocínio, compreende-se que as representações sociais são, por um lado, sistemas que registram nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. E por outro, interferem nos processos, diversificando a difusão bem como a assimilação dos conhecimentos produzidos, possibilitando o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

Dessa maneira, o que há então de mais permanente nas RS's é a impermanente capacidade de produção existente nelas, e não de reprodução pura e simples de conhecimentos oriundos das esferas do senso comum. Raciocínio este que pode ser confirmado por Horochovski (2004) quando afirma que *[...] é o duplo movimento das representações sociais, fazendo com que estas sejam uma forma de interpretação e comunicação, mas igualmente de produção e elaboração de conhecimentos* (HOROCHOVSKI, 2004, p. 10).

Ainda em relação à conceituação de Representações Sociais, Duarte (2009) afirma que *[...] dada a sua composição polimorfa, ou seja, poder se apresentar de diversas formas e ainda ser passível de mudanças, tal empreitada não se apresenta como tarefa fácil* (DUARTE, 2009, p. 3).

No entanto, o referido autor adota a conceituação dada por Moscovici, na qual se entende por Representações Sociais um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana no desenrolar das comunicações interpessoais.

São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não reduzem jamais os componentes cognitivos (SPINK, 1993).

De acordo com Moscovici (2003), as Representações Sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar aquilo que já sabemos. Elas ocupam uma posição, em algum ponto, entre conceitos que têm como objetivo abstrair o sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de forma significativa.

As Representações Sociais podem, ainda, ser definidas como modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Desta forma, elas funcionam então como um sistema de interpretação da realidade, atuando nas relações estabelecidas pelos indivíduos no meio em que estão inseridos, de maneira a orientar seus comportamentos e práticas. O que não quer dizer que tenham uma postura de todo coercitiva frente aos indivíduos de um determinado grupo social.

Nesse sentido, vamos encontrar em Vergara e Ferreira (2005) que, embora as Representações Sociais não determinem inteiramente as decisões tomadas pelos indivíduos, elas limitam e orientam o universo de possibilidades colocadas a sua disposição.

As Representações Sociais, por meio da atividade psíquica, dão às coisas uma nova forma. Elas envolvem uma relação entre o sujeito e o objeto-mundo. O sujeito se insere numa comunidade concreta e simbólica, embora não esteja condenado a simplesmente reproduzir essa realidade. O indivíduo está constantemente elaborando uma tensão entre o mundo e seus próprios esforços para ser um sujeito.

Para Moscovici (2003), é nesse processo de construção de sua identidade social que o sujeito se desenvolve, ou seja, na relação entre sujeito e mundo social mediada pelas Representações Sociais.

Pode-se então concluir que, ao mesmo tempo em que o sujeito recria a realidade social e suas representações ele também modifica a sua própria relação com o mundo.

Porém, necessário é ressaltar que as Representações Sociais, segundo Moscovici (2003), não são as mesmas para todos os membros da sociedade, uma vez que elas dependem tanto do

conhecimento do senso comum (popular) como do contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos.

Assim, o conhecimento e a prática cotidiana são fundamentais em um estudo de representação, mas há que considerar todo um contexto histórico, social e cultural no qual o sujeito está inserido.

Compreender as RS's como forma de interpretar, comunicar, produzir e elaborar conhecimentos permitirá que um determinado fenômeno seja desvelado.

Portanto, deve-se considerar sua dinamicidade e complexidade, dada a presença humana na manifestação e comunicação dos mesmos em uma determinada realidade social e, além disso, estar cômico de que se faz necessária uma prática investigativa que leve a cabo uma postura com perspectiva integradora para a compreensão dos fatos sociais envolvidos no fenômeno a ser estudado.

Alguns critérios devem ser levados em consideração para se definir uma direção a seguir em Trekking aonde se vai navegar por orientação. O principal deles deve ser cuidadosamente estabelecido no planejamento da empreitada, ou “aventura”. Os risco e perigos devem ser previamente dimensionados.

Todavia, há que se cuidar para que a escolha da Teoria das Representações Sociais não seja feita de forma leviana, devendo esta ser definida ao longo da construção do projeto de pesquisa, levando-se em consideração, principalmente, a pertinência entre o objeto de estudo e a própria teoria.

Neste sentido, de acordo com Sá (1998):

Não basta, pois, como fazem frequentemente aqueles que estão apenas se iniciando no campo de estudos, decidir que se quer pesquisar a representação social de um objeto qualquer, sem se preocupar de antemão com a própria plausibilidade da sua existência como fenômeno concreto, nem com a possibilidade de sua abordagem segundo a teoria das representações sociais e com os recursos metodológicos disponíveis. A construção do objeto de pesquisa é o processo pelo qual essas questões são previamente analisadas e as soluções pertinentes delineadas (SÁ, 1998, p. 15).

Ainda, de acordo com Sá (1998), sobre a noção do objeto de estudo, o que identificamos anteriormente como sendo a pertinência entre o objeto e a teoria, há que se considerar:

A noção de “construção do objeto de pesquisa envolve a consideração do fenômeno ou problema que se quer investigar e a possibilidade ou vantagens de fazê-lo em termos de representações sociais, os requisitos conceituais que devem ser atendidos para suprir uma

fundamentação teórica consistente e, finalmente, a eleição de métodos e técnicas de pesquisa adequados ao estudo do problema como teoricamente circunscrito (SÁ, 1998, p 14).

### 3.2.1 O Discurso do Sujeito Coletivo: muitos atores, um discurso coletivo.

Para o enfoque quali quantitativo foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, desenvolvida e proposta por Lefevre (2010), fundamentada na Teoria da Representação Social e seus pressupostos sociológicos, através da qual se chega a um discurso síntese elaborado com partes de discursos semelhantes, em torno de um tema central, reunidos em um só discurso.

A opção pelo DSC se dá por tratar-se de uma técnica onde a tabulação e organização de dados qualitativos possibilitam resolver um dos grandes impasses da pesquisa qualitativa, uma vez que permite agregar depoimentos sem reduzi-los a quantidades, para tanto seguindo procedimentos sistemáticos e padronizados.

Segundo Lefevre (2010), a técnica consiste basicamente em analisar o material verbal coletado em pesquisas que tem depoimentos como sua matéria prima, extraindo-se de cada um destes depoimentos as Ideias Centrais ou Ancoragens e as suas correspondentes Expressões Chave; com as Ideias Centrais/Ancoragens e Expressões Chave semelhantes compõe-se um ou vários discursos-síntese que são os Discursos do Sujeito Coletivo.

Em síntese, DSC constitui uma técnica de pesquisa qualitativa criada para fazer uma coletividade falar, como se fosse um só indivíduo. Este, associado aos softwares Qualiquantisoft e QLQT (*este último disponível on-line*) [...] “... constitui um novo método que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo (USP), desde o final da década de 1990, para as pesquisas de opinião, de representação social ou, mais genericamente, de atribuição social de sentido, que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal como matérias de revistas, jornais, etc.” (LEFEVRE, 2010. p. 16).

O DSC se mostra um avanço importante para as pesquisas que buscam investigar sobre a opinião em relação a um determinado fenômeno, principalmente aqueles que combinam dados quantitativos e qualitativos, nos quais, de um modo geral, há um seccionamento entre o momento qualitativo e o quantitativo.

Por considerar os momentos distintos, porém não os separando, mas numa coexistência, este se trata de um método quali quantitativo. O método em questão, do início ao fim, preserva a



natureza essencialmente discursiva e qualitativa da representação, e não separa a dimensão quantitativa que está associada à representatividade e generalização dos resultados. Para Lefevre (2010),

[...], não há nenhum truque nisso: o DSC é o desdobramento natural do seguinte raciocínio lógico: se, em qualquer sociedade (como todos sabem), os indivíduos compartilham ideias, opiniões, crenças ou representações, a expressão dessas opiniões compartilhadas poderia comportar a reunião em discursos-síntese dos conteúdos e argumentos que conformam essas opiniões semelhantes. (LEFREVE, 2010, p. 17).

Não propondo um resumo, mas no sentido de buscar objetividade e clareza para a técnica do DSC, mesmo porque as propriedades científicas de tal técnica não permitem tal leviandade, esta consiste em uma série de operações sobre a matéria-prima dos depoimentos individuais ou de outro tipo de material verbal, operações estas que resultam, ao final do processo, em depoimentos coletivos, ou seja, constructos confeccionados com estratos literais do conteúdo mais significativo envolto nos mais diferentes depoimentos acerca de um determinado fenômeno e que apresentam sentidos semelhantes, resultando em um discurso coletivo.

De acordo com Duarte (2009), metodologicamente o DSC é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, *papers*, revistas especializadas etc. Para sua construção são utilizadas como figuras metodológicas as expressões-chave, as ideias centrais e as ancoragens (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005).

Para tanto, são utilizados trechos do discurso, ou seja, descrições literais dos depoimentos, reveladores da essência do conteúdo das representações, os quais são denominados expressões-chave. A partir dos recortes de fala, significativos, identificam-se as ideias centrais. Estas se constituem de palavras ou expressões linguísticas que revelam, de maneira precisa e sintética, o sentido presente dado pelo depoente ao fenômeno investigado.

Os trechos dos discursos que foram selecionados são organizados em mapas denominados Instrumentos de Análise do Discurso (IAD). Desta forma, esses mapas são constituídos pelas expressões-chave, as ideias centrais e as ancoragens.

As expressões-chave, exemplificadoras de ideias centrais semelhantes, são organizadas seguindo uma lógica e uma coerência entre elas, daí compondo um único discurso redigido na primeira pessoa do singular: o Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005).

Cabe ressaltar que, caso surjam depoimentos contraditórios a respeito de uma mesma questão, são elaborados DSC para as falas distintas, ou seja, para as falas concordantes e para

discordantes. Ação esta que possibilita verificar a distribuição das falas concordantes e das não concordantes em relação ao universo dos entrevistados específicos.

Dando continuidade, as expressões-chave são os fragmentos do discurso que formam descrições literais dos depoimentos, revelando a essência do conteúdo das representações ou das teorias subjacentes a estas. Assim considerando, de acordo com Duarte (2009), as expressões-chave se constituem como parte essencial da análise uma vez que são os recortes do discurso apresentado nas entrevistas, questionários, jornais etc.

Para Duarte (2009),

[...] A ideia central é o nome ou expressão linguística que revela e descreve, de maneira sintética e precisa, o sentido presente nos depoimentos. Descreve o sentido usando as palavras do entrevistado, não constituindo interpretação. As ideias centrais são elaboradas pelo pesquisador diante do discurso do entrevistado utilizando a fala que as indicam “fortemente”. É preciso um critério que justifique a ideia central. A partir daí, o pesquisador faz uma síntese daquilo que foi justificado. (DUARTE, 2009, p.).

Portanto, as ideias centrais servem para agrupar o discurso, podendo haver numa mesma fala mais que uma ideia central e, na técnica do DSC (LEFREVE, 2010) todas elas devem ser consideradas e trabalhadas, separadamente, no processo de categorização.

Na técnica do DSC, o processo de ancoragem é a manifestação de uma teoria, ideologia ou crença que os autores do discurso professam e acreditam. A ancoragem expõe uma afirmação genérica do entrevistado para tratar de uma situação específica, devendo sempre ser redigida na forma de uma afirmação positiva em relação à questão, traduzindo os valores que estão embutidos na crença por meio do discurso. É o valor forte que está presente no grupo, traz a ideia básica que sustenta o discurso, o que a pessoa expressa e acredita.

É através das ideias básicas que se identificam as Representações Sociais sobre o objeto em apreensão, possibilitando desvelar o que está contido no senso comum acerca do fenômeno em estudo.

Como processo final da técnica do DSC tem a elaboração da síntese, ou seja, é a reunião de todos os discursos obtidos em relação ao fenômeno investigado. Este deve ser redigido na primeira pessoa do singular.

À medida que os DSC vão sendo construídos, compõem-se o sistema de interpretação da realidade pelos participantes, as relações estabelecidas por eles no contexto social, bem como vão se colocando em relevo seus comportamentos e práticas, expondo ao pesquisador o “espelho coletivo” em relação ao objeto de estudo.

De acordo com Duarte (2009), é através desse “espelho coletivo” que o pesquisador tem às suas mãos uma riqueza de informações que lhe auxiliará na condução das conclusões do estudo proposto.

Sendo assim, investigar a prática do Motociclismo Off-Road e do Mountain Bike, a partir das representações sociais de seus praticantes em relação ao Pico da Ibituruna e os espaços naturais utilizados para tal fim, por meio do DSC, trouxe contribuições significativas para a problemática ambiental, considerando que através destes discursos coletivos encontramos com maior clareza como se dá a territorialização dos espaços e, através das territorialidades ali protagonizadas compreendemos qual o sentido delas em relação ao ambiente natural, buscando respostas para questões tais como: que tipo de percepção sobre o ambiente esses cidadãos praticantes dos referidos esportes desenvolvem ao estabelecer relações com o espaço das trilhas e caminhos da região? Que tipo de percepção tem os moradores do local sobre o ambiente e em relação aos praticantes do Motociclismo Off-Road e do Mountain Bike? Qual identidade por eles é dada em relação ao ambiente natural? Há o desenvolvimento de afetividade em relação ao espaço utilizado para tais práticas corporais? Qual o significado obtido a partir dessa experiência de territorialização das trilhas e caminhos do Pico da Ibituruna?

E ainda, questões relacionadas à intensidade com que ocorrem essas experiências, do tipo: Qual o grau de interação dos indivíduos envolvidos nesse estudo com o ambiente natural que configura a região do Pico da Ibituruna?

Estes são questionamentos que respondem a questões envolvendo o nível de consciência ambiental existente entre os praticantes do Motociclismo Off-Road e do Mountain Bike e os residentes na região do Pico da Ibituruna, em relação a essas práticas corporais, seja ela no âmbito do esporte ou do lazer.

Além disso, identifica e analisa as territorialidades nas trilhas e caminhos do Pico da Ibituruna, conforme proposto neste estudo, ampliando sobremaneira as possibilidades de reunirmos e organizarmos informações sobre o espaço vivido que poderão servir como subsídios para o uso ordenado do território em questão, bem como dar respaldo para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao ecoturismo e aos esportes na natureza, mais especificamente o Motociclismo Off-Road e o Mountain Bike.

### 3.3. A escolha do azimute: Aspectos metodológicos do estudo

#### 3.3.1- Way points

Na navegação terrestre um *waypoint* é conhecido como *Fixo, Ponto de notificação* ou *Reporting point*, ou seja, é um determinado ponto no globo terrestre precisamente definido por coordenadas geográficas através do Global Position System - GPS. Nos aparelhos comuns de GPS portáteis ou instalados em carros os waypoints podem vir acompanhados de informações adicionais como fotos, vídeos ou comentários sobre o local.

Os fixos são usados como pontos de checagem no método de Navegação de Área RNAV (Area Navigation), no qual se navega por uma sequência de pontos até o local de destino. No contexto do RNAV os fixos têm sua posição geográfica definida por latitude e longitude e identificados por um indicativo, isto é, um nome composto de 4 ou 5 letras único em todo o território nacional. Os fixos também podem vir acompanhados nas cartas de aeronavegação com informações sobre altitude, velocidade máxima, ponto de ajuste da pressão atmosférica no altímetro, entre outras particularidades.

Para um praticante de trekking, deslocando-se em uma região desconhecida, os pontos marcados previamente no aparelho GPS lhe servirão de orientação na jornada, tal qual o aspecto metodológico de uma jornada investigativa para um pesquisador. Way Points ou WP é simplesmente um ponto no percurso. Pode ser uma ponte, uma casa, um bar, uma escola, uma porteira, dentre outros.

##### 3.3.1.1- Local de Estudo

O estudo foi realizado na região da Área de Proteção Ambiental (APA) do Pico da Ibituruna, situado no município de Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais, com área de 6.002,8704, considerando as propriedades particulares com residentes fixos, bem como as trilhas e caminhos utilizados para a prática do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike na referida APA.

Como referência para ilustrar o território que compõe a APA, seguimos as delimitações compostas na Carta Imagem da Unidade de Conservação do Pico da Ibituruna, conforme dados do IEF/Escritório de Governador Valadares (Figura 10)

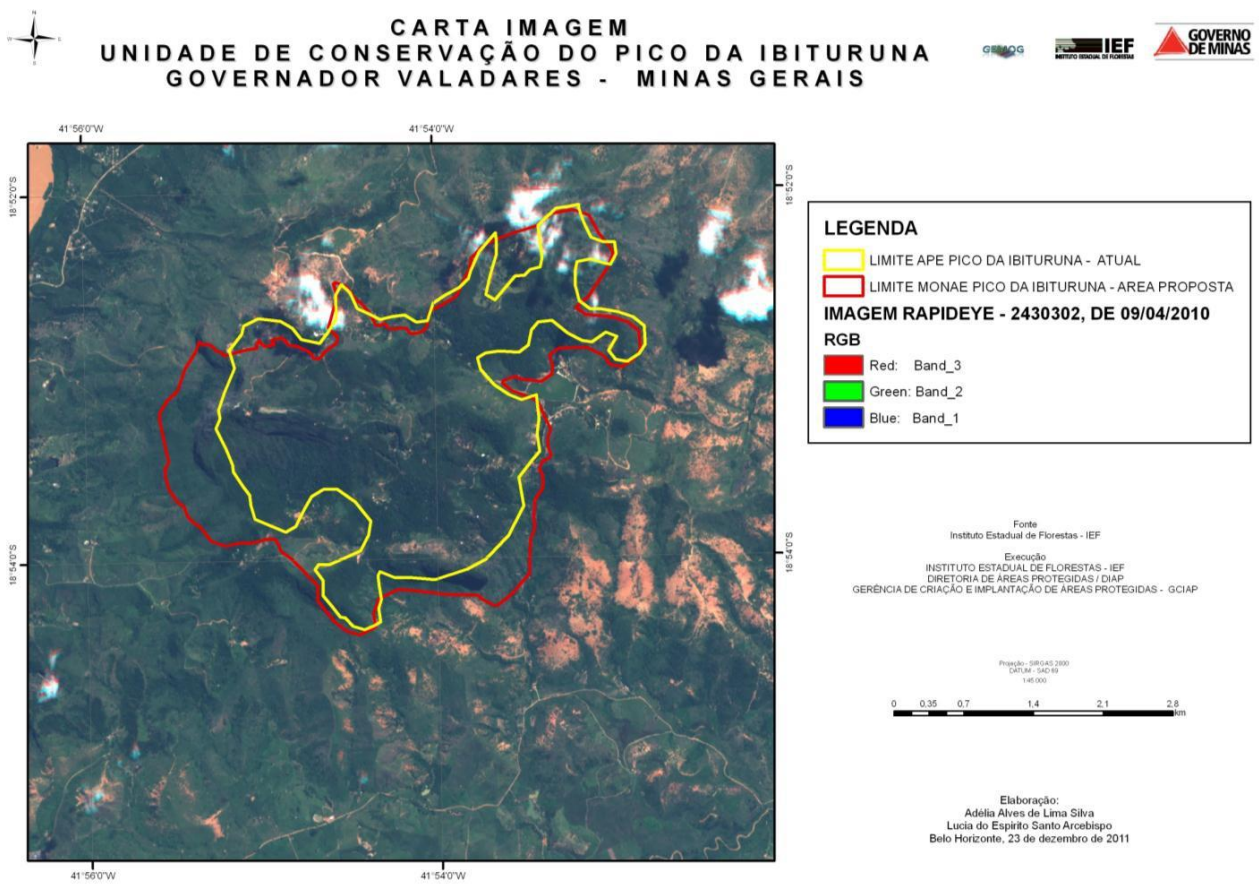


Figura 10: Carta imagem da Unidade de Conservação do Pico da Ibituruna. Fonte: IEF, 2011

### 3.3.1.2- População de Estudo

Três grupos, de sujeitos distintos, foram inseridos neste estudo, distribuídos em grupos da seguinte maneira:

Grupo A, 20 moradores com residência fixa no Pico da Ibituruna;

Grupo B, 40 praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro*;

Grupo C, 40 praticantes de *Mountain Bike*.

Considerando que na metodologia do DSC, com base na Teoria da Representação Social, assume que para que, numa dada formação sociocultural, se configure plenamente o espectro das diferentes ideias presentes, as mais e as menos compartilhadas, temos que dar todas as chances para que isso ocorra.

Não foi aplicado o Critério de Saturação. Segundo Lefevre (2010), com base em três argumentos apresentados a seguir, este critério não é recomendado em um estudo de DSC, considerando que:

#### Argumento 1:

A fundamentação teórica do DSC é a Teoria das Representações Sociais e, portanto, pretende-se com o uso dessa metodologia o resgate das ideias socialmente compartilhadas. Ora, se as ideias são compartilhadas é óbvio que vão naturalmente se repetir entre os sujeitos entrevistados. Mas o DSC, como colocado, pretende conhecer o quanto as ideias se repetem entre os entrevistados. Assim, pretende resgatar todas as ideias existentes e não apenas as que são mais presentes em um campo, e se o pesquisador parar suas entrevistas no momento em que julgar que as ideias começarem a se repetir a sua chance maior é de obter as respostas mais compartilhadas deixando de lado as menos compartilhadas. Na metodologia do DSC, com base na Teoria da Representação Social, assume-se que para que, numa dada formação sociocultural, se configure plenamente o espectro das diferentes ideias presentes, as mais e as menos compartilhadas, temos que dar todas as chances para que isso ocorra. (LEFEVRE, 2010, p. 49 e 50).

#### Argumento 2:

Nessa metodologia, para fins de análise dos sentidos dos depoimentos, se separa, como momentos distintos, a coleta do processamento e análise dos dados. Primeiro coleta-se todos os depoimentos da totalidade dos indivíduos a serem pesquisados, ou seja, do “n” previamente planejado, para só depois processar e analisar os dados. Isso é necessário porque no DSC as ideias semelhantes presentes em diferentes depoimentos são agrupadas em categorias comuns de sentido. Ora, para o adequado estabelecimento e denominação de tais categorias é preciso ir do geral para o particular, ou seja, é necessário ir até o fim dos depoimentos porque até o fim é possível ter uma visão global das ideias presentes, que é uma condição necessária para o adequado estabelecimento das categorias e para a inserção de cada depoimento na sua correspondente categoria. (LEFEVRE, 2010, p. 50).

### Argumento 3:

O DSC descreve as ideias presentes enquanto Representações Sociais, em forma discursiva, de modo a revelar seus conteúdos ideativos, bem como os argumentos e justificativas nelas presentes. Ora, para que estejam presentes todos os aspectos de uma representação socialmente compartilhada e, portanto, para que ela fique exaustivamente descrita como fenômeno sociológico e discursivo, é preciso um quantitativo adequado de “matéria-prima”, o que vai requerer a presença de uma determinada massa de depoimentos, o que não ocorre quando se usa a saturação, que busca a mera repetição delas. (LEFEVRE, 2010, p. 50 e 51).

Assim, para a realização das entrevistas, foram convidados todos os moradores residentes fixos na região do Pico da Ibituruna e todos os praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e do *Mountain Bike* da região de inserção do estudo.

Vale ressaltar que o convite foi feito aos que moram e aos que praticam o Motociclismo *Off-Road/Enduro* e o *Mountain Bike* dentro do limite da Unidade de Conservação do Pico da Ibituruna (Carta Imagem IEF/Governador Valadares, 2010).

Os moradores foram convidados pelos pesquisadores para uma reunião na Escola Municipal do Pico da Ibituruna, momento no qual a pesquisa foi explicada e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) entregues para leitura, apreciação, assinatura e devolução de uma das cópias. Nesta reunião uma lista de presença foi disponibilizada.

Em relação aos praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e do *Mountain Bike* a reunião foi realizada no “Ponto de Encontro”, lugar denominado por eles como local de encontro para as atividades esportivas.

Esta reunião teve os mesmos objetivos descritos anteriormente (Reunião com os Residentes Fixos), e a estes também foram entregues o TCLE e disponibilizada a lista de presença.

Para este estudo definiu-se como critério de inclusão que todos os incluídos deveriam ser:

- A) Maiores de 18 anos;
- B) Alfabetizados;
- C) Residentes fixos na região do Pico da Ibituruna ou praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e de *Mountain Bike* na região Pico da Ibituruna, porém não residentes na referida região;

D) Concordantes em participar da entrevista, assinando Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3.3.2- Plano de Coleta e Análise dos Dados

#### 3.3.2.1- Identificações e Mapeamentos

Para o mapeamento das trilhas e caminhos identificados para a prática do Motociclismo *Off-Road/Enduro* e do *Mountain Bike*, bem como para a identificação das casas dos residentes no Pico da Ibituruna situadas no entorno dessas trilhas e caminhos, foi utilizado aparelho de GPS (Global Position System) da marca Garmin, modelo Etrex Vista HCX. Utilizou-se o aplicativo GPS TrackMaker, disponível gratuitamente para uso sem fins comerciais.

Em um mapa, desenvolvido a partir do aplicativo Google Earth, disponível gratuitamente para uso sem fins comerciais, os dados obtidos a partir do aparelho de GPS Garmin Etrex Vista HCX e transcodificados através do aplicativo TrackMaker, cada trilha ou caminho foi representado por linhas e cada casa de residente por um ponto codificado, identificando dessa maneira sua localização espacial na região do estudo, porém garantindo a preservação da identidade do residente.

Em sua grande maioria as trilhas utilizadas para as práticas do Motociclismo *Off/Road* e do *Mountain Bike* utilizam área de pastagem, algumas delas apresentando desgaste significativo em sua cobertura vegetal (Figuras 11, 12, 13 e 14).

Na figura 11 observa-se a Trilha da Matinha, utilizada também por praticantes de Hiking e de Boulder. No interior da mata, localizada na base do Pico da Ibituruna, onde existe fragmentos de rocha utilizados para a prática do Boulder.

Na figura 12, a Trilha Beneton é utilizada para a prática do *Mountain Bike* – modalidade *Downhill* e Hiking, e a Trilha da Farofa, utilizada para a prática do Motociclismo *Off/Road/Enduro* e Hiking. Essa última trilha foi criada como alternativa para os motociclista uma vez que a utilização da Trilha Beneton atrapalhava a prática do voo livre. A Trilha do Macuco é utilizada para a prática do Motociclismo *Off/Road/Enduro*, *Mountain Bike* e Hiking.

Na figura 13, a Trilha do Village do Sol é utilizada para a prática do Motociclismo *Off-Road/Enduro*, *Mountain Bike* e Hiking. Essa trilha encontra-se com a Trilha Nova América. A Trilha Nova América é utilizada para a prática do Motociclismo *Off-Road/Enduro* e *Mountain Bike*.



Essa faz a ligação com a estrada que dá acesso à Comunidade do Córrego do Brejaúba. Neste espaço há um Campo Escola de Escalada em Rocha localizado na Comunidade do Córrego do Brejaúba, criado em 2003 pelo curso de Educação Física da Universidade Vale do Rio Doce por meio do projeto de extensão Programa de Geração de Emprego e Renda no Pico da Ibituruna (PROGERI/2003-2004). O local denominado Quintal do Adonias é destinado à prática da escalada em Rocha e Boulder<sup>19</sup>, criado a partir de iniciativa de alguns escaladores da cidade em acordo como proprietário.

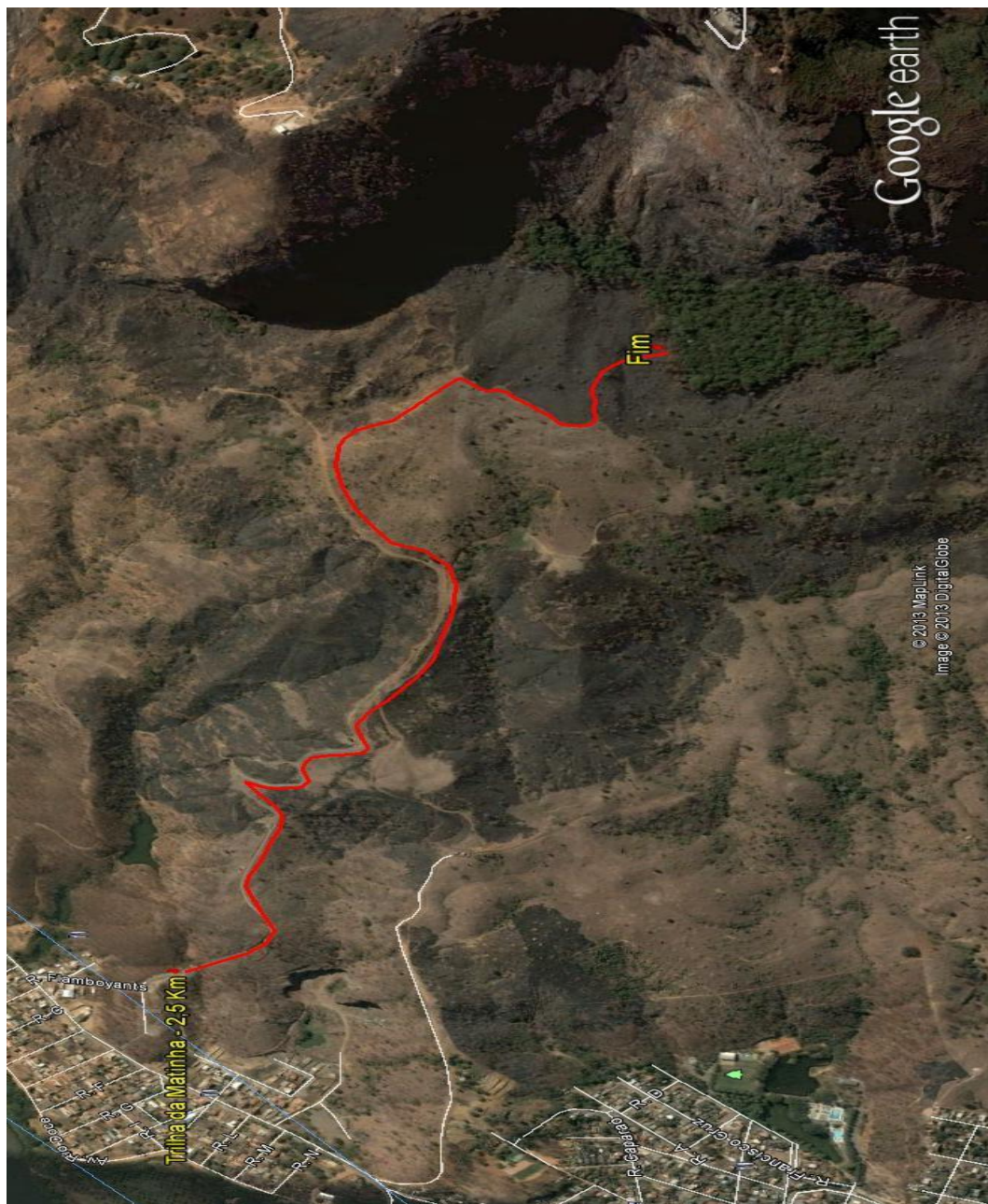
Na figura 14, a Trilha da Embratel é localizada na face norte do Pico da Ibituruna e utilizada para a prática do Motociclismo Off-Road/Enduro, Hiking e Mountain Bike (modalidades Cross-Country e DownHill. Nesta área, a prática do Mountain Bike se intensificou após a criação de uma Pista para a modalidade Cross-Country.

Na figura 15, a estrada de acesso à Comunidade da Córrego do Brejaúba que faz a ligação com a Trilha Nova América. Utilizada para a prática do Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike.

---

<sup>19</sup> Boulder: Escalada em pequenos blocos de rocha. Utiliza-se o Crash Pad (pequeno colchão) como equipamento de segurança.

Figura



11:

Localização da Matinha, espaço utilizado para a prática de Boudier. Imagem GoogleEarth – 10/07/2013.



Figura 12: Localização Trilha Beneton, Trilha da Farofa e Trilha do Macuco. Imagem GoogleEarth – 10/07/2013

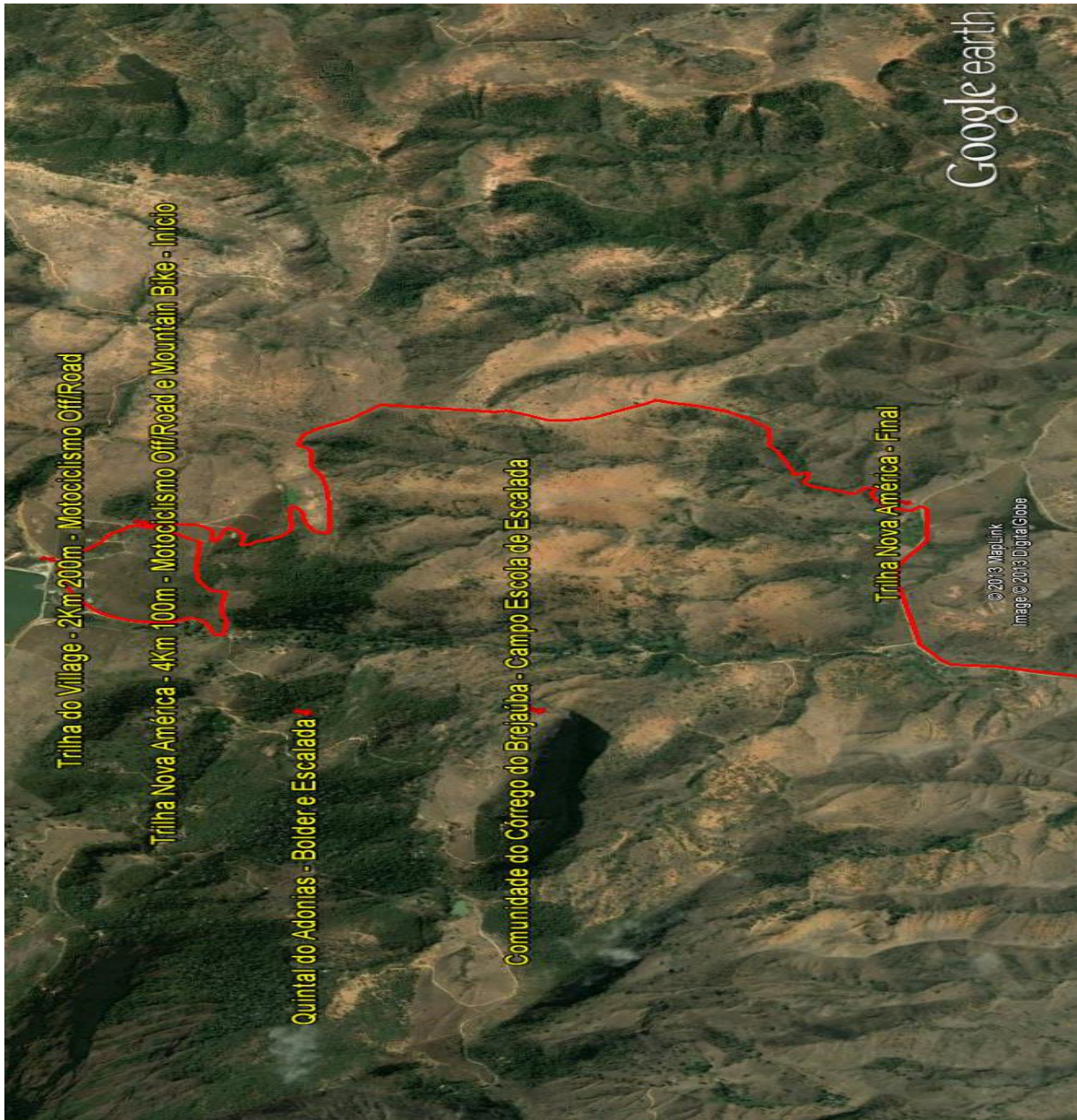


Figura 13: Localização Trilha do Village do Sol, Trilha Nova América, Comunidade do Córrego do Brejaúba/ Campo Escola de Escalada em Rocha, Quintal do Adonias. Imagem GoogleEarth – 10/07/2013



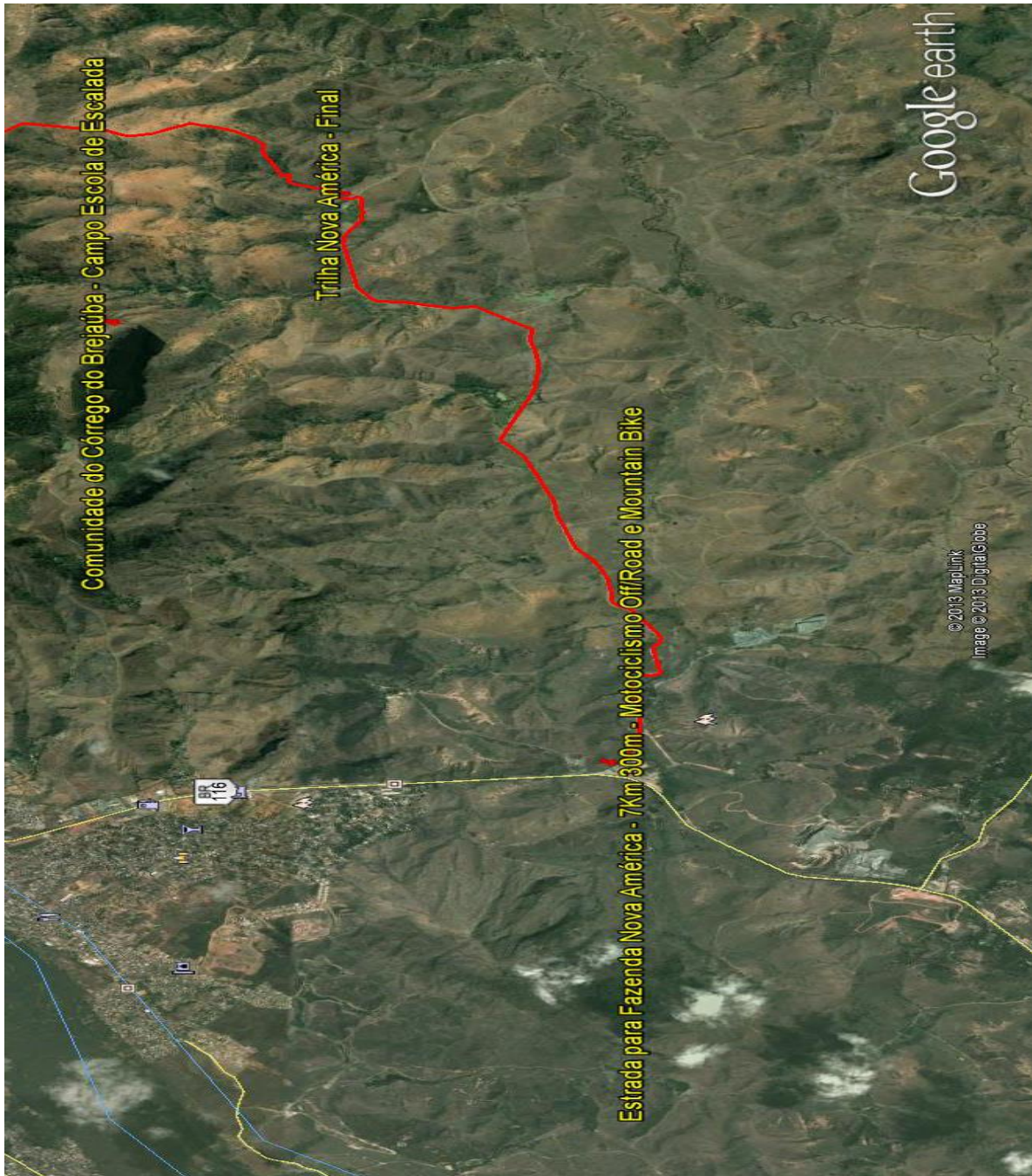


Figura 15: Localização da estrada de acesso à Comunidade do Córrego do Brejaúba, que faz ligação com a trilha Nova América. Utilizada para a prática do Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike. Imagem GoogleEarth – 10/07/2013

### 3.3.2.2- Entrevistas

Para coleta dos dados utilizou-se entrevistas individuais, estas gravadas em aparelho MP4 Digital Player da marca Foston, modelo FS – 66, e seu conteúdo transcrito na íntegra para posterior análise do conteúdo do discurso.

As entrevistas com os residentes fixos na região do Pico da Ibituruna foram aplicadas em sua residência, em dia e hora agendados por eles. Já as realizadas com os praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e do *Mountain Bike* aconteceram nos “Pontos de Encontro”, em dia e hora também agendados por eles. O tempo médio para a realização das entrevistas foi de 30 minutos.

Conforme Lefèvre & Lefèvre (2010) apresentam as seguintes vantagens:

A) Abordagem sujeito a sujeito, permitindo o resgate da opinião individual livre de qualquer interferência;

B) Permite ao entrevistador conduzir adequadamente a entrevista, observando se o pesquisado tem algo mais a dizer e cortando discursos inúteis no momento da entrevista;

C) Permite aflorar o discurso espontâneo e possibilita o resgate da opinião de populações que não têm a sua voz ouvida.

Como desvantagens têm que o tempo gasto para as realizações das entrevistas são sempre maiores, sendo necessário pensar inclusive no deslocamento até o local, o que também se reflete em custo.

Para suprir tais inconvenientes, trabalhou-se em grupo de pesquisa, incluindo estudantes de graduação voluntários, treinados anteriormente pelo pesquisador principal, possibilitando colaborar com a formação acadêmica em cascata.

Todos os três grupos de sujeitos (os moradores com residência fixa no Pico da Ibituruna, os praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e do *Mountain Bike*) responderam ao mesmo Roteiro de Entrevistas (Anexo 1).

Esta parte do estudo foi iniciada por um Cadastro do Entrevistado, que permitiu a obtenção de informações que serviram para a descrição do grupo, assim como um código numérico que contribuiu com a não identificação do participante.

Tal roteiro, elaborado com perguntas abertas sobre o tema do estudo e seus desdobramentos, foi dirigido ao indivíduo entrevistado isoladamente, em local preparado para oferecer boa acomodação.

Um estudo piloto foi realizado com 4 indivíduos praticantes de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e do *Mountain Bike*, cada um, e 4 indivíduos residentes, o que permitiu, através de análise dos resultados, definir os ajustes necessários para o estudo propriamente dito.

### 3.3.2.3- Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados coletados foi feito por meio do software QUALIQUANTSOFT, como proposto por Lefèvre & Lefèvre (2010), através do qual foi possível se chegar aos discursos coletivos acerca do tema Meio Ambiente no Pico da Ibituruna.

Produzidos os DSC's, por meio do Software QUALIQUANTSOFT, foi feita análise dos mesmos, com o objetivo de se identificar o conjunto das ideias, bem como suas ancoragens em torno das representações sociais de ambiente no Pico da Ibituruna por residentes fixos, por praticantes do Motociclismo *Off-Road/Enduro* e por praticantes do *Mountain Bike* no Pico da Ibituruna.

### 3.3.2.4- Considerações Éticas

Este estudo levou em consideração a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) através do parecer 381.166 (Anexo 2).

Antes do momento das entrevistas, que aconteceu de forma individual, foi explicado, tanto para o residente fixo quanto para o praticante de Motociclismo *Off-Road/Enduro* e o praticante do *Mountain Bike* na região do Pico da Ibituruna, a pesquisa da qual estavam sendo convidados a fazer parte, esclarecendo sobre os objetivos e procedimentos a serem adotados no estudo para alcançar os resultados esperados.

Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos entrevistados (Anexo 3), em duas vias, contendo descrição resumida da metodologia aplicada a esta pesquisa, além dos



riscos e benefícios provenientes da mesma, sendo uma das vias assinada e devolvida ao pesquisador. A outra via foi entregue ao entrevistado.

As informações obtidas através das entrevistas são consideradas confidenciais, estando as mesmas guardadas em arquivo próprio deste estudo sob a responsabilidade da equipe de pesquisa. As informações utilizadas nesta pesquisa garantem o anonimato dos participantes quando da divulgação dos resultados obtidos, a fim de se evitar qualquer risco ou dano moral aos mesmos.

**CAPÍTULO 4**

#### 4- O PERCURSO: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentaremos os resultados deste estudo, mostrando principalmente as entrevistas feitas com a população envolvida no estudo, pormenorizando acerca das Ideias Centrais e Ancoragens e suas relações com o problema investigado.

Por meio dos DSC's, produzidos a partir do Software QUALIQUANTSOFT, será apresentada a análise dos resultados, com o objetivo de se identificar o conjunto das ideias, bem como suas ancoragens em torno das representações sociais do ambiente no Pico da Ibituruna por residentes fixos, por praticantes do Motociclismo Off-Road e por praticantes do *Mountain Bike* no Pico da Ibituruna.

##### **4.1- Do espaço ao lugar: utilização do território e disseminação das “Próteses Humanas”**

Com o advento e o aprimoramento dessas ações e técnicas, cujo processo em si não pode ser responsabilizado pelo nosso modo de vida exploratório e poluidor, a humanidade vai paulatinamente transformando o espaço vivido, adicionando a este nova configuração. Primeiro, de forma lenta e sutil, imprimindo maior velocidade e profundidade à medida que as técnicas, entendidas como o "conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço" (SANTOS, 2002, p. 29), resignificando-o, transformando-o em lugar. Assim, os objetos contidos no meio não mais se determinam por si mesmos, sendo valorados e organizados segundo a lógica da ação humana para o seu uso, e o meio (antes "natureza natural") acaba se constituindo num sistema de objetos em que tudo possui intencionalidade e valor.

Em síntese, no meio natural as relações humanas com a natureza são pautadas pela "harmonia socioespacial" (SANTOS, 2002, p. 236), na qual através de uma relação antagônica e conflitante respeita a natureza herdada para se desenvolver o processo de criação de uma nova natureza.

Desta maneira, a ação antrópica sobre o espaço, e não mais sobre a natureza em seu sentido original (natural) torna-se cada vez mais poderosa e ao mesmo tempo artificial em relação a natureza em si. Essa artificialização do modo de interferir no espaço, transformando-o em lugares

carregados de intencionalidades e valor, funda o que o Santos (1998) denomina de *meio técnico*, que, por sua vez, inaugura o desequilíbrio ambiental.

Diante do exposto, pode-se afirmar que atualmente não existe mais um espaço natural na APA do Pico da Ibituruna uma vez que, de acordo com PITANO e NOAL (2009) [...] *mesmo as regiões mais remotas da terra, cujas condições de vida se mostram extremamente adversas, impedindo a habitação humana, são delimitadas territorialmente, mapeadas, pois vivemos num espaço repleto de objetos técnicos* (PITANO e NOAL, 2009, v.25, n.03, p.283-298).

Retornando ao local desse estudo, os sinais de descaracterização do ambiente natural no Pico da Ibituruna não se restringem apenas ao cume da montanha. Estes podem ser observados através das marcas deixadas no solo, decorrentes da presença humana.

Nas poucas áreas de mata atlântica observam-se sinais que acusam a presença do homem, seja pela utilização da mesma como área consorciada para pastagem ou em trilhas decorrentes da prática de atividades esportivas na natureza, das quais destacamos duas delas por considerarmos as de maior incidência e objeto deste estudo: rastros deixados pela prática do Motociclismo Off-Road e Mountain Bike.

O tempo e o espaço dão conta de expor que a região do Pico da Ibituruna, com sua beleza natural exuberante capaz de encantar visitantes e valadarenses, vem passando por processo contínuo de apropriação e uso desordenado do ambiente no qual as práticas esportivas do Motociclismo Off/Road e do Mountain Bike podem contribuir de alguma maneira para a descaracterização do ambiente natural.

Nas propriedades rurais, onde se manifesta principalmente as atividades agropecuárias, plantio de hortaliças e cultura de subsistência, o que nos chama a atenção é o grande número de barragens que represam a água, alterando significativamente seu fluxo, contribuindo para a alteração dos ecossistemas existentes.

Os residentes compõem um território já estabelecido, produzindo e reproduzindo territorialidades, carregadas de sentimento de pertencimento ao lugar, já que muitos são nascidos e criados na região, ocupando e exercendo práticas sociais conquistadas ao longo do tempo.

Os praticantes das referidas práticas corporais na natureza utilizam, também, o território dos residentes para efetivação de seus esportes e como forma de lazer, rompendo fronteiras territoriais,

territorializando e em muitas das vezes se apropriando do espaço sem que os proprietários tenham conhecimento prévio da sua presença originando daí possíveis conflitos territoriais.

Essas questões relacionadas à apropriação e dominação do território permitiram-nos buscar investigar sobre quais sentidos tem o meio ambiente para os que dele fazem uso, para então podermos compreender, a partir daí, com quais intencionalidades ele se apropria do ambiente natural para satisfazer suas necessidades esportivas, de lazer e laborais, para então analisarmos se estas relações estabelecidas com o ambiente são topofílicas, expressando um sentido de afetividade, ou seja, um sentimento positivo em relação ao mesmo.

## **4.2- Perfil dos entrevistados**

No total participaram da pesquisa 100 sujeitos, sendo estes distribuídos em três grupos distintos: a) 20 moradores residentes fixos na região do Pico da Ibituruna; b) 40 praticantes de motociclismo Off-Road/Enduro; c) 40 praticantes de Mountain Bike.

### **4.2.1- Territorialidades e a prática corporal do Mountain Bike**

Em Governador Valadares a prática do Mountain Bike caracteriza-se, principalmente, pela formação de grupos distintos que em sua maioria estão ligados a uma loja do ramo comercial voltado ao ciclismo, portanto sendo identificados, por associação, com o nome do estabelecimento comercial em questão. Como exemplo disso, seguem alguns destes grupos: Grupo da Bike Trilha, Grupo da Ibituruna Bike, Grupo da Casa Gomes, Grupo da Ciclone Bike.

Outros grupos existentes, e em atividade, surgiram a partir de sujeitos, em boa parte, dissidentes dos referidos grupos associados a um determinado estabelecimento comercial do ramo do ciclismo, que por razões várias – não pertinentes ao estudo em questão – se uniram em torno da “paixão” ou gosto pela modalidade esportiva.

Esses grupos organizam trilhas e passeios que são realizados na região de Governador Valadares. Alguns deles organizam também passeios envolvendo viagens que acontecem em regiões fora do município de Governador Valadares com o objetivo explícito de explorar outros ambientes, descobrindo novas paisagens e desafios existentes nos ambientes naturais.

Com o objetivo de elucidar melhor essa organização, bem como distribuição das práticas do ciclismo na modalidade Mountain Bike, segue quadro abaixo. (Quadro 2).

<b>Grupo</b>	<b>Associação</b>	<b>Dias da Semana</b>	<b>Trilhas e Caminhos mais utilizados</b>	<b>Característica</b>
Bike Trilha	Loja Bike Trilha	Terça-feira e Quinta-feira (Noturno) Sábados à tarde	Vulcão Córrego dos Pinto Rancho Miura Trilha de Alpercata Nova América* Derribadilha* Volta da Ibituruna* Rio Traíra* Trilha do Alface* Trilha da EMBRATEL* Trilha do Cigano*	Organiza passeios mais longos, do tipo Ciclo Turismo, providenciando toda infraestrutura e logística de transporte.
Ibituruna Bike	Loja Ibituruna Bike	Quarta-feira e Sexta-feira (Noturno) Sábado (à tarde)	Pega Rabo Casa Enterrada Trilha de Alpercata Nova América* Derribadilha* Volta da Ibituruna* Rio Traíra* Trilha do Alface* Trilha da EMBRATEL* Trilha do Cigano*	Limita-se às trilhas e caminhos no entorno de Governador Valadares.  Incentiva a participação de esposas e filhos dos ciclistas mais assíduos e com família constituída
Casa Gomes	Loja Casa Gomes	Terça-feira e Quinta-feira (Noturno) Sábados à tarde		
Ciclone	Loja Ciclone Bike	Terça-feira e Quinta-feira (Noturno)		

		Sábados à tarde		
Amigos do Pedal	Não associado a nenhuma loja	Sábado à tarde		
No Grall	Não associado a nenhuma loja	Terça-feira e Quinta-feira (Noturno) Sábados à tarde		
Pedala GV	Não associado a nenhuma loja	Dias de pedal não definidos, seguindo agenda de trabalho dos componentes		
Grupo dos Venâncio	Minas Moto	Terça-feira e Quinta-feira (Noturno) Sábados à tarde		As trilhas de sábado são dedicadas aos ciclistas do grupo que estão em um nível de condicionamento física mais elevado, ou seja, aos “atletas” que buscam performance e resultados

Quadro 2 – Grupo de ciclistas, trilhas e caminhos

Os proprietários, bem como os ciclistas, se mostraram disponíveis para a realização das entrevistas, sem apresentarem nenhuma objeção quanto à sua participação.

#### 4.2.2- Territorialidades e a prática corporal do Motociclismo Off/Road

Os grupos de motociclistas são formados, em sua maioria, por sujeitos que se associam pelo contextos de suas relações sociais. Poucos são aqueles associados a algum estabelecimento comercial do ramo do motociclismo. Em alguns poucos casos observa-se uma associação vinculada a alguma oficina do ramo.

Os grupos tem uma organização social mais estruturada através de cobrança de mensalidade, recursos estes revertidos para a manutenção, melhoria e estruturação de novas trilhas, o que nos leva a entender que são grupos fechados cuja participação independe do desejo puro e simples de se praticar o Motociclismo Off-Road. Difere assim do que ocorre no âmbito do Mountain Bike, no qual o ciclista se apresenta e sai para fazer as trilhas juntamente com o grupo em questão.

A receptividade em relação ao entrevistador muitas vezes ficou condicionada a um primeiro contato com um sujeito que detém certa liderança entre os praticantes da modalidade Motociclismo Off-Road.

Ao longo das entrevistas observou-se uma pressa em responder às perguntas e a necessidade, evidente, em afirmar que “nós não destruimos nada aqui, apenas fazemos nossas trilhas”. Fato que será mais bem elucidado no transcorrer das análises e discussões apresentadas a seguir.

#### 4.2.3- Territorialidades e os Residentes fixos

A população residente fixa na região do Pico da Ibituruna caracteriza-se quase que em sua maioria por famílias que vivem do contexto da agropecuária extrativista da cultura da subsistência.

Aquelas associadas à agropecuária são caracterizadas pela figura do patriarca que desempenha a função de vaqueiro, tendo esposa e filhos, além de, em alguns casos, agregados (irmão e/ou pessoas de parentesco associados à esposa).

O esposo, vaqueiro, trabalha cuidando do gado, contando-o e fazendo eventuais reparos em cercas e nas pastagens. Observa-se que não há o cultivo de plantações de hortaliças e árvores frutíferas. É como se a vida no campo se resumisse ao “cuidar do gado”.

O lazer para a família é quase que inexistente, a não ser para as crianças que brincam com brinquedos simples, quase sempre fabricados por elas próprias, além de atividades recreativas desenvolvidas utilizando-se do ambiente natural tais como correr, subir em árvores e banhar-se no córrego nos dias mais quentes. Há a prática do futebol sob a forma de “pelada de várzea” onde as balizas do gol são fabricadas por eles próprios com pedaços de madeira da sobra de alguma benfeitoria na fazenda ou em bambu.

Nos finais de semana é comum a ida a alguma venda pelo caminho para se tomar a “pinga” e colocar o papo em dia. Também se observa o costume de frequentar uma igreja, em sua maioria de cunho evangélico.

Durante a semana é o homem cuidando do gado, a esposa cuidando da casa e se responsabilizando pela ida dos filhos à escola. Não se observa a prática do desenvolvimento do artesanato e da culinária como mecanismo de complementação da renda familiar, ou seja, os



proventos advêm quase que exclusivamente do trabalho do vaqueiro, figurando o pai como o grande e único provedor.

Em alguns casos observa-se a prática da “troca” entre os homens, neste caso podemos citar: trocam-se cavalos, galinhas com e sem ninhada formada, arreios, bicicletas, dentre outros. Quase todos envolvendo troca direta ou estabelecendo-se um valor de “volta” na troca de bens e utensílios. Em outros, observa-se a preocupação em produzir produtos advindos do leite, como queijo e requeijão, além de doces como goiabada cascão e pé de moleque. Em outros é possível encontrar à venda pão caseiro, biscoitos, bolos e rosquinhas.

Aquelas famílias que vivem da produção de hortaliças é possível encontrar verduras e alguns legumes frescos colhidos na hora, além de frutas tropicais. Aspecto marcante é a hospitalidade. Ao longo do desenvolvimento deste estudo não encontramos uma porta sequer fechada. Pelo contrário, tão logo nos fazíamos apresentados a nós era oferecida a entrada na casa para uma boa prosa e um café. Na despedida, o convite para voltarmos!

Os resultados a seguir estão organizados de maneira a apresentar as Ideias Centrais – IC’s referentes a cada uma das perguntas constantes da entrevista realizada com cada sujeito que somam um total de 100 participantes.

Tendo em vista a grande quantidade de dados obtidos na pesquisa, os mesmos seguirão um critério com bases no Diagrama de Pareto (NÚCLEO DA EXCELÊNCIA PÚBLICA NO MARANHÃO, 2010) que permite separar os problemas, neste caso as Categorias, em poucos “vitais” e muitos “triviais”, facilitando a identificação dos aspectos prioritários aos quais devem incidir os esforços de melhoria. Trata-se de uma ferramenta de análise de dados que se apresenta em gráficos de barras verticais.

Portanto, neste estudo consideramos que quando a soma das frequências das categorias, por pergunta, tanto para Ideias Centrais quanto para Ancoragens, resultar em mais de 50% em relação ao total de entrevistados, as discussões mais detalhadas serão em relação às categorias de análise constantes nessa distribuição.

#### **4.3 – As Ideias Centrais e as Ancoragens em relação ao problema**

4.3.1- Questão 1: Tem sido muito discutida questões relativas ao Meio Ambiente. Para você, o que é Meio Ambiente?

**C** Local onde a gente vive 9 - 8,91 %

**D** Meio ambiente é tudo 9 - 8,91 %

**E** Vida 3 - 2,97 %

**F** Natureza 14 - 13,86 %

**G** Obra Divina 4 - 3,96 %

**H** Resposta não corresponde ao teor da pergunta 1 - 0,99 %

**I** Prevenção 1 - 0,99 %

**J** Meio ambiente é a terra e tu do o que tem nela 2 - 1,98 %

**K** Meio ambiente é a natureza e tudo o que tem nela 23 - 22,77 %

**L** É um local onde a gente sobrevive 2 - 1,98 %

**M** É tudo o que tem na natureza prá gente poder usar para poder viver 11 - 10,89 %

**N** Coisas que a natureza deu para usar quando precisarmos. 3 - 2,97 %

**O** É tudo o que tem na natureza. 6 - 5,94 %

**P** Meio ambiente é tudo o que tem na natureza e que ela nos oferece. 4 - 3,96 %

**Q** Meio ambiente é tudo que está a nossa volta, as árvores, os córregos, os rios, pássaros, folhas. 3 - 2,97 %

**R** Meio ambiente é tudo o que está a nossa volta. Não somente as questões relacionadas a natureza. 2 - 1,98 %

**S** Meio ambiente são as árvores, as plantas, os bichos e as aves. 2 - 1,98 %

**T** É todo espaço onde o ser humano está presente. 2 - 1,98 %

Aplicando o princípio de Pareto, temos as Categorias **D**, **F**, **K** e **M** somando um total parcial de 57 sujeitos que significam 56,43% das respostas atribuídas a todas as Categorias atribuídas nas respostas obtidas ao longo das entrevistas.

Para a Categoria **D** observou-se que em seu discurso os sujeitos afirmam ser o meio ambiente algo que é tudo. Porém, a ID de totalidade não é traduzida de maneira clara, ou seja, a expressão tudo pode englobar muito mais que se imagina, não havendo, portanto uma discriminação dessa “totalidade” atribuída ao conceito em si. Fica vago o sentido, uma vez que ao se atribuir ao conceito de meio ambiente como sendo tudo ao mesmo tempo pode o mesmo significar muito menos que se é na realidade.

Talvez a expressão “tudo” atribuída como conceito para o meio ambiente possa significar uma falta de clareza quanto ao mesmo, por parte dos entrevistados em relação a questão 1.

As Categorias **F**, **K** e **M**, neste caso, podem ser agrupadas por associação com a palavra Natureza. Os entrevistados, mais uma vez, buscando uma totalidade na compreensão do que vem a ser meio ambiente, associam à palavra Natureza o conceito máximo do que vem a ser meio ambiente, simplificando o mesmo com complementos tais como “é a natureza e tudo o que tem nela” e “É tudo o que tem na natureza prá gente poder usar para poder viver”.

De acordo com Dulley (2004), concluímos que falta clareza para os sujeitos entrevistados em relação às principais diferenças entre os conceitos de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos naturais e recursos ambientais.

Essa falta de clareza conceitual pode ser melhor identificada quando observamos as ID e as AC dos envolvidos que, em sua grande maioria, apresentam em seus DSC sobre O que é meio ambiente? uma característica peculiar, que é o fato de associar ao conceito traços de relações de consumo do ambiente.

Fato este que sinaliza para a necessidade de se trabalhar com a população de sujeitos que frequentam a região do Pico da Ibituruna para a realização de suas práticas corporais em ambientes naturais, bem como com os residentes fixos, o entendimento sobre cada um dos conceitos citados anteriormente, de modo que os envolvidos possam aplicá-los em suas análises de forma adequada, evitando-se a utilização indiscriminada de uns e outros, além de esse entendimento poder contribuir para uma melhor ocupação e uso do território do Pico da Ibituruna, mais racional, menos baseada no senso comum.

O fato de conceituar meio ambiente simplificando-o à natureza demonstra que o conhecimento sobre a mesma é superficial e simplificador, por mais amplo que se queira dar um sentido a ela nos discursos apresentados neste estudo.

A banalização da natureza como sendo o conceito de meio ambiente demonstra para nós que a ideia básica que se tem da natureza é a natureza que o homem conheceu e conhece, ou seja, de acordo com Lenoble (1969) não se trata da natureza em si, mas de uma natureza que é sempre pensada.

Neste sentido, sobre a natureza pensada, Lenoble (1969) esclarece que essa ideia é pensada no espaço e no tempo a partir de relações sociais.

Para Dulley (2004), a natureza em si não passa de uma abstração e o seu significado não é o mesmo para grupos sociais de diferentes lugares e épocas na história., afirmando que [...] não

*encontramos senão uma ideia de natureza que toma sentido radicalmente diferente segundo as épocas e os homens (DULLEY, 2004, p.2).*

*Desta forma, vamos entender que a ideia da natureza, de acordo com Dulley (2004), [...] pressupõe, com efeito, uma complexa aliança de elementos científicos (o que são as coisas?), morais (que atitude deve tomar o homem perante o mundo?) e religiosos (a natureza é o todo ou é a obra de Deus?).*

Podemos então concluir que o termo natureza, insistentemente utilizado pelos entrevistados para conceituar meio ambiente, ao mesmo tempo em que se aplica ao conjunto das coisas, designa também um princípio considerado produtor do desenvolvimento de um ser e que realiza nela certo tipo de ação.

Portanto, neste estudo, a conceituação de meio ambiente como sendo natureza pode ser um mecanismo que traduz as territorialidades de apropriação e dominação dos ambientes naturais no Pico da Ibituruna, por motociclistas, ciclistas e residentes fixos.

4.3.2- Questão 2: Quais questões você julga mais importantes para discussão sobre esse tema?

- A** Combate a incêndio – 1 - 1,00 %
- B** Preservação do meio ambiente – 14 - 14,00 %
- C** Desmatamento - 10 - 10,00 %
- D** Resposta não corresponde ao teor da pergunta – 5 - 5,00 %
- E** Discutir a questão da água – 11 - 11,00 %
- F** Poluição dos rios e o desmatamento – 2 - 2,00 %
- G** Poluição do ar - 3 - 3,00 %
- H** Água e desmatamento – 3 - 3,00 %
- I** Alteração do território em decorrência da prática do Motociclismo Off-Road – 1 - 1,00 %
- J** Conscientização das pessoas para as questões relacionadas ao meio ambiente – 9 - 9,00 %
- K** Desmatamento, caça no Pico da Ibituruna e construções irregulares – 2 - 2,00 %
- L** Não destruir o que está aí para a gente usar – 5 - 5,00 %
- M** Queimadas – 3 - 3,00 %
- N** Tem que discutir e arrumar tudo isso que eles andam falando todo dia – 3 - 3,00 %
- O** A questão da camada de ozônio – 4 - 4,00 %
- P** Destruição da natureza – 3 - 3,00 %

- Q** Aqui no Pico da Ibituruna o que precisa é discutir e definir as regras para o uso dos Espaços – 2 - 2,00 %
- R** Destruição do meio ambiente – 4 - 4,00 %
- S** A questão da água – 3 - 3,00 %
- T** Cuidar do meio ambiente – 1 - 1,00 %
- U** A questão da água e da terra – 1 - 1,00 %
- V** Cuidar da natureza não desmatando, não degradando e não matando os animais – 1 - 1,00 %
- W** Degradação do meio ambiente – 1 - 1,00 %
- X** Discutir a falta de consciência das pessoas – 2 - 2,00 %
- Y** A questão do lixo - 5 - 5,00 %
- Z** Tem coisa mais importante para discutir do que só ficar falando que tem que cuidar da Natureza – 1 - 1,00 %

Quando perguntados sobre quais questões ele julga mais importantes para discussão sobre o tema meio ambiente, os resultados referentes às categorias **B**, **C**, **E**, **J** e **L** (**B** Preservação do meio ambiente – 14 - 14,00 %; **C** Desmatamento - 10 - 10,00 %; **E** Discutir a questão da água – 11 - 11,00 %; **J** Conscientização das pessoas para as questões relacionadas ao meio ambiente – 9 - 9,00 %; **L** Não destruir o que está aí para a gente usar – 5 - 5,00 % perfazem um total de 49% das respostas e suas respectivas categorias.

A categoria **C** trata a questão do desmatamento e categoria **E** sobre a questão da água, porém ao analisarmos as ID e as AC em relação às mesmas podemos observar que os entrevistados associam estas à questão da preservação tal qual as demais categorias **B**, **J** e **L** e sempre relacionando suas preocupações com a preservação associada à continuidade do “poder continuar usufruindo do meio ambiente em benefício do próprio homem”, refletindo assim uma ideia de sustentabilidade.

Em breve pausa nas análises e discussões, em tempo, consideramos pertinente para o momento alguns esclarecimentos em torno da sustentabilidade e do discurso, aqui utilizados.

Neste estudo, apoiados em Lima (2003), sustentabilidade é compreendida como [...] *uma proposta em torno da qual gravitam múltiplas e diversas forças sociais, interesses e leituras que disputam entre si o reconhecimento e a legitimação social como “a interpretação verdadeira” sobre o tema (LIMA, 2003, p. 2).*

Neste sentido, concordamos com Lima (2003), quando afirma que [...] *a maneira como falamos e pensamos sobre um determinado tema afetam profundamente a vida social, condicionando nosso comportamento e experiência, nossa visão de mundo e, por fim, o próprio mundo que ajudamos a criar* (LIMA, 2003, p. 2).

Sobre o discurso da sustentabilidade, atrelado à questão da preservação do meio ambiente, Lima (2003) faz críticas acerca de suas implicações para a educação dos sujeitos, afirmando que:

[...] O discurso da sustentabilidade, apresentado ao debate público, apesar de padecer de diversos problemas não é uma construção ingênua. Revela, ao contrário, uma hábil operação político-normativa e diplomática, empenhada em sanar um conjunto de contradições expostas e não respondidas pelos modelos anteriores de desenvolvimento. (LIMA, 2003, p. 5).

Seguindo por esta linha de raciocínio, podemos perceber que entre os sujeitos entrevistados tal lógica de conceber o discurso da preservação, associado ao discurso da sustentabilidade, faz-se como um pano de fundo com fins de se garantir a continuidade de suas práticas corporais nos ambientes naturais do Pico da Ibituruna.

Desta forma, podemos observar no argumento de resposta do entrevistado **F** quando responde à pergunta 2, afirmando que:

[...] *Em primeiro lugar é a questão da sustentabilidade, que é usar os recursos que a gente tem acesso, mas de maneira que você deve usar de maneira correta para continuar tendo aquele recurso por um longo período de tempo. Então, a gente pode fazer uso desses benefícios sem trazer malefícios para a natureza. Se a gente fizer uso dos recursos de maneira a trazer malefícios para o meio ambiente consequentemente isso vai ser ruim para o ser humano também. O segundo ponto para mim é questão da conscientização da população, porque não basta ter o discurso da sustentabilidade e continuar destruindo o meio ambiente. As práticas do ser humano na natureza nem sempre correspondem ao discurso da sustentabilidade.* (Entrevistado F – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).

A preocupação com a questão da preservação é presente nos discursos dos três grupos, distintamente. Porém, é nítida a presença da característica de “transferência de responsabilidade”, ou seja, o sujeito entrevistado sempre coloca o problema da falta de preservação, e suas consequências, como sendo alguma coisa que decorre do outro, não identificando sua parcela de responsabilidade e contribuição sobre a mesma, decorrentes de suas ações no ambiente que frequenta.

Neste sentido, na análise das Ideias Centrais, podemos observar que o entrevistado **M**, em suas expressões-chave sobre a questão 2, responde:

[...] *A preservação. Depois é o usufruir bem o meio ambiente para a gente continuar tendo o meio ambiente podendo usá-lo, que seria alguma coisa sustentável.* (Entrevistado M – Praticante de Mountain).

Nesta direção, observamos também que o sujeito **R** formula em suas ideias centrais tal transferência de responsabilidade em relação às questões ambientais, quando responde:

*[...] Eu acho que é importante trabalhar melhor a educação das pessoas para que elas tenham uma consciência ambiental melhor. Para que não destruam como veem destruindo o meio ambiente. (Entrevistado R – Praticante de Mountain Bike).*

Quando analisamos a resposta à questão 2 de outro sujeito R, percebe-se que há uma incoerência no discurso da preservação e que esta talvez esteja associada a uma visão antropocêntrica de mundo, na qual o homem é o centro das atenções. Percebe-se em seu discurso que preservar é importante para o homem, não sendo levada em consideração a natureza em si.

Posto dessa maneira, podemos inferir que tanto para o sujeito R, quanto para os demais que dessa ideia compartilham, não importa o que se faz ao ambiente, nem tampouco em que grau irá ocorrer a ação do homem no mesmo, desde que seja bom para ele continuar vivendo e usufruindo dos recursos “disponíveis” para saciar suas necessidades e expectativas.

*[...] Eu acho que tem que se preocupar com a questão da preservação, porque preservar a natureza é muito importante para todos nós humanos. (Entrevistado R – Praticante de Mountain Bike).*

Nota-se que o discurso da preservação está diretamente relacionado à questão de consumo do ambiente no qual se encontra o homem, neste caso o ambiente usado por motociclistas, ciclistas e residentes fixos no Pico da Ibituruna. O que nos leva a entender que as preocupações com o meio ambiente em si estão longe de serem voltados para as questões ambientais propriamente ditas.

Conforme apresentado a seguir, podemos perceber que em seus discursos os sujeitos da ação utilizam-se dos jargões de época, em relação às questões ambientais, se expressando de maneira ditos “politicamente corretos”, porém sempre deixando clara sua manifestação de poder sobre os espaços utilizados no Pico da Ibituruna para realização de suas práticas corporais.

*[...] Eu acho bem importante a questão da preservação do meio ambiente, porque a poluição tem crescido consideravelmente e com o crescimento da poluição fica mais prejudicado o meio ambiente e as pessoas. Então, eu acho que como o grau de poluição tem crescido muito isso vai prejudicar ao meio ambiente e a quem depende dele. (Entrevistado A – Praticante de Mountain Bike).*

*[...] O que eu acho mais importante é a questão do desmatamento. A destruição das florestas não é uma coisa boa para nós, sem elas perdemos os animais e as plantas, os pássaros vão sumindo. Sem as matas as nascentes ficam minguadas e vão acabando com o passar do tempo, daí sem água como vamos viver. (Entrevistado J – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).*

*[...] Eu acho que é muito fácil ter as coisas e manter as coisas organizadas. Então, o ideal para ter um bom meio ambiente seria manter o equilíbrio entre o homem e o meio ambiente. Cada um tem que ter sua percepção sustentabilidade. De querer bem onde ele está. O meio ambiente é um bem comum, outras gerações tem o direito de ter ele também. (Entrevistado A – Praticante de Mountain Bike).*

*[...] É preciso trabalhar mais a ideia de conservação do meio ambiente. Porque do jeito que a coisa está, a gente vendo muita destruição do meio ambiente vai acontecer de acabar com o meio ambiente. Daqui a pouco não teremos mais natureza como a gente tem no Pico da Ibituruna para agente curtir. (Entrevistado S – Praticante de Mountain Bike).*

As territorialidades expressas nos discursos dos entrevistados demonstram claramente, conforme afirma Espindola (2011), que o território é espaço coletivo marcado por relações de poder, se refere aos lugares inter-relacionados, incluindo os percursos com seus pontos importantes e seus meandros, e as ligações superficiais, expostas e visíveis, às capilares, subterrâneas, invisíveis existentes no espaço.

Nesse sentido, ainda de acordo com Espindola (2011), os indivíduos e as coletividades territoriais mantêm com o território relações subjetivas, emaranhadas entre o sentimento de pertencimento partilhado coletivamente (“eu sou daqui”, “eu faço parte”, “eu pertenço a essa terra”) e o sentimento individual de apropriação (“isto é meu”, “minha terra”, “meu domínio”, “esse é meu povo”).

Questões estas que entendemos apresentarem-se de maneira mais explícita no transcorrer das análises e discussões acerca da questão 3, a seguir.

4.3.3- Questão 3: Que relações você estabelece com o Meio Ambiente no Pico da Ibituruna em suas práticas?

**A** Cuidado com o ambiente – 7 - 7,00 %

**B** Ambiente como "Pano de Fundo" – 19 - 19,00 %

**C** Preocupação com a preservação – 9 - 9,00 %

**D** Resposta não corresponde ao teor da pergunta - 1 - 1,00 %

**E** Não identifica o estabelecimento de relações entre seu dia-a-dia e o meio ambiente no Pico da Ibituruna – 18 - 18,00 %

**F** Relação de consumo do meio ambiente - 38 - 38,00 %

**G** Cata o lixo perto de sua residência – 2 - 2,00 %

**H** Dá presente para as crianças carentes que moram aqui na Ibituruna, conserta porteira – 1 - 1,00 %

**I** Não faço nada de ruim, procuro não agredir o meio ambiente – 5 - 5,00 %

As práticas corporais em ambientes naturais, decorrentes dos chamados “esportes na natureza”, ampliam as possibilidades de aproximação humana com o ambiente natural e isso vem ocorrendo em uma escala de consumo crescente, impulsionados pelo desenvolvimento e disponibilidades de novas tecnologias, bem como pela capacidade criativa nas formas de interação



com os ambientes naturais. Fato este que entendemos ser preocupante dada sua complexidade e amplitude.

Nesse sentido, com vistas na relação existente entre a intensidade com que ocorre essa aproximação e a capacidade de reação à mesma pela natureza, concordamos com Marinho (1999), quando diz:

[...] é possível afirmar que, em nenhum outro momento da história humana, fez-se tão necessário refletir sobre o relacionamento sociedade/natureza, tendo em vista, principalmente, a forte e atual aproximação humana ao meio natural no que se referem as mais variadas instâncias: econômica, social, política, religiosa, etc. (MARINHO, 1999, p. 37).

A questão 3, em análise, possibilitou-nos conhecer um pouco mais sobre como essa aproximação e relação homem/natureza vem ocorrendo no Pico da Ibituruna.

Em seus discursos os praticantes de Motociclismo Off-Road, praticantes de Mountain Bike, bem como os Residentes Fixos não se mostram ingênuos em relação às suas territorialidades no Pico da Ibituruna.

Pelo contrário, conforme afirma Lima (2003), “exercitam a hábil operação político-normativa e diplomática”, mostrando-se empenhados em si manter numa posição que, ao mesmo tempo em que os privilegia em relação ao outro os afasta da imagem de politicamente incorretos em relação às questões ambientais.

Podemos observar tal postura na síntese de ID, tais como:

*[...] Aqui tudo é meio ambiente. Aqui a gente planta procurando não usar o agrotóxico, nada que degrada. Na verdade, aqui a gente colabora, a gente ajuda, preserva o meio ambiente. A minha relação com o meio ambiente é essa, é cuidar. A gente não usa o agrotóxico mais. Antes a gente usava o padrão do IMA, então a gente usava o mínimo, mas agora a gente não usa nem mais o mínimo, a gente tá descobrindo algumas forma de deixar de usar até esse mínimo. (Entrevistada A – Morador Residente Fixo).*

Interessante nesse discurso é a demonstração clara de que não mais utiliza o agrotóxico, mostrando-se “politicamente correto” pelo fato de estarem buscando por novas alternativas.

Porém, neste caso específico, a “nova” alternativa para combater pragas na lavoura é fazer a mistura de folhas de fumo com cloro (a 65%) e aplicá-la na plantação, obtendo uma maior produtividade, possivelmente aumentando sua rentabilidade e diminuindo perdas e riscos decorrentes de pragas.

Nos discursos observou-se também que a apropriação e dominação do território do Pico da Ibituruna ocorre, na maioria das vezes, tendo o ambiente como “pano de fundo”<sup>20</sup> para realização das práticas do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike.

Outra questão que nos chama atenção é o fato da relação de consumo do ambiente, para a qual entendemos servir a estudos futuros no que tange à sua intensidade bem como os impactos decorrentes destas nos ecossistemas usados para tal fim.

Em relação ao “pano de fundo”, encontramos diversos discursos com afirmativas que elucidam melhor a questão, como por exemplo:

*[...] Quando eu estou aqui esqueço de todo o resto do mundo. Os problemas ficam lá embaixo na cidade. Entro para a trilha e adeus! Porque isso aqui é uma paz, você olha para um lado tem a pedra, do outro as trilhas. Daí é só acelerar e curtir a trilha. Olha, nós motoqueiros somos os que mais se preocupam com a natureza, o meio ambiente. É assim que eu me relaciono com a Ibituruna, gosto muito dela. (Entrevistado A – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).*

*[...] Olha, eu não fazia trilha. Mas, meus filhos foram crescendo e pegaram gosto pela coisa. Então, prá eu poder ficar um pouco mais junto deles, então eu comecei a fazer também. Então eu venho, faço a trilha com eles, a gente faz a diversão, porque acaba que fazer a trilha virou uma diversão para nós. Mas, acaba a trilha a gente senta ali no barzinho, toma uma cervejinha e vai embora. Quando a gente está na trilha a gente não pensa em destruir nada, a gente passa e vai embora, pronto e acabou. Não tem nada de ficar arrancando pau, cortando árvore e nem destruindo cerca dos outros. Então eu acho que assim nós estamos em harmonia com tudo isso aqui. (Entrevistado C – Praticante de motociclismo Off-Road/Enduro).*

*[...] Aqui é lugar muito bom para fazer trilha com moto. Eu sempre venho aqui, quase todo final de semana. Curto muito isso aqui, me trás uma sensação de dever cumprido vir aqui e fazer trilha. Relaxo muito. (Entrevistado D – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).*

*[...] Eu gosto muito de vir aqui na região do Pico da Ibituruna. Aqui tem boas trilhas para se andar de moto. Quando venho aqui, passo a semana toda mais disposto para o trabalho, é bom demais. Eu faço como os meus companheiros de trilha. A gente cuida da trilha para cada dia ela estar melhor para a gente poder andar e fazer a trilha. (Entrevistado M – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).*

*[...] O Pico da Ibituruna para mim é um lugar maravilhoso para fazer trilha, eu gosto muito de lá. Cada vez que vou lá para andar de bike descubro um lugar ou uma parte da trilha mais empolgante, por isso que faço um esforço para estar lá todo final de semana. Se você for lá todo dia, todo dia você encontrara um desafio diferente para se superar. (Entrevistada A – Praticante de Mountain Bike).*

É possível identificar nestes discursos que as múltiplas territorialidades que se concretizam no ambiente o têm como um lugar qualquer, ou seja, como outro que não fosse o Pico da Ibituruna para tal fim. O lugar explorado, dominado e apropriado poderia ser outro, o que importa é estar em um ambiente que oferece condições para se aventurar.

---

<sup>20</sup> A expressão “pano de fundo” é aqui utilizada seguindo a linha de raciocínio estabelecida por Vanreusel (1995), desenvolvida em seu artigo “From Bambi to Rambo: towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports”.

Agindo dessa forma, os praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro, praticantes de Mountain Bike, bem como os Residentes Fixos, demonstram-nos colocar suas preocupações com o ambiente em segundo plano, priorizando suas necessidades e expectativas em relação ao consumo daquilo que entendem estar disponível para eles.

A busca não é pelo lugar, mas pela satisfação própria, tal qual apresentado a seguir:

*[...] Eu trabalho a semana inteira, quando chega o dia de vir para a trilha fico até mais animado. É bom demais vir aqui e conseguir fazer a trilha completa, ainda mais quando dá tudo certo com a moto e você não cai e quebra alguma coisa nela. (Entrevistado J – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).*

Fato que reforça nossa hipótese secundária de que os sujeitos envolvidos neste estudo não estabelecem relações de topofilia com o ambiente. Este é colocado sempre em segundo plano no rol de preocupações destes praticantes das referidas práticas corporais em ambientes naturais, bem como daqueles que nele vivem.

Tuan (1983), quando tratando sobre o lugar e as relações de topofilia com o mesmo, afirma que:

*[...] A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 1980, p. 107).*

Neste sentido, a afirmativa de Tuan torna-se crucial para o momento, contribuindo mais uma vez para o entendimento de que as relações estabelecidas com o ambiente natural pelos praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike, incluindo também aqui os Residentes Fixos, necessitam ser investigadas e analisadas buscando o sentido amplo, ou seja, considerando na tarefa investigativa *todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural* (TUAN, 1980, p.109).

Seguindo por essa linha de raciocínio, considerando os laços afetivos com o ambiente, vamos compreender que a resposta ao mesmo ocorre de maneira variada, diferindo profundamente entre os sujeitos da ação no que tange a intensidade, sutileza e o modo de expressão individual em relação ao ambiente e esta variabilidade na resposta ao meio ambiente. Segundo Tuan (1980):

*[...] Pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentemente e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 107-111).*

Outra questão a ser observada, tida por nós como hipótese principal, é de que essas múltiplas territorialidades observadas na área de inserção deste estudo, conforme afirma Haesbaert (2005),

[...] além de incorporarem uma dimensão estritamente política em seu bojo, dizem respeito também, às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar”. (HAESBAERT, 2005, p. 3).

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado. (1986:219).

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (como é o caso do petróleo no atual modelo energético capitalista).

As relações econômicas podem estar associadas ao fato de novas possibilidades de práticas corporais esportivizadas pelo homem, que surgem a cada dia, serem frutos da racionalização do tempo e do espaço, bem como da modernidade imposta pelo consumismo.

Ainda, conforme Marinho (1999), essas novas possibilidades de práticas corporais associadas aos ambientes naturais são como ressonâncias da criatividade e da necessidade vital de mudança inerente aos seres humanos.

Fato que, diante de uma significativa demanda no que se refere a atividades esportivas em contato com a natureza, conduzem-nos a inúmeros questionamentos quanto ao significado de tais práticas, bem como suas inúmeras repercussões na vida humana e nos ambientes naturais.

Neste sentido, recorrendo mais uma vez a Marinho (1999), amparada em Vanreusel (1995), vamos compreender que o que se passa no Pico da Ibituruna em relação às práticas corporais envolvendo o Motociclismo Off-Road/Enduro e o Mountain Bike, traduzem para nós questões que merecem investigações mais aprofundadas, principalmente no que tange aos reais impactos ambientais provocados por elas.

De um lado um conflito entre atividade de aventura e natureza que pode ser traduzido em um problema de ordem teórico-conceitual para a área da Educação Física. Do outro, a prática pela prática, sendo esta responsável pela imagem predatória que pode ser associada aos praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike, uma vez que usam os recursos de maneira

desordenada e para satisfação de suas necessidades de consumo, não manifestando, em sua grande maioria, significativas preocupações com os ecossistemas locais.

O que, talvez, possa ser o resultado do comportamento de uma sociedade contemporânea, traduzido por práticas utilitarista em relação à natureza, e todos os seus recursos, no qual uma floresta é vista como reserva de madeira, a terra é rasgada e violentada para que se extraia metais, os animais são apenas fonte de alimentos e os mananciais aquíferos fonte de água para a sobrevivência humana.

Em tempo, no que tange ao “pano de fundo”, utilizarei aqui das discussões apresentadas por Marinho (1999) em artigo intitulado “Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? Nossas relações com (e na) natureza”, para as quais utilizou como eixo norteador as ideias de Vanreusel (1995), desenvolvidas em seu artigo “From Bambi to Rambo: towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports”.

Marinho (1999) ressalta que a democratização dos esportes ao ar livre originou o primeiro atrito visível entre a busca pelo esporte e a proteção ambiental. O aumento significativo deste tipo de atividade levou, inicialmente, a um número de conflitos em uma escala limitada e local.

Porém, a referida autora ressalta que os conflitos que até então se apresentavam em uma amplitude estritamente local se estenderam a quase todas as regiões que contêm características atrativas naturais, e isto fez com que, conseqüentemente, o que antes era tratado como um problema periférico passou a ser desenvolvido como um problema de ordem mundial, uma vez que o acesso a essas práticas que levam o homem ao encontro com a natureza foi ampliado a todos.

Com isso a prática de esportes na natureza vem sendo cada vez mais questionada, sofrendo críticas e em alguns casos (Ver Tabela – 1), restringida e até mesmo totalmente proibida.

Neste sentido cabe, portanto, questionamentos em relação às práticas dos esportes Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike no Pico da Ibituruna, tais como: Até quando os ecossistemas existentes no Pico da Ibituruna suportarão os impactos provocados por essas práticas corporais sem que atinja a sua exaustão, transformando as paisagens, tornando-as menos prazerosas e atrativas ao deleite humano? Dada a maneira como a ocupação dos espaços vem ocorrendo no Pico da Ibituruna, bem como as territorialidades advindas dessa, teremos a restrição e até mesmo a proibição dessas práticas no Pico da Ibituruna a fim de que mantenhamos o ambiente natural preservado e em alguns caso conservado?

Não cabe por ora, nem tampouco este é o objeto de estudo aqui tratado, estabelecer juízo de valor em relação aos praticantes das referidas práticas corporais. Porém, fato é que através dos discursos podemos identificar que os entrevistados, sejam eles os praticantes do Motociclismo Off-

Road/Enduro, do Mountain Bike e os Residentes Fixos, apresentam –se mal informados em relação às questões ambientais e sobre os possíveis impactos provocados por suas relações com o ambiente natural no Pico da Ibituruna.

É neste quadro que se pode perceber, de acordo com Vanreusel (1995), a emergência de um possível conflito entre esporte e natureza na região de influência desse estudo.

4.3.4- Questão 4: Como você vê a maneira com a qual as pessoas, que frequentam o Pico da Ibituruna, se relacionam com ele?

A Demonstram cuidado com o ambiente natural - 1 - 1,02 %

C Prefere Não Opinar - 3 - 3,06 %

D Mal educados – 12 - 12,24 %

E Resposta não corresponde ao teor da pergunta - 2 - 2,04 %

F Falta consciência ambiental - 5 - 5,10 %

G Relação de consumo – 8 - 8,16 %

H Está melhorando, mas ainda tem muita gente mal educada que visita o Pico da Ibituruna – 11 - 11,22 %

I As pessoas e os motoqueiros são muito mal educadas - 4 - 4,08 %

J Falta consciência de preservação - 4 - 4,08 %

K Ciclistas e motociclistas são muito mal educados, degradam o meio ambiente - 1 - 1,02 %

L Visitantes e alguns moradores são muito mal educados – 1 - 1,02 %

M Motociclistas não são bem-vindos. Invadem e estragam o terreno – 2 - 2,04 %

N Visitantes e proprietários de sítios são mal educados - 1 - 1,02 %

O A maioria das vezes as pessoas que vem aqui no Pico da Ibituruna não sabem cuidar desse lugar. Falta educação ambiental – 24 - 24,49 %

P Eu não falo nada de ninguém – 2 - 2,04 %

Q As pessoas jogam muito lixo pela trilha. Parece até que eles são farofeiros – 3 - 3,06 %

R Muita falta de educação. As pessoas não respeitam a natureza – 3 - 3,06 %

S A maioria das pessoas que veem aqui no Pico da Ibituruna não sabem o que é meio ambiente e nem as responsabilidades que deveriam ter com ele – 4 - 4,08 %

T A maioria dos frequentadores do Pico da Ibituruna não estão cuidando como deveria – 2 - 2,04 %

U Acho que nós motociclistas e o meninos das Bikes estamos cuidando direito da Ibituruna – 2 - 2,04 %

V A natureza é de todos, não pode ficar regulando o que você vem fazer aqui no Pico da Ibituruna – 3 - 3,06 %

A pergunta 4, e respectivas Ideias Centrais identificadas, abre para nós um campo fértil de análises, para as quais faremos distinção nos comentários para os praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro; praticantes de Mountain Bike; e Residentes Fixos.

Nas três categorias de entrevistados é possível observar uma postura que sugere, provavelmente, a transferência de responsabilidades em relação ao ambiente, levando-nos mais uma vez às reflexões acerca das territorialidades manifestas na região deste estudo, sejam estas voltadas ao campo da apropriação ou dominação dos espaços no Pico da Ibituruna transformando-os em lugar de realizações, dotando-o de significados.

Os Residentes Fixos manifestam em seus discursos certa insatisfação em relação aos praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro, além de ver no visitante alguém que não se preocupa com o lugar, levando-nos a reflexões no âmbito das territorialidades, considerando os aspectos da dominação e da apropriação na constituição política e social de um determinado território.

Em contrapartida, não afirmando aqui a existência de um conflito propriamente dito entre praticantes e Residentes Fixos, os praticantes das modalidades esportivas Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike também apresentam em seus discursos posicionamentos de crítica aos visitantes, bem como aos residentes fixos, no que diz respeito às relações destes com o ambiente natural do Pico da Ibituruna.

Entendemos que neste caso estamos diante de múltiplas territorialidades disputando um mesmo espaço, porém com significados diferentes e até mesmo antagônicos.

Neste sentido, buscando maior compreensão sobre o papel das territorialidades na dominação e apropriação do espaço, cabe ressaltar que territorialidade incorpora não somente uma dimensão política em relação ao espaço vivido, mas também está relacionada às questões econômicas e culturais, ocorrendo desta maneira, pois “está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (SACK, apud HAESBAERT, 2005, p. 3).

Portanto, com o olhar voltado para o espaço geográfico que compõem o território da APA do Pico da Ibituruna, e apoiados em Haesbaert (2005), “territorialidade pode ser vista como um componente de poder, não somente como meio de se estabelecer e manter a ordem, mas se manifesta como estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual experimentamos o mundo e o dotamos de significado”. (HAESBAERT, 2005, p. 2 – 3).

No sentido de elucidar e explorar um pouco mais nossas reflexões acerca das territorialidades e suas relações com o espaço vivido seguem alguns discursos que julgamos pertinentes para tal.

*[...] As pessoas que eu vejo indo no Pico para passear jogam muito lixo por lá. Acho que aquelas pessoas não tem educação. Elas não se preocupam muito com nós que moramos aqui e dependemos do meio ambiente para viver. É daqui que a gente tira o sustento para viver. Tem também os motoqueiros. Esses então são mais pior ainda. Olha só aquele morro dali, antes não tinha nenhum buraco como tá agora. Quando chove aquela terra tá descendo toda aqui prá baixo. Olha só esse córrego, tá que é pura lama no fundo, se você pisar ali atola até no joelho, é a terra lá de cima que tá vindo aqui para baixo. (Entrevista M. G – Morador Residente Fixo).*

*[...] Igual a gente tava falando, tem o problema da água. Então eu acho que essas pessoas que seguram a água nas represinhas elas tão prejudicando muito o meio ambiente aqui no Pico. Igual a eles, tem um monte de gente que vem aqui, principalmente nos dias de final de semana e feriado que atrapalha um pouco. Você veja bem, vem gente prá ir lá encima que chega lá e joga o lixo que eles trouxeram todo no chão. Outra coisa ruim é o barulho das motos. É praticamente a tarde toda do sábado. Ruim demais! E eles não respeitam nada, passam por cima de cachorro, atropela as galinhas da gente, sem contar que muitos deles acham que a rua é só deles e não desviam a moto da gente de jeito nenhum. Se você não sair fora eles tem pegam e isso pode até matar alguém. Mas, esse problema das motos é antigo, acho que isso nunca vai resolver, tem gente grande no meio deles, tem até polícia. Daí reclamar para quem. Num tem jeito né? Então é assim, eu vejo que as pessoas quando vem aqui no Pico não estão preparadas para estar aqui porque eles não fazem muita coisa boa para o lugar como deveria ser feito. (Entrevistada M – Morador Residente Fixo).*

*[...] Eu vejo que as pessoas que vem aqui encima elas não sabem lidar com esse lugar. Olha para você vê o que esses moços faz com as motos. Passam correndo demais na porta da gente. Antes as crianças brincavam por aí na estrada o dia todo. Hoje se deixar pode até acontecer uma coisa ruim com elas. Sem contar a falta de sossego, isso a gente não tem mais nos dia igual hoje (final de semana). A gente até já pediu, mas eles num importa com a gente de jeito nenhum. Tem dia que eles vêm aqui e o barulho é infernal. Eu vejo também, quando vou lá na cidade, que tem muito lixo espalhado pelo caminho, será que eles não aprenderam onde a gente joga o lixo. Parece que eles num tem educação ou então a educação deles é diferente da nossa. É muito esquisito isso! (Entrevistada F – Morador Residente Fixo).*

*[...] Eu vejo que muitas pessoas que vem aqui não tem educação para vir aqui. Eles chegam e vão entrando, parece até que não tem dono isso aqui. Os motoqueiros então são uma peste. Sem contar aquelas pessoas que vem e deixam o lixo todo deles esparramado no caminho. Tem muita gente boa, mas acaba que os poucos fazem um estrago danado que acaba atrapalhando muita gente. (Entrevista N – Morador Residente Fixo).*

Neste sentido, postura semelhante pode ser identificada nas respostas à mesma pergunta por parte dos praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike, quando assim discursam:

*[...] Algumas pessoas são mal educadas desde o berço. Por isso que eu disse ser necessário trabalhar a questão da educação ambiental. Não sei se as escolas de Valadares trabalham com os alunos o tema específico Pico da Ibituruna quando falam de meio ambiente. Em minha opinião, pelo menos nas escolas municipais deveria ser obrigatório trabalhar esse conteúdo com os alunos, que na verdade são os futuros cidadãos valadarenses. Essa educação ambiental é urgente, assim como a organização política do lugar, porque todo sábado eu vejo muito lixo jogado pela trilha. Pode ser que os motoqueiros estejam jogando lixo lá também, mas eu acredito que muito mais quem faz isso são as pessoas que vão lá só para passear. (Entrevistado C – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).*



[...] Tem muita gente que não tem educação quando vai no Pico da Ibituruna. Principalmente aquelas pessoas que eu vejo jogando lixo para todo lado. Todo ano os trilheiros fazem um movimento para catar lixo nas trilhas, e cada ano é mais lixo que agente tira do lugar. (Entrevistado A – Praticantes de motociclismo Off-Road/Enduro).

[...] As pessoas que não praticam o esporte sobem o Pico e geralmente eles deixam pelo chão latas de cerveja, lixo, coisas do tipo. Os praticantes de esporte, seja o voo livre, o mountain bike e o motocross, a grande maioria deles repreendem este tipo de ação, porque o Pico, se todas as pessoas que subirem lá deixarem lixo lá encima com certeza amanhã ou depois ficará difícil conviver em harmonia no Pico. (Entrevistado C – Praticante de Mountain Bike).

[...] A gente vê principalmente é o pessoal que não tem consciência, que vai lá desfrutar das coisas que a Ibituruna proporciona para a gente, principalmente aqueles que vão fazer uma caminhada, maltratando aquele meio ambiente do Pico. A gente que pratica atividades é diferente. Como eu havia dito, a gente vê plásticos no meio do caminho. Tem também o pessoal que põe fogo por falta de consciência. Nem todos têm a consciência de preservar e ver que aquilo ali é um recurso que pode vir a acabar. Alguns não cuidam direito, não preservam como tem que ser. Porque, praticar esporte também é preservar a natureza, principalmente em se falando de Ibituruna que é uma coisa maravilhosa, que a gente explora bastante, então a gente tem que preservar porque a gente tem isso dentro de nossa casa, em Governador Valadares, então eu acho que tem que preservar para continuar tendo por muito mais tempo ainda. (Entrevistado E – Praticante de Mountain Bike).

[...] As pessoas que não praticam esportes na Ibituruna parecem não gostar de lá. Acho que a atitude dessas pessoas irresponsáveis com o meio ambiente acaba denegrindo a imagem de pessoas que vão ao Pico da Ibituruna para praticar seus esportes. (Entrevistado P – Praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro).

Em nossa opinião o quadro que se apresenta reforça a premissa de que “todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico” (Haesbaert, 2005).

Interessante ressaltar o aspecto “continuum” com que se manifestam essas territorialidades na região do Pico da Ibituruna. As trilhas utilizadas pelos praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike cortam propriedades, estas carregadas de significados por parte do Residentes Fixos, sejam de caráter funcional ou simbólico, mas que sinalizam um sentido de pertencimento e de sobrevivência em relação ao território utilizado pelos outros sujeitos envolvidos no estudo, com por exemplo:

[...] Eu cheguei aqui era menina ainda. Aqui eu sempre procurei cuidar de tudo, meus filhos todos foram criados aqui. Sempre nós procuramos viver de forma que a gente possa continuar tendo isso aqui desse jeito. Num pode sair arrancando tudo prá não fazer nada depois com o que você fez. Então é assim, eu gosto desse lugar. Tem que cuidar de onde a gente gosta. (Entrevistada F – Morador Residente Fixo).

[...] Depois que eu nasci vim prá cá e não saí mais daqui. Quando eu casei, eu e meu marido viemos morar aqui nesse lugar que nós estamos agora. Aqui não tinha nada disso que você está vendo. Tá vendo aquele morro pelado lá adiante? Então, aqui era daquele jeitinho lá. Então nós fomos plantando umas árvores de fruta aqui, outra acolá. Plantamos uma hortinha, que hoje nós expandimos e fornecemos até para a cidade. Então é assim que eu vivo aqui no Brejaúba, a gente vai plantando sempre alguma coisa e não cortando o que tem para melhorar o meio ambiente. Outra coisa que a gente decidiu há muitos anos é não colocar mais criação, nem para leite. O gado estraga muito o solo, fica dura, onde o boi pisa não nasce nem lembrança do que foi. Então eu acho que tenho uma relação boa com o lugar onde eu moro com meu marido e meus filhos. Nós procuramos não destruir o que já tem e melhorar o que encontramos no início. (Entrevistada A – Morador Residente Fixo).

Vê-se aqui uma multiplicidade de interesses em jogo que devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações.

Nesta direção, afirma Sack (1986) que:

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo. Controla-se uma “área geográfica”, ou seja, o “território”, visando “atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (Sack, 1986:6 Apud. HAESBAERT, 2005, p. 4).

Posto desta forma, acreditamos serem necessários mais estudos que busquem investigar mais especificamente as territorialidades identificadas no Pico da Ibituruna, por praticantes de esportes em ambientes naturais e residentes fixos, no sentido de trazer maior clareza sobre os sentidos da apropriação e dominação dos espaços na região em questão.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## FIM DA TRILHA: HORA DE CHEGAR EM CASA, RECORDAR, PARTILHAR LIÇÕES APRENDIDAS NA CAMINHADA E SE PREPARAR PARA A PRÓXIMA EMPREITADA.

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as representações sociais do ambiente de residentes e de não residentes, estes praticantes do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike no Pico da Ibituruna, no sentido de identificar a funcionalidade e o simbolismo das territorialidades em relação a essas práticas corporais que utilizam o ambiente natural como espaço para suas realizações.

Por meio de quatro perguntas distintas buscou-se identificar o DSC que compõem cada uma delas, chegando assim ao desvelamento das territorialidades protagonizadas nas trilhas e caminhos existentes no Pico da Ibituruna, utilizadas para tal fim.

Os estudos empreendidos na pesquisa bibliográfica, as incursões em cada uma das trilhas e caminhos identificados como espaço de realizações das referidas práticas corporais, assim como as entrevistas possibilitaram conhecer, de forma mais consistente, algumas facetas da temática investigada, abrindo interessantes perspectivas de discussão no campo das práticas corporais em ambientes naturais.

Optou-se pela expressão “práticas corporais em ambientes naturais” pelo entendimento de que esta possui uma abrangência maior em consonância com a multiplicidade de atividades desenvolvidas e pelo fato de não serem vivenciados somente por esportistas profissionais.

Foi constatado que os sujeitos entrevistados não têm clareza em relação às principais diferenças entre os conceitos de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos naturais e recursos ambientais. Estes se demonstram confusos, por exemplo, quanto à diferenciação entre natureza e ambiente. Para se ter uma ideia mais clara em relação a esta “confusão” de conceitos, durante a realização do estudo piloto constatou-se ser de bom tom utilizar a terminologia meio ambiente ao invés de ambiente, uma vez que os sujeitos entrevistados, em todas as categorias, questionavam se a pergunta fazia referência a meio ambiente ou a ambiente, e neste caso, de qual ambiente nós gostaríamos que ele tratasse.

No que tange às questões mais importantes em relação ao tema meio ambiente (lê-se ambiente), os sujeitos da pesquisa demonstraram preocupação com a questão da preservação, dentre outras tais como o desmatamento na região e a questão da água. Em relação a estas é marcante a presença da característica de “transferência de responsabilidade”, ou seja, o sujeito entrevistado sempre coloca o problema da falta de preservação, do desmatamento e da água, como sendo algo que decorre da falta de cuidado do outro.

Além disso, ele próprio não identifica sua parcela de responsabilidade e contribuição sobre os problemas listados, tão pouco as consequências decorrentes de suas ações no ambiente que frequenta.

Para fazer frente a esta carência em relação aos saberes sobre questões ambientais acreditamos ser necessário o desenvolvimento de um processo contínuo de educação para o uso racional e consciente dos recursos naturais existentes, e que este seja capaz de distinguir com clareza e firmeza quais deles estão disponíveis para o uso e destinação às práticas corporais em ambientes naturais.

Para tanto, acreditamos ser emergente a execução de um Plano de Manejo na área de inserção da APA do Pico da Ibituruna, constituída desde 1983 sob o efeito do Decreto 22662, de 14/01/1983. Interessante ressaltar que, tecnicamente, para se criar uma APA o Plano de Manejo a antecede.

Sobre as relações que ele (os sujeitos entrevistados) estabelece com o meio ambiente no Pico da Ibituruna em suas práticas fica claro para nós que o ambiente em questão não passa de mero pano de fundo para a concretização de suas práticas corporais. O caráter funcional é marcado por relações de puro e simples consumo dos recursos naturais, mesmo no âmbito dos residentes fixos que se demonstram preocupados com a preservação no sentido de “até quando poderão continuar usufruindo de tudo aquilo que a natureza colocou à disposição do homem para ele sobreviver na terra”.

Em relação aos praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike, podemos afirmar que o ambiente natural no Pico da Ibituruna é para eles mais um palco destinado aos espetáculos que protagonizam com suas motos, bicicletas. O ambiente em si não é enxergado como tal pelos sujeitos envolvidos, trata-se de mais um recurso disponível aos desejos e necessidades do homem.

O caráter funcional identificado é preocupante, uma vez que, segundo Lefebvre “*tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação*”. (Lefebvre, 1986, apud HAESBAERT, 2005, p. 2). Unifuncional, o território não é múltiplo, diverso, atende à ordem hegemônica. Talvez aí resida a possibilidade de um possível conflito entre os praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike e os Residentes Fixos.

Contudo, podemos afirmar não haver sinais claros que sustentem haver topofilia nas relações entre os entrevistados e o ambiente natural. As preocupações dos praticantes, bem como dos Residentes Fixos, estão primeiramente voltadas ao consumo direto daquilo que, segundo eles,

está disponível na natureza, o que vem corroborar com nossa hipótese de que estes frequentadores e consumidores do ambiente natural na região do Pico da Ibituruna não estabelecem, em primeira instância, relações afetivas com a natureza e seus recursos existentes. Parece-nos que “usar” é a ordem hegemônica no espaço.

Quanto inqueridos na entrevista sobre como o outro, que também frequenta o Pico da Ibituruna, é visto por ele, identificamos que estes são percebidos como mal educados, que contribuem para a destruição daquilo que ainda resta de natural na região deste estudo.

Neste sentido, demonstram preocupação com a educação ambiental do outro, porém não se coloca como sujeito ativo nesse processo passando uma imagem de que são conhecedores de como lidar e cuidar do meio ambiente, e afirmam fazê-lo nas relações que estabelecem com o espaço.

A maioria dos entrevistados, independente de qual categoria seja, entende que os problemas ambientais presentes no Pico da Ibituruna decorrem da ação direta de terceiros que não sabem usar o que a natureza oferece para o homem. Neste caso, identificamos que apenas um dos entrevistados, da categoria Praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro, assume que suas práticas contribuem com a degradação dos ecossistemas existentes nas trilhas por onde passa com sua motocicleta, porém não consegue dimensionar a extensão e profundidade com que isso ocorre.

Concluindo, ao final dessa “aventura” pelas trilhas e caminhos no Pico da Ibituruna, aprendemos que:

- Fica claro que os sujeitos envolvidos neste estudo não estabelecem relações de topofilia em relação aos recursos naturais existentes no Pico da Ibituruna;
- As relações existentes entre os sujeitos dessa pesquisa, principalmente aqueles praticantes dos referidos esportes na natureza, e o meio ambiente no Pico da Ibituruna possuem traços marcantes de um consumismo exacerbado dos recursos naturais;
- A apropriação, bem como dominação dos ambientes naturais existentes no Pico da Ibituruna tem ocorrido de maneira desordenada, sem controle.

Portanto, entendemos ser pertinente para o momento sugerirmos a necessidade emergente de se desenvolver um Plano de Manejo, Regulação para o Uso e Processo de Educação Permanente dos frequentadores do Pico da Ibituruna, afim de que os recursos naturais ainda existentes não cheguem a sua exaustão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGGIO, A. J. Esportes de natureza e ecoturismo: possibilidades para a terra indígena de Mangueirinha, PR. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 112 - Septiembre de 2007

BAUMAN, Zygmunt, 1925- Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Tradução de: Identity: (conversations with Benedetto Vecchi).

BRUHNS, Heloisa. Lazer e Meio Ambiente: Corpos Buscando o Verde e a ventura.

CARVALHO, I. C. Territorialidades em luta: uma análise dos discursos ecológicos. Série registros, nº 9, p. 1-56, São Paulo: Instituto Florestal, Secretaria do Meio Ambiente, 1991.

CARVALHO, Marcos (1991) O que é natureza. São Paulo: Brasiliense.

Constituição Estadual de Minas Gerais, 1989, art.84. Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural de Minas Gerais: <http://www.iepha.mg.gov.br/institucional/legislacao/legislacao-de-protecao/constituicao-do-estado-de-minas-gerais-de-21-de-setembro-de-1989>; acessado em 9/10/2012.

DARIDO, Suraya Cristina et al. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIEGUES, Antonio C. (1996) O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec.

Diniz, Maria Cecília. As representações sociais da esquistossomose de escolares de área endêmica de Minas Gerais./ Maria Cecília Diniz. – Belo Horizonte : UFMG/FaE, 2002.

Dossiê de Tombamento do Patrimônio Cultural do Estado de Minas Gerais. IEPHA/MG. 2008. <http://www.iepha.mg.gov.br>. Acessado em 20/04/2012.

DUARTE, S. J. H. Opções Teórico- Metodológicas em Pesquisas Qualitativas: Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo. Revista Saúde e Sociedade. São Paulo, v. 18, n.4, p. 620-626, 2009.

DULLEY, R. D. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. *Agric. São Paulo, São Paulo*, v. 51, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2004. [www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-2.pdf](http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-2.pdf). Acessado em 21/07/2013.

FIGUEIREDO, R. P. Educação Física para Educação Ambiental: uma relação a ser construída na transitoriedade. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Brasília, 2002.

GOMES, K. V. C. Lazer e esportes na natureza e suas contribuições ao desenvolvimento socioambiental. *Políticas Públicas de Esporte e Lazer: Traços históricos*. Almir Liberato e Artemis Soares organizadores – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

GONÇALVES, C. W. P. Os (des) caminhos do meio ambiente / Carlos Walter Porto Gonçalves. 6. Ed. – São Paulo: Contexto, 1998. – (Temas Atuais).

GUIMARÃES, S. T. L. Paisagens: aprendizados mediante as experiências: Um ensaio sobre interpretação a valoração da paisagem. 2007. 160 f. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007. [www.rc.unesp.br](http://www.rc.unesp.br) acessado em 9/10/2011.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005.

HIGGINS, P. Outdoors recreation, outdorrs re-creationand the environment : which direction for outdorrs education ? Presential conference at the University of Oslo. January, 2000. Outdoor nature life in the 21°.

HOROCHOVSKI, M. T. H. Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica. Em Tese - *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (2), janeiro-junho/2004, p. 92-106. [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br) (acessado em 20/01/2012).

IBAÑEZ, T. Representaciones sociales: teoría y método. In: T. IBAÑEZ (Ed.). *Ideologías de la vida cotidiana*. Barcelona, Sendai, p. 14-90, 1988.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: S. MOSCOVICI (Ed.). *Psychologie sociale*. Paris, Presses Universitaires de France, 1984, p.357-378.



LEFEVRE, F, LEFEVRE, AMC. Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo / Fernando Lefevre; Ana Maria Cavalcanti Lefevre. – Brasília : Líber Livro Editora, 2010.

LENOBLE, R. História da ideia de natureza. Lisboa: Edições 70, 1969. 367 p.

LIMA, G. C. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. Revista Ambiente & Sociedade – Vol. VI nº. 2 jul./dez. 2003.

MACEDO, R. L. G. et al. Pesquisas de percepção ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em unidades de conservação. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2.; CONGRESSO NACIONAL DE ECOTURISMO, 6. 2005, Itatiaia. Disponível em: <[www.physis.org.br/ecouc/isncricoes.html](http://www.physis.org.br/ecouc/isncricoes.html)>. Acesso em 23 de novembro de 2011.

MACHADO, L. M. C. P. (org) Anais do 3º encontro interdisciplinar sobre o estudo da paisagem. Rio Claro, 11 – 13 maio. UNESP. 1998.

MAFFESOLI, M. No fundo das aparências. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MARION, J, WIMPEY, J. Managing Mountain Biking: IMBA's Guide to Providing Great Riding, a 256-page book produced by IMBA in 2007.

MARINHO, Alcyane. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. Conexões: educação, esporte, lazer. Campinas (SP): Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, n.3, p.33-41, dez/1999.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas (SP): Autores Associados v.22, n.2, jan/2001, p.143-153.

MASCARENHAS, Gilmar. “Uma Introdução à Geografia dos Esportes”, Scripta Nova - Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, marzo de 1999.

MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ:

MOSCOVICI, S. La Psychanalyse, son Image et son Public. Paris: Presses, Universitaires de France, 1976.

\_\_\_\_\_. On social representations. In: J.P.FORGAS (Ed.). Social cognition: perspectives on everyday understanding. London, Academic Press, 1981, p.181-209.

\_\_\_\_\_. Núcleo central das representações sociais. Petrópolis: Vozes 1996, 189p.

\_\_\_\_\_. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110p.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social / Serge Moscovici; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, 2ed.

NÚCLEO DA EXCELÊNCIA PÚBLICA NO MARANHÃO: Ferramentas de gestão pública –  
Versão 1 – Ano 2010.  
[http://www.dpe.ma.gov.br/dpema/documentos/gespublica/FERRAMENTAS\\_DE\\_GESTAO.pdf](http://www.dpe.ma.gov.br/dpema/documentos/gespublica/FERRAMENTAS_DE_GESTAO.pdf).

Acessado em 11/10/2013.

OLIVEIRA, Giselle Lopes Armindo de Prevenção e controle da dengue no município de Sabará/MG: análise de materiais educativos impressos e das representações sociais de agentes de controle de endemias. / Giselle Lopes Armindo de Oliveira. – Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 19, n. 55, June 2004 .

*PICKERING, HILL, NEWSOME & LEUNG. Comparing hiking, mountain biking and horse riding impacts on vegetation and soils in Australia and the United States of America. C.M. Pickering et al. / Journal of Environmental Management 91 (2010) 551–562. (journal homepage. acessado em 20/01/2012 [www.elsevier.com/locate/jenvman](http://www.elsevier.com/locate/jenvman)).*

PIMENTA, C. A. Atualização dos dados da Fauna Silvestre no Pico da Ibituruna. Associação Do Pico da Ibituruna – ASPI, 2009. <http://www.crbiological.com.br/biocapi>. Acessado em 20/06/2011.

PITANO, S. C. NOAL, R. E. Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jaques Rousseau e Paulo Freire. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.25 | n.03 | p.283-298 | dez. 2009.

RAFFESTIN, Claude. O que é o Território? In: Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993. pp.144-220.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo, Ática, 1993.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas (SP): Autores Associados, v. 18, nº2, 1997.

SÁ, C.P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. SPINK, M.J. (org.). O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.19-45.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais / Celso Pereira de Sá. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998.

SACK, R. 1986. *Human Territoriality : its theory and history*. Cambridge : Cambridge University Press. <http://socgeo.ruhosting.nl/html/files/geoapp/Werkstukken/Territory.pdf>. Acessado em 20/05/2011.

SANTOS, Milton (1998) A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_ (1996) Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec.

\_\_\_\_\_. A Dimensão Histórico-Temporal e a Noção de Totalidade em Geografia. In: Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo: Hucitec, 1997. pp.114-118.

SAQUET, Marcos A. Abordagens e Concepções de Território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SECA, J. M. *Les représentations sociales* , Paris, Armand Colin, 2002

SPINK, M. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18(1), pp.26-38. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Stokowski, P. A & LaPointe, B. C. Environmental and Social Effects of ATVs and ORVs: An Annotated Bibliography and Research Assessment. School of Natural Resources. University of Vermont, Burlington – 2000.

TEIXEIRA, F. A. e MARINHO, A. Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.536-548, jul./set. 2010. doi: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p536>.

TEIXEIRA, J. P. Esportes de aventura e meio ambiente: tematizando esses conhecimentos na Educação Física. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade Social da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física. FSBA, Salvador, 2005.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar : a perspectiva da experiência / Yi-Fu Tuan ; tradução de Livia de Oliveira. - São Paulo : DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO. Campus Presidente Prudente, disciplina cartografia. Capítulo III: Pilares da Cartografia. 2009. Presidente Prudente, São Paulo.

VANREUSEL, Bart. From Bambi to Rambo: Towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O. and SCHULZ, W. (eds.) Sport in Space and Time. Vienna: Vienna University Press, 1995.

VIOLA Eduardo; LEIS, Héctor. A evolução das políticas ambientais no Brasil, 1971- 1991: do bissetorialismo preservacionista para o multissetorialismo orientado para o desenvolvimento sustentável. In: HOOGAN, D. J.; VIERIA, P. F. Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável. Campinas: UNICAMP, 1995, p.73-102.

VITTE, A. C. (Org.). Contribuições à história e à epistemologia da geografia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Vozes, 2000.

YÁZIGI, Eduardo. A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.



Site acessados

Associação Brasileira de Voo Livre. [www.abvl.com.br](http://www.abvl.com.br). Acessado em 20/05/2011.

[www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa](http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa). Acessado em 09/07/2012.

SILVA, Lúcia Maria Alves e; GOMES, Edvânia Torres Aguiar; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Diferentes olhares sobre a natureza: representação social como instrumento para educação ambiental. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 10, n. 1, abr. 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000100006&lng=pt&nrm=iso)

[294X2005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000100006&lng=pt&nrm=iso)>.

acessos

em 14 jan. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100006.22>

Définissons les catégorisations et représentations sociales et la place que tiennent dans celles-ci les stéréotypes et les préjugés. <http://inter.culturel.free.fr/textes/rep soc.htm>. Acessos em 22 de janeiro de 2012.

[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/geral\\_interna/noticias/detalhe/20110812-2.html](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/geral_interna/noticias/detalhe/20110812-2.html). Acesso em 10/02/2013.



## Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação no Projeto de Pesquisa

**Universidade Vale do Rio Doce**  
**Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada de Território**



**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA:**

**“REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO MEIO AMBIENTE DE MORADORES E DE PRATICANTES DE MOTOCICLISMO OFF-ROAD/ENDURO E MOUNTAIN BIKE NO PICO DA IBITURUNA, GOVERNADOR VALADARES – MG”**

A equipe de pesquisa deste projeto convida o Sr. (a): \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ para participar do projeto mencionado acima.

**Equipe responsável:**

**Maria Cecília Pinto Diniz** (Pesquisadora Coordenadora, Laboratório de Microbiologia / UNIVALE) –  
 Tel.: (33) 3279-5981)

**João Batista Rodrigues da Silva Filho** (Mestrando do Curso de Pós-graduação em Gestão Integrada de Territórios / UNIVALE) – Tel.: (33) 3279-5937

**INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE:**

Você está sendo convidado a participar como voluntário em um estudo científico, realizado pelo Programa de Pós Graduação em Gestão Integrada de Território. Este estudo tem como objetivo analisar as representações sociais do meio ambiente de residentes e de não residentes praticantes do Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike no Pico da Ibituruna, Minas Gerais e será desenvolvida pelo grupo de pesquisadores acima descrito, entre os meses de agosto de 2012 a março de 2013.

Você foi selecionado por ser morador residente ou praticante de Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike no Pico da Ibituruna, por ser alfabetizado e maior de 18 anos. Você poderá recusar-se a participar ou mesmo dele se afastar em qualquer tempo, sem que este fato venha causar qualquer constrangimento ou penalidade por parte da instituição envolvida.

Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento. Para a coleta de dados será realizada uma entrevista individual, constando apenas da presença do entrevistador e do entrevistado. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita ressaltando que em momento algum você será identificado por nome ou apelido. O tempo previsto para a realização da entrevista está estimado em 40 minutos.

A sua participação na pesquisa será como voluntário, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico. A sua participação poderá envolver risco ou desconforto quando tratar de algum assunto



específico relacionado às suas práticas enquanto residente ou esportista de Motociclismo Off-Road/Enduro e do Mountain Bike. Preveem-se como benefícios a identificação de como as pessoas utilizam os recursos naturais existentes no Pico da Ibituruna.

Todos os dados obtidos no estudo serão utilizados somente para fins científicos. É importante que você saiba que as informações fornecidas serão CONFIDENCIAIS. Os seus dados pessoais ou qualquer informação que possa lhe identificar não aparecerão, de nenhum modo, em qualquer apresentação pública, e nem em qualquer tipo de publicação. Os pesquisadores se obrigam a não revelar a sua identidade em publicações resultantes deste estudo, assim como poderão interromper a sua participação a qualquer momento. Somente os pesquisadores envolvidos neste estudo terão acesso a estas informações, que serão utilizadas apenas para fins científicos.

Os resultados desta pesquisa poderão ser divulgados futuramente em veículos e eventos acadêmicos como congressos e revistas científicas, além de serem apresentados para a comunidade envolvida por meio de evento local.

Se você tiver dúvidas sobre essa pesquisa ou sobre sua participação, sinta-se à vontade para perguntar. Você poderá no momento em que desejar, antes, durante ou depois do desenvolvimento desse projeto, procurar os pesquisadores responsáveis nos telefones acima.

### **Declaração**

*Eu li este consentimento e me foram dadas oportunidades para esclarecer minhas dúvidas. Minha participação é inteiramente voluntária, portanto, concordo em participar e assino abaixo em duas vias.*

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

\_\_\_\_\_  
*Assinatura*

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do pesquisador responsável*

## Anexo 2- Roteiro de Entrevista

Universidade Vale do Rio Doce  
 Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada de  
 Território



### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**“Representações sociais do meio ambiente de moradores e de praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro e Mountain Bike no Pico da Ibituruna, Governador Valadares – MG”.**

Previsão de duração: 40 min.

#### Cadastro do entrevistado

**CODIGO:** \_\_\_\_\_

**Siglas:** Moradores Residentes Fixos (**MRF**), Praticantes de Motociclismo Off-Road/Enduro (**PME**) e Praticantes de Mountain Bike (**PMB**)

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Telefone de Contato:** \_\_\_\_\_

**Grau de escolaridade:** \_\_\_\_\_

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** \_\_\_\_\_ **Idade:** \_\_\_\_\_

#### TÓPICO 1 – Meio Ambiente

**Pergunta 1-** Tem sido muito discutida questões relativas ao Meio Ambiente. Para você o que Meio Ambiente?

**Pergunta 2-** Quais questões você julga mais importantes para discussão sobre este tema?

#### TÓPICO 2 – Práticas Esportivas

**Pergunta 1-** Que relações você estabelece com o Meio Ambiente no Pico da Ibituruna em suas práticas?

**Pergunta 2-** Como você vê a maneira com a qual as pessoas, que frequentam o Pico da Ibituruna, se relacionam com ele?

**Anexo 3- Aprovação Comitê de Ética**

UNIVERSIDADE VALE DO RIO  
DOCE/ FUNDAÇÃO PERCIVAL  
FARQUHAR- FPF

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Representações sociais sobre o ambiente de residentes fixos e de não residentes fixos praticantes de Motociclismo Off-Road e do Mountain Bike, na APA do Pico da Ibituruna, Governador Valadares, MG.

**Pesquisador:** Maria Cecília Pinto Diniz

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 15149713.0.0000.5157

**Instituição Proponente:** Fundação Percival Farquhar/ FPF

**Patrocinador Principal:** Fundação Percival Farquhar/ FPF

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 381.166

**Data da Relatoria:** 27/05/2013

**Apresentação do Projeto:**

Parecer Satisfatório.

**Objetivo da Pesquisa:**

Parecer Satisfatório.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Parecer Satisfatório.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é significativa e justificável. A pesquisadora apresentou, de forma clara a metodologia que será desenvolvida tomando o devido cuidado na abordagem com o sujeito da pesquisa.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos obrigatórios no projeto de pesquisa foram inseridos corretamente.

**Recomendações:**

A data de início do projeto que consta no TCLE deve ser ajustada de acordo com a data de aprovação do CEP.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências e/ou lista de inadequações.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP, em reunião extraordinária, acompanhou o parecer do relator e decidiu que o parecer do projeto avaliado é aprovado.

GOVERNADOR VALADARES, 02 de Setembro de 2013

Assinador por:  
Ivana Cristina Ferreira Santos  
(Coordenador)